

# A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA E O SEU IMPACTO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO PRIMÁRIO EM MOÇÂMEDES (ANGOLA)

**Bartolomeu Afonso**

**Tese de Mestrado em Administração e Gestão da Educação**

Orientação: Prof. Doutor Paulo Renato C. Jesus

Dezembro, 2019



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

## DEDICATÓRIA

À memória, do meu querido Pai, o Sr. António Afonso;

À memória do meu querido Pai espiritual,

o Reverendo Sr. Padre Jacinto Simon Martinez,

Dedico essa obra!

## AGRADECIMENTOS

O tempo passa, a história ciclicamente vai girando e os acontecimentos sucedem-se; mas as nossas realizações não são, nem podem ser, obras do acaso. Aliás, filosoficamente falando, existe sim a causalidade e não o acaso. Isto significa que toda a causa produz um efeito e todo o efeito tem uma causa!... Nesta conformidade, agradeço, *ex toto corde*, a **todas as pessoas** ligadas direta ou indiretamente a esse meu projeto que é um dos maiores da minha vida:

- ⇒ A Deus, Causa Primeira e motor imóvel de Aristóteles, que a tudo move, pelo dom e sentido da minha vida.
- ⇒ Ao meu Pai (eterno descanso), à minha mãe, aos meus irmãos que foram e continuam a ser os meus maiores educadores; convosco tem sido possível fazer da minha vida um caminho repleto de sentido!
- ⇒ Aos principais orientadores desta obra, o Professor Doutor Paulo Renato de Jesus e Doutora Olívia de Carvalho, pela confiança depositada no meu projeto, pela força, pela boa disposição que sempre os caracteriza.
- ⇒ A todos os professores da Pós-Graduação, que durante as aulas não pouparam esforços, fazendo longas viagens transpondo oceanos!
- ⇒ A todos os colegas da Pós-Graduação e Mestrado que na busca da ‘sofia’ comigo cruzaram a estrada da vida no tempo, nosso maior mestre!...  
Ao meu Bispo «a quo», Dom Óscar L. L. F. Braga; e o meu Bispo «ad quem», Dom Dionísio Hisiilenapo, pela formação humana e moral e pela compreensão e permissão nas variadíssimas e longas viagens consentidas na busca desse desiderato;
- ⇒ À Direção Provincial da Educação do Namibe, e à Direção do ICRA; às Direções das escolas da ZIP2, e às respetivas Comissões de Pais e Encarregados de Educação, pela compreensão e ajuda na pesquisa.

## **A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA E O SEU IMPACTO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO NO ENSINO PRIMÁRIO EM MOÇÂMEDES (ANGOLA)**

### **Resumo:**

O objetivo principal desta pesquisa consistiu em analisar as relações entre os agentes educativos no processo de ensino e aprendizagem (i.e., escola, família e comunidade, especialmente o Estado como promotor de políticas escolares). Para tal, tomamos o modelo de estudo de caso, centrado num contexto sócio-escolar concreto, ou seja, as três escolas de Ensino Primário da ZIP 2 de Moçâmedes (Angola). A amostra incluiu 73 professores, 65 pais e encarregados de educação (PEE) e 225 alunos da 6ª classe. Os instrumentos utilizados foram: Questionários sociodemográficos e Questionários sobre perceções das relações escola-família, construídos de forma diferenciada para os três subgrupos de participantes, i.e., Professores, PEE e alunos. Recorreu-se ainda ao estudo de documentos nas Secretarias das três escolas. Os dados mais relevantes que foram obtidos referem a dissonância essencial entre Professores e PEE no que respeita às responsabilidades específicas de ambos os grupos e à qualidade da participação parental. Registou-se um conflito interpretativo entre Professores e PEE, havendo um fenómeno de responsabilização ou culpabilização simétrica e, portanto, uma auto-desresponsabilização “parcial” de cada subgrupo. Observou-se ainda um leque reduzido de tipos de atividades de envolvimento parental – somente atividades do tipo 2, “Comunicação”, segundo a tipologia de Epstein. As conclusões enfatizam a necessidade de maior interação entre Professores e PEE para “corrigir perceções desequilibradas” e para implementar novas estratégias e iniciativas de carácter colaborativo, cobrindo os seis tipos de envolvimento parental. Além do estreitamento das relações Escola-Família, sublinhamos a complexidade interativa da ecologia sociocomunitária da Escola que poderá potenciar a conceção e execução de projetos cooperativos de alcance sistémico. Assim, poder-se-ia não só aproximar a figura do professor/a à figura do pai/mãe, mitigando a descontinuidade funcional entre a escola e a família, mas também envolver a escola e a comunidade na otimização dos processos de aprendizagem académica e desenvolvimento social, vocacional e cívico de todos os indivíduos e grupos em interação.

**Palavras-chave:** Relação escola-família; Envolvimento parental; Comissão de Pais e Encarregados de Educação; Gestão do Ensino Primário; Educação em Angola.

## **FAMILY-SCHOOL RELATIONSHIP AND ITS IMPACT ON THE TEACHING AND LEARNING PROCESS: A CASE STUDY ON PRIMARY EDUCATION IN MOÇAMEDES (ANGOLA)**

### **Abstract**

The main objective of this research was to analyze the relationships between educational agents in the teaching and learning process (i.e., school, family and community, especially the State as a promoter of school policies). For this, we adopted the case study model, centered in a particular social and institutional context, that is, the three Primary Schools in ZIP2 of Moçamedes (Angola). The sample included 73 teachers, 65 parents and 225 6<sup>th</sup> grade students. The instruments used were: Sociodemographic Questionnaires and Questionnaires on perceptions of school-family relationships, specifically designed to adjust to the three subgroups of participants, i.e., teachers, parents and students. The research included also the analysis of documents in the Administrative Offices of the three schools. The most relevant data obtained refer to the essential dissonance between teachers and parents regarding the specific responsibilities of both groups and the quality of parental involvement. The data showed an interpretive conflict between Teachers and Parents, and there was a phenomenon of symmetrical assignment of responsibility and guilt, and thus a “partial” self-denial of responsibility from each subgroup. In addition, one could observe a small range of parental involvement activities – only type 2 activities, “Communication”, according to Epstein’s typology. The findings seemed to emphasize the need for greater teacher-parent interaction to “correct mutually unbalanced perceptions” and to implement new collaborative strategies and initiatives covering the six types of parental involvement. Besides the strengthening of School-Family relations, we highlighted the interactive complexity and resourcefulness of the School's socio-community ecology that can enhance the designing and implementation of systemic cooperative projects. By doing so, one could not only bring the figure of the teacher closer to the figure of the parent, thereby mitigating the functional discontinuity between school and family, but also involve the school and the community in optimizing the academic and learning processes as well as the social, vocational and civic development of all interacting individuals and groups.

**Keywords:** School-family relationship; Parental involvement; Parents’ Commission; Primary Education Management; Education in Angola.

# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
<b>1. O SISTEMA EDUCATIVO ANGOLANO</b> .....	14
1.1. Referência ou enquadramento legal .....	14
1.2. Relação Escola-Família no sistema educativo angolano .....	15
1.3. As políticas educativas do Estado angolano.....	16
1.4. Políticas educativas do Estado na Província do Namibe .....	19
1.5. A organização do sistema educativo angolano .....	23
1.6. Sistemas educativos de participação parental e comunitária.....	23
1.7. O Caso da Província do Namibe (Angola) .....	24
1.8. Envolvimento das famílias no processo educativo .....	25
1.8.1. A Comissão de Pais e Encarregados de Educação (CPEE) .....	25
1.8.2. As diversas variáveis parentais diante da tarefa educativa.....	27
1.8.3. As famílias monoparentais e a educação dos filhos.....	29
1.8.4. A responsabilidade ou negligência dos pais diante da tarefa educativa.....	30
<b>2. A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA</b> .....	31
2.1. Escolas facilitadoras e escolas resistentes à interação família-escola .....	31
2.2. Expectativas das famílias em relação à escola .....	32
2.3. Famílias de classe socioeconómica baixa e média .....	33
2.4. Expectativas dos educandos em relação à escola.....	34
2.5. Relação escola-família na perspetiva de professores e encarregados de educação ..	35
2.6. O papel da escola na relação com as famílias .....	37
2.7. Possíveis obstáculos à qualidade da relação Escola-Família .....	38
2.8. A participação da CPEE no processo de ensino e aprendizagem .....	40
2.9. Participação e envolvimento das famílias na escola .....	41
2.10. Formação e atitude dos professores.....	44
2.11. Comunicação Escola-Família .....	46
2.12. Considerações finais à fundamentação teórica.....	47
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	49
<b>3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO</b> .....	49
3.1 Definição do problema e dos objetivos da investigação .....	49
3.2. Métodos da investigação .....	50

3.3. Relevância deste trabalho investigativo .....	51
3.4. Plano de Investigação.....	51
3.5. O agrupamento escolar ou ZIP2 como referente empírico .....	52
3.5.1. Caracterização da escola Pioneiro Zeca.....	52
3.5.2. Caracterização da escola Dr. António Agostinho Neto.....	55
3.5.3 Caracterização da Escola Hoji-ya-Henda .....	60
3.6. População e amostra .....	61
3.6.1. Caracterização sociodemográfica dos Professores .....	62
3.6.2. Caracterização demográfica e socioeconómica dos PEE .....	64
3.6.3. Caracterização sociodemográfica dos alunos .....	68
3.7. Instrumentos da recolha de dados .....	69
3.7.1 Inquérito por questionário aos Professores .....	69
3.7.2. Inquérito por questionário a Pais e Encarregados de Educação (PEE).....	70
3.7.3. Inquérito por questionário aos alunos.....	71
3.8. Procedimentos na recolha de dados.....	71
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>73</b>
4.1. Perceções dos professores .....	73
4.2. Perceções dos PEE .....	83
4.3. Perceções dos alunos .....	96
<b>5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>104</b>
5.1. A Perspetiva dos Professores.....	104
5.2. A Perspetiva dos PEE .....	106
5.3. A Perspetiva dos Alunos .....	111
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>125</b>
Anexo I – Pedido de autorização à Direção Provincial da Educação.....	125
Anexo II - Inquérito a Pais e Encarregados de Educação da ZIP2 .....	127
Anexo III - Inquéritos aos professores .....	133
Anexo IV - Inquérito aos alunos da ZIP2 .....	138

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Despesas Públicas no setor da educação a nível nacional.....	21
--	----

Quadro 2- Mapa de concursos públicos realizados na província do Namibe.....	22
Quadro 3- Mapa de controlo do pessoal docente e administrativo por Município .....	23
Quadro 4- Apresentação da rede escolar do Município sede.....	23
Quadro 5- Dados Estatísticos das escolas do Namibe, 2008-2015.....	24
Quadro 6- Barreiras à participação dos encarregados de educação.....	44
Quadro 7- Tipologia de envolvimento e de participação.....	47
Quadro 8- Esquematização da formação de professores.....	49
Quadro 9- Ilustração da formação contínua de professores .....	49
Quadro 10- Alunos matriculados na escola primária ‘Pioneiro Zeca’.....	60
Quadro 11- Funcionários da escola Primária Dr. António A. Neto.....	64
Quadro 12- Aproveitamento anual dos alunos/2017.....	66
Quadro 13- Distribuição e recolha dos questionários à escola Pioneiro Zeca.....	76
Quadro 14- distribuição e recolha dos questionários à escola Dr. António A. Neto.....	77
Quadro 15- Distribuição e recolha dos inquéritos à escola Hoji-ya-Henda.....	77

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Género (M/F) .....	63
Gráfico 2- Idade.....	63
Gráfico 3- Formação Académica.....	63
Gráfico 4- Anos de serviço.....	64
Gráfico 5- Anos que leciona .....	64
Gráfico 6 – Caracterização de Pais e Encarregados de Educação – Sexo (M/F) .....	64
Gráfico 7- Idade .....	65
Gráfico 8 - Grau de parentesco .....	65
Gráfico 9 – Agregado familiar .....	65
Gráfico 10 – Profissão/Ocupação .....	65
Gráfico 11 – Habilitações académicas .....	66
Gráfico 12 – Reside no mesmo bairro ou comuna do teu educando?.....	66
Gráfico 13 – Considerando que a sociedade angolana está subdividida em classes socioeconómicas , em que classe te incluirias? .....	67

Gráfico 14- Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento individual mensal?.....	67
Gráfico 15 – Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento individual familiar mensal .....	68
Gráfico 16 – CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS (Genero-M/F) .....	68
Gráfico 17- Idade .....	68
Gráfico 18- Profissão/ocupação dos pais .....	68
Gráfico 19- Com quem vives? .....	69
Gráfico 20- A relação entre PEE e professores é importante para o sucesso escolar do aluno? .....	73
Gráfico 21- a) Se sim.....	73
Gráfico 21-b) Desperta maior (...) .....	73
Gráfico 21-C) Fomenta colaboração (...) .....	74
Gráfico 22- Como classifica a participação dos encarregados de educação da tua escola .....	74
Gráfico 23- Na relação família – escola, a escola consegue fazer esforço de modo a melhorar a mesma em prol dos estudantes .....	74
Gráfico 24- A classe socioeconómica é determinante para o sucesso escolar do aluno -	74
Gráfico 25- Quais as classes sociais que mais participam no processo educativo do aluno? .....	75
Gráfico 26 – Quais as classes sociais mais informadas sobre as questões relativas à escola? .....	75
Gráfico 27 – Os Enc. De Educação estão ocupados para vir à escola participar em reuniões.....	75
Gráfico 28- Se respondeu sim.....	76
Gráfico 29 – Se respondeu não .....	76
Gráfico 30- Os professores devem preparar as reuniões com os Enc. De Educação.....	76
Gráfico 31- O seu projecto curricular de turma envolve a participação dos PEE?.....	77
Gráfico 32- Indique uma percentagem aproximada de Enc. de Ed. que vão às reuniões/actividades propostas por si.....	78
Gráfico 33- Qual será o papel do professor para uma boa relação família-escola.....	78
Gráfico 34 – A sua escola tem alguma preocupação com as famílias dos alunos? .....	78
Gráfico 35 – A relação família escola beneficia da representação dos Enc. da Ed. Em associação de Pais? .....	79

Gráfico 36 – Como classifica, de uma forma global, a escola onde lecciona? .....	79
Gráfico 37- Como classifica as condições físicas da escola?.....	80
Gráfico 38- Como classifica as condições humanas da escola? .....	80
Gráfico 39- Como a escola poderia melhorar? .....	80
Gráfico 40 – Em relação ao acto de educar o aluno, como deve ser realizado? .....	81
Gráfico 41- Para haver sucesso escolar e aprendizagem significativa (...) .....	81
Gráfico 42- O ambiente familiar é importante para o sucesso escolar do aluno? .....	81
Gráfico 43 – Que relação tem com os encarregados de Educação .....	81
Gráfico 44- Será que a relação do professor com os PEE influencia os resultados escolares do aluno?.....	81
Gráfico 45-Indique as razões que o levam a optar pela escola do seu educando.....	82
Gráfico 46 – Apoia o seu educando nos trabalhos de casa?.....	82
Gráfico 47- Se sim .....	83
Gráfico 48- Se não, qual é a razão?.....	83
Gráfico 49 – Na tua opinião qual é a importância dos pais na preparação dos filhos para a vida? .....	84
Gráfico 50 – Com que frequência fala com o professor do teu educando?.....	84
Gráfico 51- Considera que o teu horário laboral é funcional (...).....	84
Gráfico 52 – Colabora com frequência nas actividades/ reuniões da escola? .....	85
Gráfico 53- Se sim (...) .....	85
Gráfico 54- Se não (...) .....	86
Gráfico 55- Como classifica a sua participação na escola do teu educando?.....	86
Gráfico 56- Quanto maior participação do Enc. de ed. Na escola, melhores resultados .....	86
Gráfico 57- Não deve haver interferência entre professor e enc. de ed.(...).....	87
Gráfico 58- Como se deve melhorar a relação família-escola?.....	87
Gráfico 59-A relação entre enc. de ed. e professor é muito importante para o sucesso escolar do aluno? .....	87
Gráfico 60 – Se respondeu sim .....	88
Gráfico 61- Na sociedade actual a maior responsabilidade da educação de uma criança é da escola .....	88
Gráfico 62- O professor e a escola têm um papel importante na relação entre os pais e a sociedade .....	88
Gráfico 63- A escola deve incentivar as famílias a envolverem-se nas actividades ....	89

Gráfico 64 – O professor do seu educando costuma realizar actividades destinadas a integrar os PEE no processo educativo?.....	89
Gráfico 65- Sente por parte da escola alguma preocupação com a família?.....	89
.Gráfico 66- Tem conhecimento do regulamento da escola? .....	90
Gráfico 67- Considera que está representado (...) ? .....	90
Gráfico 68 – Se os encarregados estiverem representados (...) .....	90
Gráfico 69 – Sente-se informado(...) .....	90
Gráfico 70 – Se respondeu sim .....	91
Gráfico 71 – Como classifica, de uma forma global a escola (...).....	92
Gráfico 72 – Como classifica as condições físicas da escola? .....	92
Gráfico73 – Como classifica as condições humanas da escola .....	93
Gráfico 74 – Como a escola do seu educando pode melhorar .....	93
Gráfico 75 – Em relação ao acto de educar o aluno como deve ser feito? .....	93
Gráfico 76 – Para haver sucesso escolar (...) .....	94
Gráfico 77 – Qual a relação que tem com o seu educando? .....	94
Gráfico 78 – Será que a relação com o educando influencia (...) .....	94
Gráfico 79 – Como classifica a tua relação com a escola? .....	95
Gráfico 80 – Será a tua relação com a escola do teu educando influencia no resultado escolar do educando? .....	95
Gráfico 81- O teu encarregado de educação vem à escola para: Saber do teu aproveitamento escolar.....	95
Gráfico 82 - Saber do teu comportamento.....	96
Gráfico 83 - Conhecer sugestões para te acompanhar nos teus estudos .....	96
Gráfico 84 - Saber da tua assiduidade (faltas as aulas) .....	96
Gráfico 85 - Participar e/ou assistir as festas ou a outras actividades.....	97
Gráfico 86 - Assistir às reuniões de avaliação.....	97
Gráfico 87 - Tomar conhecimento se fazes os trabalhos de casa.....	97
Gráfico 88 -Achas importante que o teu encarregado de educação venha à escola?.....	98
Gráfico 89 - Achas que os encarregados de educação devem participar nas actividades da escola? .....	98
Gráfico 90 - É importante para o teu sucesso escolar a relação entre o encarregado de educação e os professores? .....	98
Gráfico 91 - Gostas da Escola? .....	99
Gráfico 92 - Idealmente como gostarias que fosse a tua escola? .....	99

Gráfico 93- Gostas dos teus professores? .....	99
Gráfico 94 - Idealmente como gostarias que fosse o teu professor? .....	100
Gráfico 95- Acreditas que a escola é fundamental para vires a ser um melhor adulto? .....	100
Gráfico 96 - Por quem deve ser feita a tua educação? .....	100
Gráfico 97 - Achas que a escola, a família e os alunos unidos melhoram a escola?.....	101
Gráfico 98 - Achas que a ajuda da tua família é importante para teres sucesso escolar? .....	101
Gráfico 99 - Para ter sucesso na escola, é importante gostar da escola? .....	102
Gráfico 100 - Qual a profissão que gostarias de ter no futuro? .....	102

## INTRODUÇÃO

No quadro da busca incessante de excelência no sector da educação, de acordo com as nossas constatações, enquanto docente pré-universitário e ainda nas funções de Diretor Diocesano para a Educação e Ensino na Província do Namibe, percebemos que o desejo e busca da excelência nesse sector passam necessariamente pela inovação e autossuperação. De acordo com Boia (citado por Martins Costa, 2010, p.14), as transformações sociais das últimas décadas deixaram marcas indeléveis em todos os campos da atividade humana incluindo o da Educação. Por isso, tentar perceber as atuais dificuldades da escola sem ter em conta toda a envolvência social, resulta em vão. O professor e a escola encontram-se inseridos dentro do tecido social: tanto os professores quanto os pais ou encarregados de educação são, cada um a seu modo, educadores e colaboram ou devem colaborar na educação dos ‘mais novos’ cidadãos.

Essas premissas supramencionadas colocam-nos numa esfera gravitacional de uma engrenagem que compreende a escola, a sociedade, as famílias e o aluno, como elementos a ter em conta na busca de excelência no sector da Educação. É necessário criar sinergias, buscar ‘parcerias’ e ‘redes’ de funcionamento, em fim, mais ousadia e inovação superando o consuetudinário, sob pena de o sector educativo permanecer estagnado no tempo.

O nosso trabalho está subordinado ao tema «A relação escola-família e o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem: Um estudo de caso no ensino primário de Moçâmedes (Angola)». O mesmo está subdividido em duas partes: a Fundamentação Teórica e o Estudo Empírico, tendo como contexto particular o agrupamento escolar ou ZIP2. Na primeira parte, apresentamos uma revisão da literatura científica que aborda a temática das relações escola-família e do sucesso académico. Analisamos diversas formas de relações e parcerias escola-família-comunidade: nomeadamente, redes de cooperação e Comissões de Pais e Encarregados de Educação (CPEE), orientadas para contínua colaboração e envolvimento em todo o processo educativo e escolar. No estudo empírico, expomos o plano metodológico, incluindo participantes, instrumentos e procedimentos, e apresentamos os dados obtidos junto dos três subgrupos de participantes, que, após a devida discussão, inspiram várias conclusões e recomendações pedagógicas.

Esperamos, com esse humilde trabalho, contribuir, à nossa medida, para a busca incessante da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, tarefa sempre inacabada, considerando a complexidade do próprio processo, porquanto envolve muitas variáveis condicionantes, quer do ponto de vista dos PEE, quer dos professores, ou ainda dos próprios sistemas e/ou políticas educativas gizadas pelos Estados de cada País.

## PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1. O SISTEMA EDUCATIVO ANGOLANO

#### 1.1. Referência ou enquadramento legal

É consensual a ideia de que a educação de um indivíduo é em primeira instância, tarefa dos Pais. A extensão dessa educação, que inclui a escolarização e outros subsídios sociais positivos é que concorre para a otimização e maximização da educação, o que chamaríamos de educação integral do ser humano. Portanto, uma das formas de educar é ensinar ou instruir, em articulação com a transmissão de valores e com o processo mais vasto de socialização.

Nos termos da Constituição da República de Angola, nos artigos 79, 80 e 81 no parágrafo 4, as crianças e os jovens gozam da proteção do Estado em colaboração com as famílias, quer para a salvaguarda dos seus direitos e liberdades fundamentais, quer para a prossecução dos objetivos da educação que se consubstanciam na instrução, socialização e integração do ser humano no tecido social com todos os seus direitos e deveres. A Legislação angolana sobre a família, por seu turno, no artigo 5º, inspirando-se na lei magna, a Constituição da República de Angola, parafraseia-a mostrando a necessidade do intercâmbio entre o Estado e a família para uma educação integral do ser humano.

O Ministério da Educação, através do Decreto Presidencial nº 16/11, de 11 de janeiro do Diário da República, aprova o estatuto do subsistema de ensino geral, no qual refere a necessidade da criação de órgãos de apoio, no artigo 38º, constando, nesses órgãos de apoio, além do conselho de direção, da coordenação pedagógica e do gabinete psicopedagógico, a Comissão de Pais e Encarregados de Educação (CPEE). É igualmente importante referir que esta lei de base do sistema de ensino «constitui o fundamento do subsistema de educação e visa conferir uma formação integral, harmoniosa e uma base sólida e necessária à continuação dos estudos em subsistemas subsequentes» (Decreto presidencial nº 16/11, de 11 de Janeiro de 2011 do Diário da República de Angola), em conformidade ainda com a Lei de Bases do sistema da Educação de Agosto de 2015, artigo 4º.

Esta bateria de Leis mostra, por um lado, a vontade do legislador angolano em organizar e harmonizar o sistema de ensino e, por outro, mostra a preocupação de

otimizar e maximizar os resultados positivos do sistema de educação cumprindo com os seus reais objetivos. Busca, por isso, a família como um aliado incontornável na árdua e nobre tarefa de educar. A educação de base ou educação fundamental parte de casa, do lar familiar, essencialmente através da “modelagem” ou “aprendizagem por observação de modelos” com os quais se identifica e cujos padrões comportamentais memoriza e reproduz (Bandura, 1986). No interior do sistema familiar, o ser humano assimila valores e crenças, de forma precoce, implícita e duradoira. Aí desenvolve, antes da escola, as suas “competências” psicomotoras, cognitivas, linguísticas e sócio-emocionais, dependendo do conteúdo específico dos “estímulos” ou dos “modelos” disponíveis, aprendendo códigos linguísticos complexos ou “restritos” (Maton & Moore, 2010), assimilando normas de respeito ou de rejeição pelos outros, adquirindo hábitos saudáveis ou patogénicos, etc.:

O objetivo da educação familiar para a vida é influenciar um forte sistema de valores que ponha em evidência as verdadeiras prioridades e auxiliar as crianças a adquirir, durante o seu processo de crescimento, as competências necessárias para desenvolver e manter relações satisfatórias e estáveis. (Kiura, Gitau & Kiura, 2014, p.9)

Ajuda-nos a fazer essa inferência o facto da novidade da inclusão de um dos órgãos de apoio do sistema de ensino, que é a CPEE. Com efeito, a qualidade da relação Família-Escola determina, em grande parte, o sucesso ou insucesso do sistema de ensino e aprendizagem que é, por assim dizer, a otimização e maximização dessa relação fundamental. A CPEE tem aqui o seu espaço de ação, porquanto é um órgão que operacionaliza a relação Escola-Família.

## **1.2. Relação Escola-Família no sistema educativo angolano**

Não há nenhum registo legal que oriente as relações entre a família e a escola antes do Decreto Presidencial nº 16/11 de 11 de janeiro de 2011 e do Regulamento *ad experimentum* das CPEE de 4 de dezembro de 2008. Parece-nos ter havido um vazio legislativo respeitante a essa área de intercâmbio importante como nos ajuda a pensar Carlinhos Zassala:

A inexistência de uma aliança funcional entre a escola e a família é um abismo que deve ser amenizado. O problema da educação que, como é trivial, pertence a todos os agentes que influenciam a vida do aluno, ficou reservada apenas para os dirigentes, responsáveis, técnicos e professores do Ministério da educação. Estes tornam-se protagonistas, únicos elementos no palco, deixando os outros, principalmente os pais, os Psicólogos e os sociólogos na plateia como meros espectadores. (Zassala, 2012, p. 19)

Não queremos atribuir à inexistência de uma ‘aliança’ escola-família as culpas para tudo o que até então não correu conforme o desejado, porquanto a relação de intercâmbio entre a Família e a escola é tão-somente uma ferramenta, tão valiosa embora, na consecução dos objetivos do processo de educação e ensino. Entretanto, queremos mostrar com esses argumentos que uma vez aqui chegados temos consciência da grave importância da contribuição de todos os agentes educativos na tarefa educativa de formar o homem integralmente; uma formação que não se esgota nos aspetos académicos mas que inclui os aspetos sociais, culturais, religiosos, antropológicos, enfim, uma verdadeira preparação do ser humano para uma inserção saudável na sociedade. No nosso entender, a concretização desse projeto, precisa não só da criação de condições infraestruturais, desde a escola, o espaço físico, condições de lazer, jardins, etc., como igualmente de um acompanhamento eficaz e uma presença amiga e encorajadora dos PEE, para poderem ultrapassar a fobia escolar e irem eliminando assim o fosso entre o clima familiar em casa e o novo clima escolar, sobretudo ao começar da vida escolar. Disse a propósito do Clima escolar Gaston Mialaret (1999, pp. 31-32): «O clima de uma turma, de um estabelecimento, age sobre as relações afetivas dos diferentes parceiros entre si: mestre/aluno; alunos entre si, professores/ pais». Essas variáveis mostram que os alunos precisam de se sentir bem tanto física como principalmente a nível psicológico para alcançarem o aproveitamento ou rendimento escolar.

### **1.3. As políticas educativas do Estado angolano**

De acordo com a abordagem clássica das políticas públicas de Yves Mény e Jean-Claude Thoenig (1989, citados por Van Zanten, 2011), “as políticas educativas podem ser definidas como programas de ação governamental estruturados a partir de valores e ideias, que se dirigem a públicos escolares e são implementados pela administração e pelos profissionais da educação”. Os Estados e a Educação nos nossos tempos são correlativos, ou seja, implicam-se. Pode-se mesmo chegar a condicionar o sucesso do sistema educativo às políticas de determinado Estado em relação à educação.

Os sistemas nacionais de educação evoluíram a partir dos paradigmas das escolas religiosas e substituíram as formas iniciais de ensino voluntário e particular transformando-se em sistema universal de educação obrigatório, massivo com a missão de responder às necessidades do Estado. Nos dias que correm, as ações dos Estados, o

seu papel na ação educativa e as suas políticas, bem como o seu grau de interesse em relação aos sistemas nacionais de educação, condicionam todo o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os investimentos dos governos que vêm do orçamento geral do Estado (OGE) dependem, outrossim, das circunstâncias sociopolíticas e económicas diversas. Nesta conformidade, não basta a boa vontade dos governos nacionais; não bastam os programas, por mais importantes e ‘ambiciosos’ que sejam. Será sempre necessário passar da teorização para a prática, das ideias às ações concretas. E tal desiderato só se atingirá com programas financiados na medida daquilo que se pretende e do grau das mesmas ‘ambições’. Imediatamente a seguir aos recursos económicos temos que considerar a necessidade incontornável dos recursos humanos que devem materializar esses programas.

No caso de Angola, de acordo com Carlinhos Zassala (2012), a primeira reforma no sector da Educação aconteceu logo a seguir à independência do País em 1975, no ano letivo de 1978/1979. Na sua perspectiva, essa reforma visava a formação de um homem angolano ‘novo’, desprovido de preconceitos e munido de uma bagagem intelectual suficiente para poder contribuir eficazmente para o desenvolvimento socioeconómico do País e dos outros povos da África e do Mundo. Quanto às prioridades atuais, em matéria de desenvolvimento da Educação, pode mencionar-se: a Alfabetização, a reforma do sistema educativo, a extensão e a consolidação da rede escolar existente, a formação e o aperfeiçoamento permanente dos docentes, Diretores de escolas e Inspectores da Educação, equipamento escolar, aquisição de meios didáticos e o melhoramento das condições sociais dos professores e dos alunos.

O Decreto Presidencial nº 16/11 que aprova o subsistema do ensino geral no capítulo Iº, artigo 3º indica os seguintes princípios do subsistema do ensino:

- ✓ **Obrigatoriedade** – O ensino primário é obrigatório para todos os indivíduos que frequentam o subsistema do ensino geral;
- ✓ **Gratuidade** – No ensino primário, é gratuita a inscrição, a assistência às aulas e o material escolar;
- ✓ **Democraticidade** – Consubstanciada na igualdade de direitos ao acesso e frequência ao ensino e na participação da resolução dos seus problemas;
- ✓ **Laicidade** – O sistema de educação é laico pela sua independência de qualquer religião.

De acordo com Carlinhos Zassala (2012), esses princípios legais do subsistema do ensino geral estavam presentes de alguma maneira na intencionalidade reformadora de 1975: «A política desta reforma era baseada nos princípios da nacionalidade,

laicidade, escolarização obrigatória, gratuidade, massificação, uniformidade do ensino, integridade da educação e a ligação escola-comunidade» (Zassala, 2012, p.25).

Estes princípios que norteiam o subsistema do ensino geral pelo governo Angolano refletem a sua preocupação e o seu engajamento com o setor social, nomeadamente o sector da educação visando o crescimento integral do cidadão nacional. Apesar disso, nem tudo tem corrido segundo as expectativas de todos os angolanos, nem mesmo para quem tem a responsabilidade institucional, aquela de tutelar o Governo e o setor da Educação, porquanto, nem sempre as boas intenções e os bons programas se repercutem em bons resultados, se considerarmos as variáveis económico-financeiras, agregadas a outras circunstâncias adversas, de guerras, epidemias, fome e pobreza – fenómenos cronicamente comuns em África subsariana – que condicionam esses bons propósitos e programas.

Na esteira destes pensamentos, a educação enquanto variável propiciadora dessa luta pela emancipação dos Países menos desenvolvidos na luta contra a fome e a pobreza, o que na minha perspetiva concorre para o bem ou estabilidade das famílias angolanas, deve assumir a sua parte com ‘ambição’ e seriedade, com o Estado a mobilizar todos os meios possíveis e disponíveis, internos e externos, materiais e humanos para lutar contra os males crónicos na África subsariana, aproximando-se o máximo possível dos objetivos definidos como metas a atingir neste Milénio. A educação e o ensino devem desempenhar o seu papel inovador e transformador da cidadania ativa e do desenvolvimento socioeconómico.

Um dos indicadores incontornáveis da mensuração do interesse dos Estados em relação à educação é o nível de mobilização dos recursos nacionais, humanos e financeiros, para a satisfação das necessidades desse setor. No quadro que se segue, José Manuel Zenha Relá (2008, p. 368), na sua obra “Angola, o futuro já começou,” apresenta os valores totais das despesas públicas feitas com a educação em Angola.

**Quadro1. Despesas Públicas no setor da educação a nível nacional**

	1997	1998	1999	2000	2001	2005
1.Total da despesa pública (SIGFE)	2242	881	2163	2409	3106	9757
2.Total da despesa pública (FMI)	4244	2169	4677	5213	4412	
3.Despesas com a educação	168	131	142	222	281	697

4. Importância relativa da educação	3,96%	6,04%	3,04%	4,26%	6,37%	7,14%
-------------------------------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

LEGENDA: **SIGFE** – “Sistema integrado de gestão financeira do Estado”

**FMI** – “Fundo Monetário Internacional”

Podemos constatar, neste quadro, uma quebra considerável nas despesas de 1998, seguida de uma ligeira recuperação em 1999, e mais adiante, um crescimento notável em 2000 e 2001, com valores praticamente dobrados em relação ao ano de 1999. Essas oscilações refletem, por um lado, a preocupação e o valor dado à Educação, mas mostram também, por outro lado, as debilidades económicas que condicionam as políticas educativas do Estado, porquanto só é possível passar de uma boa teoria para as práticas do interesse público com projetos bem concebidos, aliados às respetivas cabimentações financeiras que viabilizam e visibilizam esses projetos! Nessa perspetiva, o compromisso do Milénio, enquanto tentativa de geração de uma nova ideia de Globalização que assenta no combate à pobreza dos Países subdesenvolvidos e das suas respetivas famílias como variável estratégica para a construção do futuro passa necessariamente pelas ajudas financeiras a esses Países com financiamentos dos bancos como o FMI (Fundo Monetário Internacional) e outros com igual vocação para uma aplicação prática dessas ideias e programas de forma clara e concreta, com intenção de ver esses Países libertarem-se da pobreza em que se encontram. Mas, infelizmente, de acordo com José M. Z. Relá, quando nessa perspetiva se fala da fé de uns e a hipocrisia de outros, citando Mia Couto, não parece haver sempre claras intenções de benevolência como se pode ver no seguinte trecho:

O Mundo hoje está dividido entre os que dão e os que recebem, como se fosse uma condição natural, genética, perpétua. Nós, os recetores daquilo a que se chama ‘ajuda’, já tivemos outros nomes: Terceiro Mundo, Países em vias de desenvolvimento, territórios do Sul, Países subdesenvolvidos, Nações da periferia. Agora, no quadro do politicamente corrigido, nós temos, pela primeira vez, o direito de partilhar de um mesmo nome: somos ambos ricos e pobres, chamados ‘**parceiros**’. Este novo nome é mais simpático mas colide com uma questão: não se resolve nas palavras aquilo que não está resolvido na substância. (Zenha, 2012, p. 770)

#### **1.4. Políticas educativas do Estado na Província do Namibe**

Considerando tudo o que acima está dito, pode-se dizer que a Província do Namibe, sendo parte de Angola, não foge à regra, porquanto o Orçamento que as províncias recebem vem do **Orçamento Geral do Estado (OGE)** e esse valor é oscilante enquanto oscilar o OGE. Entretanto, à semelhança do quadro acima, temos igualmente

neste quadro, um mapa de concursos públicos realizados de 2003 a 2010, com números oscilantes e que ainda não satisfazem o nível de necessidades em quadros docentes que a província necessita. O recrutamento de novos professores implica custos financeiros e são onerosos para os cofres do Estado e implicam ajustes no OGE. Mais uma vez concluímos que quando o produto interno Bruto (PIB) do País é incipiente, os programas e as políticas do governo resultam igualmente fragilizados, ou seja, as oscilações da economia quer Mundial, quer de cada País, condicionam todas as outras políticas públicas dos Estados

**Quadro 2- Mapa de concursos públicos realizados na província do Namibe**

ANOS DE REALIZAÇÃO	PROFESSORES PRIMÁRIOS	PROFESSORES DO I CICLO	PROFESSORES DO II CICLO	TOTAL
2003	79	134	13	226
2004	41	24	5	70
2005	818	138	24	980
2006	112	53	16	181
2007	400	544	45	989
2008	505	250	54	809
2010	600	260	100	960
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>2555</b>	<b>1403</b>	<b>257</b>	<b>4215</b>

**Fonte:** Direção provincial da Educação Ciência e Tecnologia (DPECT) do Namibe (área de R.H)

**Quadro 3- Mapa de controlo do pessoal docente e administrativo por Município/2015**

Nº	Nome do Município	Pessoal do Regime Especial	Pessoal do Regime Geral	Total
1	<b>Moçâmedes</b>	4.668	350	5.018
2	<b>Tômbwa</b>	510	96	606
3	<b>Bibala</b>	541	49	590
4	<b>Camucuio</b>	175	1	176
5	<b>Virei</b>	126	7	133
<b>TOTAL GERAL</b>		<b>6.020</b>	<b>503</b>	<b>6.523</b>

**Fonte:** DPECT do Namibe (área de R.H).

Obs.: Pessoal do **Regime Especial** refere-se ao efetivo com categoria docente e Pessoal do **Regime Especial** refere-se ao efetivo com categoria não docente, mas em prestação de serviço no Setor da Educação.

**Quadro 4- Apresentação da rede escolar do Município sede**

Rede escolar (Município de Moçâmedes)							
NÍVEL DE ENSINO/ TIPO DE ENSINO	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Ensino Primário	48	38	41	39	34	34	43
Ensino Primário e 1º Ciclo	8	8	9	12	19	19	19
1º Ciclo Secundário Geral	8	7	7	8	10	10	10
1º Ciclo Técnico Profissional	0	0	0	0	0	0	0
2º Ciclo Técnico Profissional	3	3	3	3	3	3	6
2º Ciclo Secundário Geral	1	1	1	1	3	3	4
Formação de Professores	1	1	1	1	2	2	3
Alfabetização e Pós-Alfabetização							
<b>Total Geral</b>	<b>69</b>	<b>58</b>	<b>62</b>	<b>64</b>	<b>71</b>	<b>71</b>	<b>85</b>

**Quadro 5- Dados Estatísticos das escolas de Namibe, 2008-2015**

Anos	Nº de escolas
2008	179
2009	194
<b>2010</b>	<b>115</b>
2011	119
2012	126
2013	144
2014	147
2015	163

**Fonte:** DPECT do Namibe (área do planeamento e estatística).

Estes dados estatísticos ilustram o crescimento das escolas em quantidade e qualidade na província do Namibe. Com a aplicação da Reforma Educativa, levou-se a cabo um processo de unificação de escolas com menos de 6 (seis) salas de aulas a partir de 2010, passando de 194 escolas em 2009 para 115 escolas em 2010. Houve, portanto, uma diminuição considerável de 79 escolas - revelou a fonte acima mencionada.

## **1.5. A organização do sistema educativo angolano**

De acordo com Carlinhos Zassala (2012), o sistema de administração e gestão do Ministério da Educação é organizado em dois grandes níveis:

1º A Administração Central, composta por órgãos de apoio ao Ministro; de órgãos executivos centrais, cuja maioria é constituída por direções e departamentos nacionais dos diferentes tipos de ensino e por órgãos dependentes, tais como a Universidade Agostinho Neto.

2º A Administração Local, no interior de cada Província, Município e Comuna, incluindo uma secção municipal e/ou comunal da educação, dirigida por um chefe de secção, que tem a missão de aplicar os princípios e as orientações emanadas das instâncias imediatamente superiores.

A estrutura do sistema educativo compreende:

- ✓ A educação pré-escolar com a duração de um ano (classe de Iniciação), onde as crianças são admitidas com a idade de 5 anos.
- ✓ O ensino de base, organizado segundo duas estruturas paralelas:
  - 1 – O ensino de base regular, que é composto por 8 classes, repartidas em 3 níveis de formação a saber:
    - a) O primeiro nível de 4 classes (ensino primário);
    - b) O segundo e terceiro níveis de duas classes cada (ensino secundário, primeiro ciclo e segundo ciclo).
- ✓ O ensino de adultos é organizado em 12 semestres. O primeiro semestre corresponde à alfabetização, o quarto, à 4ª classe e o décimo segundo à 8ª classe do ensino de base regular.
- ✓ A formação profissional, subdividida em dois ciclos com a duração de dois anos cada. O nível de entrada exigido é a 4ª ou a 6ª classe, ou equivalente.
- ✓ O ensino médio técnico-profissional e normal (ensino secundário do 2º ciclo), com uma duração de quatro anos após o ensino de base.
- ✓ O ensino pré-universitário (ensino secundário geral 2º ciclo), que atualmente tem uma duração de três anos, concluído o ensino de base.
- ✓ O ensino superior com uma duração de 4 a 5 anos e que se subdivide em faculdades e institutos superiores, constituindo, no seu conjunto, a Universidade Agostinho Neto, a única Universidade Pública de Angola.

## **1.6. Sistemas educativos de participação parental e comunitária**

A educação é realmente um processo no qual intervêm diversos fatores a nível social. Ao nascer, somos acolhidos no seio de um grupo de pessoas mais ou menos alargado, que nos dá os primeiros passos no processo de socialização. Essa socialização vai-se tornando cada vez mais intensa, à escala da rua, do quarteirão, do bairro com todos os amigos da nossa faixa etária e não só; e mais tarde ao nível de outras instituições socioculturais, como a Igreja e, depois, a Escola. Nessa ordem habitual, desenrola-se o processo evolutivo e gradativo da socialização do ser humano. Assim, de acordo com Snyder & Shane (2009, p.341), a “escolarização” (ou “educação escolar”)

constitui um conceito que denota a importância de toda a comunidade no processo educativo.

Destarte, pode-se falar de sistemas ou estratégias na tarefa educativa do ser humano, uma vez que ele é um produto não só dos pais, na linha hereditária, mas o é também em relação a toda a sociedade. Em conformidade com Stoer e Silva (2005, citado por Martins Costa, 2010, p.92):

O sistema educativo de participação parental é um sistema educativo que confere aos pais e encarregados de educação a representação nesse sistema educativo como membros de pleno direito em órgãos das escolas e, eventualmente a outros níveis. Todo o sistema educativo num regime democrático exigirá o envolvimento dos Encarregados de Educação, visando a defesa dos mais altos valores e competências da cidadania. Pede-se hoje aos sistemas educativos, sobretudo aqueles que estão relacionados com a participação parental, em regime democrático, que formem cidadãos competentes e capazes de autonomia em julgar a realidade do Mundo, elaborando sínteses perante as tensões que caracterizam as sociedades dos nossos dias, numa cultura pessoal estruturada, apta a peneirar a informação preservando os valores e as referências de cada um.

Os conceitos de «*parceria* e de *rede educativa*» (Agnès 2011, p.662) encontram aqui um enquadramento teórico consistente. Pois, se, por um lado temos múltiplos intervenientes no processo de socialização e maturação do ser humano; temos, por outro lado, a necessidade de conjugar ou coordenar de forma sistémica e eficaz as mesmas instituições de forma a garantir eficácia, sob pena de tornar confusa a multiplicidade saudável dos intervenientes socializantes do ser humano.

No que respeita à ação pública ou comunitária em Educação, Pascal e Garnier (referidos por Agnès, 2011, p. 622) defendem políticas públicas que aproximam e ligam a escola à comunidade e à vida com expressões eloquentes: «fazer juntos» e «governança escolar»! Entretanto, mesmo que os termos **parceria** e **rede** pertençam ao mesmo campo semântico, eles têm uma necessária distinção qualitativa: a ideia de “parceria” exprime, de maneira geral, um acordo, uma exigência de coordenação entre diversos atores e a ideia de “rede”, por seu turno, remete para um conjunto de conexões múltiplas, flexíveis e sistémicas. Essas duas maneiras de pensar as interações sistémicas em educação e na escolarização concorrem para a eficácia dos processos pedagógicos.

### **1.7. O Caso da Província do Namibe (Angola)**

A Província do Namibe, no que respeita à participação da comunidade bem como dos Pais e encarregados de educação tem uma longa história que é narrada e

enquadrada no contexto nacional. Depois da Independência, o Novo Governo de Angola teve necessidade de assumir uma postura que talvez no entender de alguns críticos e pesquisadores da Educação não seria a mais eficiente para a prossecução dos objetivos pedagógicos, sendo que prejudicou aquilo a que chamamos hoje «participação da sociedade». Carlinhos Zassala (2012), a este propósito, escreveu o seguinte:

Logo após a independência do País, o Governo e o Partido no poder, o MPLA, tomaram medidas no sentido de descartar todas as comunidades religiosas e civis, que, durante o período colonial, contribuíram positivamente para a Educação e Ensino das jovens gerações. Todo o processo de Educação e Ensino passou exclusivamente para as mãos do Estado, proclamando a laicidade e a gratuidade do ensino. (Zassala, 2012, p.82)

A participação da comunidade, durante o período colonial em Angola foi muito importante e até mesmo determinante para muitos angolanos, uma vez que o acesso ao ensino não era fácil para a população indígena que ficava à margem da sociedade dos portugueses e dos «assimilados». Nessas circunstâncias, as Missões desempenharam um papel muito importante e substancial na Educação e Ensino de muitos angolanos, com a construção de edifícios e lares escolares ou internatos, cantinas escolares bem como na gestão e organização dessas instituições escolares e educativas.

## **1.8. Envolvimento das famílias no processo educativo**

Presentemente, em Angola, o Estado reconhece e atribui o devido valor à questão da participação da comunidade e de iniciativas privadas no sector da Educação, conforme nos ajuda a entender o documento do Conselho de Ministros da República de Angola elaborado em setembro de 2001, que visava uma busca de estratégias integradas para a melhoria do sistema de Educação num período compreendido entre 2001 e 2015. Esse documento, entre muitos outros aspetos, aprova um quadro legal da participação comunitária nas tarefas do sistema de educação e ensino. A questão, porém, que não se pode escamotear é a seguinte: Esse pacote legal de orientação é, por si só, suficiente para compelir assentimento e obediência perante os agentes da educação? Ou seja, essa lei tem sido cumprida a ponto de criar uma ‘nova cultura’ de fazer acontecer a educação?

### **1.8.1. A Comissão de Pais e Encarregados de Educação (CPEE)**

Quanto à participação dos Pais e Encarregados de Educação, temos igualmente uma importância reconhecida no país em geral e de modo muito especial na Província

do Namibe onde se pode constatar algum funcionamento a nível de algumas escolas. Faz tempo que os Pais e professores encontram-se engajados de forma paralela e reconhecida no processo de Ensino e Aprendizagem. Os Pais têm um lugar insubstituível na Educação dos filhos, uma vez que têm intenso conhecimento, proximidade e capacidade de modelagem comportamental.

O Decreto Presidencial nº 16/11 de 11 de janeiro de 2011 que aprova o estatuto do subsistema do Ensino geral, no seu artigo 38º elege os órgãos de apoio à Direção da escola. Um desses órgãos de apoio é a Comissão de Pais e Encarregados de Educação (CPEE). Mas, em 2008, a 4 de dezembro, Sua Excelência o Sr. António Burity da Silva Neto, então Ministro da Educação, tinha aprovado um projeto de regulamento das CPEE, que consta de 3 capítulos e 22 artigos, tendo em vista a melhoria da Educação das crianças e jovens bem como o envolvimento de toda a sociedade no sistema educativo. Toda essa regulamentação mostra a preocupação do estado angolano em estimular a comunidade e a escola para uma nova forma de saber e de fazer a Educação. Percebe o Estado, que sozinho não consegue fazer frente aos variadíssimos e complexos problemas que o sector atravessa. Deve haver então uma conjugação de esforços, para assumir essa ‘empreitada’ com êxito.

A CPEE tem uma importância capital na sua interação com as escolas, porquanto é conhecedora dos vários problemas do ambiente comunitário onde a escola se encontra inserida. Portanto, considerando que cada escola vive os problemas do seu meio envolvente e, por isso mesmo, cada escola tem a sua especificidade, assim também cada escola deve ter o Projeto Educativo próprio para responder ou fazer face aos seus problemas específicos. Ocorre, portanto, que as políticas educativas são aplicadas diferentemente ao longo do território nacional, devido às particularidades locais. Dutercq (2005, citado por Agnès 2011, p. 623) faz referência a esse assunto quando fala das injunções institucionais e as realidades no campo. Para o autor, entre “políticas territorializadas” e “verdadeiras políticas educativas territoriais”, existe um desfazamento que dá azo a grande diversidade. Portanto, há ainda, segundo o mesmo autor, muitas dificuldades em definir, regular e fazer funcionar essas políticas de parceria que são fundamentais para a partilha de tarefas ou responsabilidades de cada uma das partes: o Estado e a comunidade civil, assim como a Direção da escola e a CPEE. Ainda assim, as escolas parecem ser desafiadas, no sentido de inovarem cada vez mais os processos, as estratégias e as atividades educativas, tornando-se mais

participativas, mais comunitárias, mais sociais e “socializantes” para que toda a comunidade educativa seja incluída e contribua para o sucesso académico. Corroborar essa ideia, Sainsaulieu (1997, citado por Piteira, 2014, p.81), ao dizer: «à semelhança de qualquer fenómeno social, também a inovação, enquanto tal, pressupõe a existência de aprendizagem nas relações sociais. As organizações ao estruturarem as relações entre indivíduos, estão a construir o seu próprio modelo de socialização». A resposta para essa nova maneira de fazer e de conceber a educação passa necessariamente por potenciar as CPEE e solicitar a sua participação em todos os aspetos da vida escolar, tais como: programação do ano letivo, assembleia escolar anual, discussão do plano curricular, elaboração do projeto educativo da escola e outras tarefas igualmente importantes da vida da escola. Os Pais devem sentir-se envolvidos no processo educativo e não apenas convocados para a escola nos eventuais problemas com a escola ou com os seus filhos ou para possíveis comparticipações monetárias. Em fim, precisamos de sublinhar e valorizar mais o conceito de rede do que aquele de parceria, como nos ensina a pensar Garnier (referido por Agnès, 2011, p. 622).

### **1.8.2. As diversas variáveis parentais diante da tarefa educativa**

No quadro da participação comunitária do sistema educativo, mais concretamente com o envolvimento da CPEE, que acima fizemos alusão, torna-se igualmente importante refletir sobre as diversas situações familiares que condicionam, de alguma forma, o processo de educação e ensino, o que denominamos por variáveis parentais. De entre muitíssimas dessas situações que se podem descrever, nós destacamos aqui as que achamos relevantes no contexto do tema que nos propomos abordar, na perspetiva do sistema de ensino e aprendizagem, que são as situações familiares irregulares do ponto de vista sociológico. Se por um lado é importante refletir sobre a importância do envolvimento das famílias na tarefa educativa, por outro, precisamos de nos interrogar sobre a qualidade das famílias sobre as quais recai tamanha responsabilidade e se estarão prontas para assumirem tal desiderato, já que, de acordo com Américo Veiga (2012), ninguém se educa sozinho e que o ser humano é o reflexo da hereditariedade e do meio ambiente ou meio envolvente, quer seja dentro do lar familiar, quer mesmo fora dele.

Com essas palavras, queremos justificar a importância e urgência de um olhar sobre a condição ou estado das famílias angolanas sobre as quais queremos assentar o

modelo de participação parental e comunitária do sistema de ensino e aprendizagem. Para tal, é necessário, em primeira instância, conhecer as condições dessas famílias.

As principais formas parentais que existem em Angola são: a família nuclear e a família alargada. De acordo com Jane Kiura, Regina Gitau, & Andrew Kiura (2014, p. 8), a família nuclear é a que se apresenta na forma mais simples e original; composta de três elementos principais: o Pai, a Mãe e os filhos; ao passo que a família alargada é aquela formada pela família nuclear e outros parentes, como avós, tios e sogros.

A evolução atual das sociedades afeta necessariamente a família nas funções que lhe são peculiares, (cf. Relvas & Alarcão, p.256-263). Essa evolução ou dinâmica das sociedades está na base da variação de algumas funções familiares ou a sua desagregação ao longo dos tempos transformando a vida dessas famílias e de cada um dos seus membros em particular, sendo constituintes dessas famílias. De acordo com M. L. Celestino (2014, p. 22), essa alteração de valores e práticas no seio da família tem enormes reflexos na prática educativa.

Na mesma esteira de pensamento, estão Moreira e Carvalho (2010, p.199) que nos ajudam a pensar que com as modificações ocorridas na família o modelo idealizado nos anos 1950, de uma família tradicional, intacta e equilibrada, chefiada por um pai provedor e cuidada por uma mãe dona de casa, está em extinção e no seu lugar vai surgindo cada vez mais uma família pós-moderna, envolvendo estruturas e culturas familiares múltiplas: mães trabalhadoras, famílias de dois salários, de pais solteiros ou divorciados, de homossexuais e famílias recasadas. Segundo os mesmos autores, os vários tipos de relação entre a mulher e o mercado de trabalho configuram diferentes situações conjugais e familiares, tais como:

**1º** A mulher não mantém nenhum vínculo de emprego! O homem, neste caso, exerce a função de provedor financeiro da família. Este é o conhecido casamento tradicional, cada vez mais raro na sociedade moderna.

**2º** A mulher trabalha fora do lar em tempo parcial, ou exerce uma atividade remunerada a partir do próprio lar, ou exerce atividade remunerada ocasional. Estes dois arranjos têm a preocupação de **conciliar** o trabalho remunerado com o papel tradicionalmente atribuído à mulher de educação dos filhos e administração do lar.

3º A terceira situação ou arranjo conjugal ocorre quando ambos cônjuges trabalham fora do lar em tempo integral. Neste caso, três possibilidades podem ocorrer: casais de duplo trabalho (*dualwork*), os de dupla carreira (*dual-career*) e os casais mistos (cf. Moreira & Carvalho, 2010, pp. 202-203).

Essas referências acima aludidas constituem premissas que nos levarão a considerar que o estudo das situações atuais das famílias são um dado incontornável no estudo da participação da comunidade na tarefa educativa, em interação com as escolas usando uma ‘ferramenta’ instituída e legal de diálogo que é a CPEE. Ela tem a grave responsabilidade na educação e ensino das crianças. Mas essa grave e nobre tarefa começa em casa, no lar familiar, desde muito cedo. É necessário que os pais tenham os filhos sob custódia e com ‘rédea curta’ para facilitar a passagem de conhecimentos, normas de conduta saudáveis e valores aos filhos com vista à sua educação e inserção no tecido social de modo a facilitar a continuidade da educação e ensino na instituição escolar.

### **1.8.3. As famílias monoparentais e a educação dos filhos**

Uma das áreas de preocupação gritante no que respeita a tarefa educativa é sem dúvida a área das famílias monoparentais. Se encontramos famílias integrais ou inteiras do ponto de vista da sua constituição parental e ainda assim com algumas dificuldades, dadas as circunstâncias atuais por que passam as famílias, o facto torna-se mais preocupante para os casos de famílias monoparentais onde, obviamente, a dificuldade, no ponto de vista da educação integral do ser humano se torna mais vulnerável embora não se tome por absoluta tal hipótese.

Numa família monoparental, de acordo com J. Kiura, R.Gitau. & Andrew Kiura, (2014, p.8), existe apenas o pai ou a mãe e um ou mais filhos. Esses filhos podem ser adotados ou de prole natural. Os pais podem estar separados, viúvos ou solteiros. O autor prossegue a ideia dizendo que normalmente quando o progenitor monoparental é solteiro, corresponde à mãe; embora algumas vezes, menos frequentes, se possa encontrar progenitores monoparentais masculinos, os quais surgem sobretudo por motivos de morte da companheira. Essas formas irregulares nas quais as famílias africanas se encontram mergulhadas, e de um modo especial a República de Angola, foram causadas pelas transformações sociais: causas endógenas e também exógenas. Concorreram para essas situações, a globalização que não deixa nada nem ninguém fora

dessa ‘aldeia’ cada vez mais global, de forma pluridimensional; motivações ou causas que têm origem dentro de cada país ou nação, como o caso de algumas situações sociopolíticas: a fome, a pobreza, as epidemias, as guerras civis fratricidas!...

Disse, a este propósito, Celestino (2014, p. 22):

Nas zonas urbanas, onde subir de posição social mais favorável é um facto cada vez mais presente, a casa ou o lar passou a servir de espaço só para dormir. No caso de Angola, em quase todas as cidades, capitais de Províncias, com particular realce a cidade de Luanda, capital do País, o caso é mais preocupante, visto que para além do trabalho formal de muitas mulheres, há, paralelamente, mulheres vendedoras de pequenos negócios, as chamadas ‘zungueiras’, que serpenteiam a cidade ao longo do dia, a pé, vendendo a sua mercadoria para ganhar o pão de cada dia para sustento da família. Portanto, há crianças que não só não são acompanhadas no processo de ensino e aprendizagem, na escola, como também carecem de toda a espécie de educação e acompanhamento parental no lar, ao longo de todo o dia!

#### **1.8.4. A responsabilidade ou negligência dos pais diante da tarefa educativa**

Temos vindo a examinar as diversas formas em que as famílias se apresentam condicionando assim a tarefa educativa que, por si só, já se afigura difícil e complexa. Todavia, acrescentando as formas irregulares e os prolemas diversos em que a família mergulhou aumenta ainda mais a dificuldade da ação educativa em todas as três instituições sociais e socializadoras: a família, a Igreja e a escola. A **responsabilidade** ou **negligência** dos Pais e encarregados de educação diante da tarefa educativa é uma outra postura condicionante desse processo educativo. Os seus resultados ou consequências diante da tarefa educativa fazem uma diferença considerável.

Há, nesta conformidade, um elemento muito importante a considerar. Os pais e encarregados de educação enquanto se colocam diante da tarefa educativa como desafio, aprendem ou, ao menos, devem aprender a olhar para si, uma vez que eles são parte integrante desse processo. Ebee L. Gross (2006, p.5) concorda com esse pensamento ao dizer: «A experiência que fazemos na família, na escola, na Catequese, em todos os âmbitos educativos, gera perguntas sobre como chegar a uma posição mais verdadeira como educadores». De facto, a qualidade ou defeito de educação percebida nas ações dos educandos é, em grande medida, reflexo das qualidades ou dos defeitos dos educadores. Por isso, o educador enquanto educa, dá-se a conhecer; comunica o seu ser, a sua cultura, as suas capacidades, enfim, a sua idiossincrasia aos educandos. E sendo que ninguém dá o que não tem, torna-se necessário educar o educador ou, ao menos, rever as condições do educador diante da tarefa educativa, sob pena de mutilar em vez

de educar. Portanto, podemos inferir que a educação é um processo multifacetado onde o educador e o educando ambos aprendem. Quem ensina aprende ao ensinar e quem é ensinado tem uma palavra a dizer porque é um sujeito ativo e não passivo. Daí, a importância do respeito mútuo entre o pai e o filho, o aluno e o professor. A responsabilidade aqui aludida no título acima refere-se tanto à persistência e audácia na tarefa educativa, quanto à busca de novos e variados métodos consentâneos com a pedagogia da «Escola Nova» (Piletti, 2007, p. 29) e uma educação personalizada, capaz de sintonizar o educando com o educador no sistema de ensino e aprendizagem criando empatia que permita a facilitação do processo educativo.

## **2. A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA**

A excelência ou maximização dos resultados no sistema de educação, da escolarização, ensino e aprendizagem dependem não somente da qualidade dos conteúdos programáticos, nem da qualidade excelente do corpo docente, nem das qualidades ou características arquitetônicas das estruturas escolares, nem exclusivamente da excelência das famílias. Mas, sendo a pessoa humana um ser social e sociável, ele precisa de uma confluência de elementos positivos ou interatividade durante o seu processo de socialização primária e secundária (a instituição familiar e a escolar, respetivamente), para possuir um equilíbrio relacional e emocional nas suas relações consigo mesmo, e com o meio envolvente. Disse a propósito Claudino (2007, p.17):

Convém lembrar, também, que além dos lugares onde a educação se processa de forma sistemática – as escolas –, existem lugares onde ela se processa de forma assistemática. Entre esses lugares podemos citar a família, a Igreja, os sindicatos, as empresas, os meios de comunicação de massa, etc.

Destarte, a escola enquanto instituição é chamada a colaborar com a instituição família na educação, formação e socialização do ser humano, desde a idade escolar porque da sua postura diante da interação família-escola, depende, em grande medida, o sucesso do processo de ensino e aprendizagem, e até mesmo, em sentido amplo, a educação do ser humano.

### **2.1. Escolas facilitadoras e escolas resistentes à interação família-escola**

A criança nasce, cresce e desenvolve-se no seio familiar. A sua primeira socialização é feita no seio familiar onde conhece os pais, irmãos e outras eventuais

formas possíveis de parentalidade, dependendo de que se trate de família extensa ou não. A educação no seu sentido mais amplo, de acordo com Gaspar e Diogo (2012, p. 6 e 9), constitui um “fenómeno social”:

Um fenómeno social por um conjunto de razões: efetua-se no meio social; o seu objecto próprio são conteúdos culturais; persegue fins que são sociais; cumpre determinadas funções sociais; os fatores que estão na sua origem são de índole social; está sujeita a condicionalismos sociais de todo o tipo; variações demográficas, transformações económicas e políticas, regulamentações jurídicas, imposições administrativas.[...] A escola enquanto instituição vocacionada à educação e ensino é um meio de socialização e de coesão social. Ela tem finalidades e funções próprias de acordo com as políticas educativas intencionalmente gizadas por cada país no intuito de se encontrar o tipo ideal do cidadão que se pretende.

Mas esse desiderato não será alcançado sem uma conjugação de esforços e de saberes que envolvam a escola e a família; os professores e os pais; ou seja, sem um sistema educativo inclusivo e articulado com a participação parental e comunitária, na nossa perspetiva torna-se muito difícil, senão mesmo impossível, atingir a excelência no sistema de educação e ensino. Torna-se, deste modo, imprescindível e inadiável, no funcionamento das escolas, uma interação entre as famílias e as escolas. Mas nesse particular salientamos que as escolas precisam de entender tal necessidade e em segundo lugar viabilizar tal processo de interação com as famílias para que essas não sejam vistas pelas direções das escolas como invasoras dos seus «espaços»!

## **2.2. Expectativas das famílias em relação à escola**

Sendo que a escola, como dissemos acima, é uma das instituições sociais, ela tem uma finalidade. Essa finalidade é, indubitavelmente, a educação formal e sistemática, ou seja, a instrução (transmissão de conhecimentos, competências e técnicas), a socialização (aquisição de valores e padrões comportamentais socialmente aceites) e o desenvolvimento da personalidade dos indivíduos que concorre para a sua auto-realização (cf. Gaspar & Diogo, 2012, p.9). A ser assim, a sociedade espera da escola esses serviços sociais que lhe são inerentes por vocação própria, ou seja, os pais ao confiarem seus filhos à escola esperam que essas finalidades acima citadas se verifiquem nos seus filhos. Quando tal não acontece, estamos diante de uma falha no sistema de educação e ensino e então, nesse caso, precisamos de repensar os nossos modelos institucionais e todas as políticas educativas envolventes nesse sistema educativo bem como os seus atores sociais e institucionais. Disse a propósito De Beni (2004, p.266):

A estrutura organizativa de uma instituição, para manter-se ativa, tem necessidade de pessoal especializado que assuma papéis definidos e que trabalhe segundo modalidades precisas de acção. É indispensável também que ela atinja uma clareza suficiente a respeito de seus objetivos e do âmbito em que pretende agir. Sem essa clareza, podem surgir conflitos, tanto mais perigosos para a solidez do sistema social quanto mais importantes forem as instituições em conflito.

Nessa linha de pensamento, um papel social de determinada instituição transforma-se em expectativa social. A instituição escolar concretiza a sua finalidade, a sua vocação, por meio da assunção de um conjunto de ações que os docentes e discentes materializam na sua ação concreta no interior da comunidade escolar e educativa.

No contexto de Angola em geral e da Província do Namibe em particular, as expectativas das famílias em relação à Educação escolar estão espelhadas na Lei 13/27 de agosto de 2015, artigo 4º, que formula a finalidade do sistema de Educação que não é mais senão o desenvolvimento harmonioso de todas as capacidades das jovens gerações, a fim de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do País. A ânsia das famílias é, sobretudo, o sucesso da inserção dos seus protegidos no tecido social capacitando-os para uma participação responsável na formação da cidadania e edificação do bem comum. Neste quadro de abordagem, a Educação escolar é uma ferramenta indispensável para a emancipação familiar e comunitária. Mas também é, antes de tudo, uma garantia de manutenção do próprio Estado, porquanto um Estado, um País está seguro quando tem quadros nacionais capazes de levar avante todo um trabalho ideológico, político e social concebido para o crescimento multifacetado desse mesmo País. Mas uma escola com esse pendore e esses desafios deve desvencilhar-se de muitos fatores, quer endógenos, quer exógenos que a impedem de levar a cabo sua tarefa e a sua finalidade, nomeadamente a independência cultural, a independência política e económica, sob pena de não ter a participação de todos os seus recursos humanos e materiais mais valiosos para esse desiderato. E, na perspectiva de Zassala (2012, p.60), «uma escola concebida, inicialmente apenas como máquina de transmissão e preservação dos conhecimentos humanos, torna-se inadequada às necessidades atuais»!

### **2.3. Famílias de classe socioeconómica baixa e média**

As expectativas educativas das famílias variam em conformidade com o seu estatuto social. Elas projetam, planificam e “sonham” em conformidade com o seu nível

cultural, académico, social, etc., mas, de acordo com Van Zanten (2011, p.387): «As expectativas educativas das famílias evoluíram muito a partir dos anos de 1960, graças ao prolongamento da escolarização, às modificações familiares e à importância da escola no meio familiar, à evolução do mercado de trabalho e ao emprego dos jovens». Isto leva-nos a inferir que, à medida que evoluem as sociedades, evoluem as pessoas, as famílias e com elas a necessidade de se adaptar ou de se adequar às novas exigências. Hoje, nos dias que correm, as famílias e os próprios educandos estão cada vez mais exigentes quanto à qualidade de vida e dos serviços que lhes são prestados bem como aos seus sonhos ou projetos a curto, médio ou longo prazo.

Outro elemento incontornável a considerar é o facto de haver nos dias de hoje uma acentuada possibilidade de comunicação a todos os níveis, o que disponibiliza os conhecimentos em larga escala e estimula novos conhecimentos e novas tendências na maneira de pensar e de fazer. Portanto, na atualidade, há grandes probabilidades de não haver diferenças significativas nas expectativas familiares quanto à educação, motivadas pelos estatutos socioeconómicos de nível baixo ou médio. O que podemos constatar é que as possibilidades de concretização de sonhos não são iguais, assim como não são iguais as oportunidades no tecido social, embora a escola tenha esse dever de igualar oportunidades quanto à instrução académica, promovendo a mobilidade social (cf. Terrail, 1995, citado por Van Zanten, 2011, pp. 387-388). No caso concreto do ensino primário ou fundamental, que é o objeto do nosso estudo, a expectativa das famílias é a de que chegado ao fim do ensino fundamental – que segundo as leis e políticas educativas do governo angolano é gratuito – o aluno saiba ler e escrever corretamente e possa resolver bem as operações matemáticas do seu nível. Isso seria satisfatório e fundamental para as expectativas das famílias para as escolas no ensino primário ou fundamental, o que nem sempre se verifica.

#### **2.4. Expectativas dos educandos em relação à escola**

Os educandos constituem uma parte importante do sistema de ensino e aprendizagem uma vez que intervêm de forma ativa nesse processo. Por isso, convém referir a sua perspetiva e perceção, bem como as suas expectativas em relação à escola no quadro do sistema de ensino e aprendizagem.

Importa referir que tal como os pais, os filhos, obviamente também criam expectativas em relação ao meio escolar envolvente que inclui os professores, a direção

da escola e todos os funcionários, numa palavra, a comunidade escolar. Ora, essas expectativas, se forem satisfeitas ou concretizadas, concorrerão para a eficácia e eficiência de todo o processo de ensino e aprendizagem. O contrário, porém, infelizmente, também se pode afirmar! Embora o aluno – dependendo das suas qualidades e capacidades psicológicas e intelectuais – eventualmente possa superar a frustração das expectativas defraudadas, todos os alunos são vulneráveis aos efeitos negativos das expectativas defraudadas. Todavia, de acordo com Zanten (2011, p.391), os alunos mais sensíveis às expectativas positivas ou negativas são os alunos estigmatizados, quer por pertencerem a uma classe social desfavorecida ou a uma minoria étnica, quer por seus antecedentes escolares. E aqueles que reúnem fatores de estigmatização aumentam o seu grau de vulnerabilidade aos efeitos de expectativas. É evidente que os outros alunos não escapam a essa realidade; esses, porém, têm maior probabilidade e capacidade de resistir aos efeitos nocivos das expectativas falhadas.

No caso concreto da nossa abordagem, respeitante ao sistema de ensino de nível primário, sublinhamos que se trata de alunos de faixa etária compreendida entre os 05 a 14 ou 15 anos de idade. Nesta faixa etária, o aluno tem grande necessidade da presença dos pais. A entrada na escola por volta dos 5 ou 6 anos constitui uma rutura na sua vida normal. O novo clima escolar, sendo estranho para a criança, esse impacto negativo pode ser minimizado pelas aproximações ou interação entre a família e a escola; entre os pais ou encarregados de educação em casa e os professores na escola. Na nossa perspectiva, não deve haver compartimentos estanques entre ambas as instituições (família e escola), na tarefa educativa da criança para permitir que a criança diminua a fobia escolar. O professor na escola pode e deve aproximar-se ao papel do pai; enquanto o pai, em casa, pode e deve aproximar-se ao papel do professor, sem que cada um perca a sua identidade e função educativa específica e institucional.

## **2.5. Relação escola-família na perspectiva de professores e encarregados de educação**

A escola, de acordo com o que acima fizemos referência é uma das instituições sociais, porquanto ela é responsável pela socialização dos indivíduos e ao mesmo tempo deve orientá-los de modo a adquirirem um perfil de cidadania que concorra para o alcance dos objetivos do subsistema de educação e ensino nacionais bem como as políticas educativas gizadas pelo Estado. Zanten (2011) ajuda-nos assim a pensar, quando propõe:

Ao afirmar que a escola é uma instituição de socialização, subentende-se geralmente que ela não é apenas um aparelho encarregado de instruir as crianças, selecioná-las e orientá-las em função de seus desempenhos; a escola é uma instituição na medida em que é obrigada a instituir um tipo de actor e de sujeito social, a produzir uma ordem simbólica e uma forma particular de subjectividade, além de engendrar uma cultura e uma sociedade. (Zanten, 2011, p. 489)

Essa maneira de pensar faz-nos inferir que, se o tecido social registrar problemas e dificuldades de vária ordem, mormente no setor da Educação e Ensino, a busca de soluções desses mesmos problemas não deverá excluir a escola, uma vez que ela é a responsável pela educação, formação e socialização do cidadão nacional. Falhar no ‘projeto’ da instituição escolar, isto é, na sua vocação enquanto instituição social do Estado e enquanto lugar de concretização das expectativas das famílias e dos próprios educandos, é falhar no projeto de cidadania.

Entretanto, nos dias que correm, de acordo com Zanten (2011, p. 491), a escola enquanto instituição tem registado um enfraquecimento, porquanto ocorrem nela, nos últimos 30 anos, profundas transformações; e, prossegue o autor sentenciando que aquilo a que chamamos de crise na educação pode ser considerado em grande medida como crise da escola enquanto instituição. De entre as várias razões da crise da instituição escolar, na perspectiva de Zanten, apontam-se as seguintes:

- ✓ A instituição apoia-se em princípios indiscutíveis ainda que sejam laicos e não religiosos; mas os valores da República e da modernidade triunfante foram substituídos por princípios mais contraditórios e às vezes mais incertos!
- ✓ Quando parecia evidente que a cultura da nação fosse homogénea e universal, emergiram reivindicações em defesa das minorias culturais.
- ✓ A perda do monopólio da definição do mundo social e moral que a escola havia conseguido arrancar da Igreja, substituídos ou pelo menos sufocados pela cultura dos *mass media* que impõe suas influências e seduções às crianças e a todos os cidadãos em geral, disseminando informações positivas e negativas para além da escola!
- ✓ A transformação profunda do modelo de vocação profissional da educação: atualmente os professores são definidos sobretudo por competências profissionais adquiridas no decorrer de um longo período e não tanto por crenças compartilhadas sobre os valores e vocação da escola como instituição.
- ✓ A divisão do trabalho escolar aprofundou-se: as funções técnicas de gestão tornaram-se mais burocráticas; a avaliação dos resultados ocupa um espaço e um tempo cada vez maiores!
- ✓ A vocação dos professores para a docência é vivenciada não tanto como adesão aos valores da instituição escolar e da educação em geral, mas a partir do modelo de uma relação subjetiva a uma profissão considerada mais ou menos estimulante e exigente.

Essas objeções são válidas enquanto refletem uma série de questões que devem ser tidas em conta no desenvolvimento das tarefas e funções dos agentes da Educação.

Todavia deve-se, outrossim, considerar que as mudanças da escola são antes de tudo, o produto da própria escola, uma vez que os professores é que reivindicaram uma profissionalização; o mundo escolar é que desejou a massificação da escola a fim de aumentar a sua influência em nome da igualdade de oportunidades assim como o desenvolvimento do capital humano (cf. Zanten, 2011, p. 492). Para minimizar o problema, devemos amenizá-lo aproximando as partes contrastantes, nomeadamente entre os que aceitam a mudança ou progressistas, os ‘**pedagogos**’, e os que a recusam em nome da manutenção do programa institucional, os ‘**republicanos**’. Essa aproximação deve buscar-se num elemento que funciona como ‘denominador comum’ às partes desavindas – o tecido social – enquanto eixo de gravitação de toda e qualquer atividade docente e educativa, ponto de preocupação comum tanto para os pedagogos enquanto buscam renovações e mudanças consentâneas com os novos desafios, quanto para os republicanos, enquanto defensores de programas institucionais na busca de equilíbrios evitando excentricidades e desvios.

Essa longa abordagem abre-nos horizontes para encararmos da melhor forma possível qual deverá ser a verdadeira relação que se pretende sadia e ao mesmo tempo inovadora entre as duas instituições sem ingerências de uma nem submissões de outra! Uma busca de cooperação ou interação equilibrada sem paixões nem estereótipos será, inequivocamente, a chave de sucesso de tal interação escola-família.

## **2.6. O papel da escola na relação com as famílias**

Considerando o que acima foi dito, podemos claramente dizer, sem medo de errar, que a escola tem e sempre terá uma necessidade de cooperar com outros setores da sociedade, como por exemplo a família, se ela quiser maximizar ou rentabilizar ao mais alto nível a sua ação educativa. Uma ação educativa ao mais alto nível implica, na nossa maneira de pensar, uma educação multifacetada ou integral do ser humano. Essa cooperação nasce da necessidade de adequar o ensino às novas maneiras e tendências da tarefa educativa, uma vez que a escola tradicional, centralista e republicana monopolizava a educação como serviço exclusivo das políticas públicas dos Estados que era prestado às famílias (cf. Martins Costa, 2010, p.116). Nos dias que correm, é necessária a mudança de paradigma no que respeita a educação! Hoje, a educação necessita de abertura à comunidade envolvente. Essa comunidade inclui as famílias, mas é extensiva aos vários parceiros sociais como por exemplo as empresas, as ONG’s e até outras instituições do governo, enfim, todas as instituições localizadas na

vizinhança da escola, isto é, toda a comunidade escolar a interagir com a comunidade educativa. Para isso, a ‘nova escola’, precisa dar o primeiro passo nessa relação interativa, porquanto ela é a mais interessada na educação e formação de um cidadão íntegro, aliás, é sua vocação fundamental. Concorde com essa maneira de pensar Marques (1991, citado por Martins Costa, 2010, p.117), quando defende que a escola é a instituição ideal para o exercício da cidadania, e deverá ser vista como uma instituição comunitária ao alcance direto dos pais, porque, segundo ele, só assim se alcançará o sucesso de todos e se colmatarão as desigualdades sociais e culturais. Isso implica um estreitamento de relações entre o CPEE e a instituição escolar:

(...) A escola deve estabelecer relações cordiais e eficazes com os pais de alunos, no que diz respeito ao acolhimento, à informação, nomeadamente através de painéis informativos e de difusão de documentos; e deixar à disposição dos pais eleitos um local de reuniões. (Arrenilla, Gossot, Rolland, & Roussel, 2013, p. 436)

Zassala (2012, p.60) sustém igualmente a ideia de que a escola favorece o reforço da identidade cultural, isto é, a formação e os programas curriculares devem inspirar-se na autenticidade cultural cujo conhecimento será facilitado pelo uso das línguas maternas, permitindo assim uma ligação entre a modernidade e a idiossincrasia de cada povo sem ruturas. Essa nova maneira de ‘fazer acontecer’ a educação e a escolarização implica, na sua perspectiva, reformas quer nos programas curriculares, quer nas mentalidades dos teóricos da educação.

Por sua vez, as boas relações entre a instituição escolar e a família potencia *Ipsa facto* as boas relações dos pais entre si e dos educandos (alunos) também entre si, uma vez que a escola se transforma num ponto de encontro de todos os intervenientes e ‘atores’ do sistema de educação. O clima escolar tem aqui grandes probabilidades de melhoramento e, com ele, bons resultados letivos dos alunos: a escola melhora a sua performance, uma vez que os resultados letivos são satisfatórios. Em suma, todos saímos a ganhar!

## **2.7. Possíveis obstáculos à qualidade da relação Escola-Família**

No *Dicionário das Ciências Humanas* de Morfaux e Lefranc (2005, p.548), as relações humanas são interações interpessoais no seio de um agrupamento de pessoas, baseadas na comunicação diminuindo assim distâncias sociais sobretudo para indivíduos de diferentes estatutos sociais. Ainda segundo esses autores, as relações podem ser: intragrupais (quando são feitas por indivíduos de um mesmo grupo) ou

intergrupais (quando são feitas por membros de diferentes grupos, enquanto representantes de um grupo social).

Essa premissa é importante na medida em que permite-nos inferir que no quadro das relações entre a escola e a família, podemos identificar dificuldades e obstáculos de várias ordens conforme a perspectiva em que nos colocamos na abordagem do problema. Entrementes, na nossa humilde maneira de análise da questão, o problema fundamental dessa questão reside na comunicação. Ela é fundamental para qualquer relação, seja interpessoal, seja intergrupar ou, se quisermos, interinstitucional. As relações ou interações entre duas instituições (Escola-Família), no que respeita a educação, não podem ser boas ou não podem sequer existir relações eficientes num contexto de comunicação deficitário, porquanto a eficácia de qualquer conjunto ou de qualquer grupo depende e necessita de uma organização da comunicação sob todas as suas formas. Neste particular, queremos falar da comunicação enquanto capacidade interativa que envolve os principais agentes da tarefa educativa, nomeadamente os CPEE em relação aos professores e direções das escolas e também em relação aos alunos; as direções das escolas e os professores em relação aos CPEE e também em relação aos alunos (cf. Edwards, Gandini, & Forman, 2008, pp. 74-75). Temos aqui uma cadeia de relações ricas e ao mesmo tempo complexas, uma vez que a sua eficácia implica a verdade, a honestidade, o empenho e o profissionalismo. Dissemos uma cadeia de relações porque basta que haja falha ou fraco desempenho de uma das partes para que esteja comprometido o trabalho de toda a equipa. Cada uma das partes do processo deve, portanto, cumprir com o seu dever para que a equipa saia a ganhar. Entretanto, no cenário das tarefas e atividades educativas, não poucas vezes, assistimos a uma troca de acusações e responsabilizações estonteantes para todo o observador atento com os processos educativos. Silva (1994, citado por Martins Costa, 2010, p.122) afirma que a maioria dos professores responsabiliza os pais pelo fraco envolvimento parental nas escolas. Silva (1994) liberta assim as escolas de qualquer responsabilidade no desempenho escolar dos alunos. Prossegue definindo o envolvimento parental como uma ação essencialmente individual em benefício direto dos educandos (filhos), que compreende todo um conjunto de atividades coletivas legalmente enquadradas, designadamente a participação dos pais em associações ou em órgãos escolares. Em Angola e na Província do Namibe em particular, a participação ou envolvimento dos pais no processo de ensino e aprendizagem está acautelado pela lei através da CPEE, órgão vocacionado por lei a interagir com a escola com o fim de maximizar o

desempenho escolar dos educandos. Todavia, uma questão lógica se impõe: Chegados à conclusão de que o envolvimento parental constitui uma mais-valia de importância capital no desempenho escolar dos educandos porquê o uso dessa importante ferramenta continua rara, tímida e nalguns casos até mesmo inexistente? Só o diálogo com as instituições escolares e familiares, bem como os próprios educandos poderá fornecer respostas para essa importante questão que havemos de tratar na segunda parte do nosso trabalho, a parte empírica.

## **2.8. A participação da CPEE no processo de ensino e aprendizagem**

A participação dos PEE no processo de ensino e aprendizagem dá-nos claramente a possibilidade de ampliar as redes ou cadeias de comunicação. A comunicação é uma relação incontornável entre pessoas individuais e instituições, sobretudo quando estamos diante da tarefa educativa. Essa relação e essa comunicação devem ser entendidas como uma conjunção dinâmica de forças em constante interação com a mesma finalidade (cf. Edwards, Gandini, & Forman, 2008, p.79).

Quando os PEE participam na escola e se envolvem nas atividades escolares nasce neles um sentimento de pertença ou de vínculo com a escola e sentem-se impelidos a dar a sua opinião sobre diversos assuntos da vida da escola de seus filhos. Essa aproximação pode estender-se aos professores da escola e aos pais entre si (cf. Edwards, Gandini, & Forman, 2008, p. 271).

Martins Costa (2010, p.125) refere as vantagens dessa participação dos PEE no processo de ensino e aprendizagem e afirma que o envolvimento das famílias está positivamente correlacionado com os resultados escolares: quando as famílias participam na vida da escola e ajudam os filhos, estes obtêm melhores resultados do que os colegas com idêntico *background*, mas cujos pais se mantêm afastados da escola. Insiste ainda o autor enfatizando que os PEE ao partilharem a educação dos seus filhos contribuem para o seu desenvolvimento pessoal, enquanto cidadãos e educadores. A participação escolar pode ser um campo de treino para que os cidadãos comecem a praticar valores como a igualdade, o pluralismo, a tolerância, a liberdade de pensamento e de expressão de ideias e opiniões. E ainda, os pais podem adquirir novas competências e aumentar a sua informação, bem como proporcionar um desenvolvimento integral do aluno (cf. Martins Costa, 2010, pp. 125-126). Eis a descrição de um exemplo de dinâmica participativa e identificação dos seus efeitos positivos:

(...) Encontrei-me com os pais no início do ano escolar de 1990 a 1991 e discutimos ideias do currículo para o ano seguinte. Um relatório mensal foi desenhado, para mantermos os pais informados sobre experiências em andamento na sala de aula. O relatório também deu a eles(pais) uma lista de actividades possíveis para as suas crianças como um modo de estendermos as experiências de sala de aula para a casa dos alunos. Os pais sentiram que possuíam um melhor entendimento do que ocorria no ambiente escolar e tiveram uma chance de participar nesta experiência. A implementação de um programa que fazia os pais sentirem-se como participantes, ao invés de estranhos, resolveu muitos conflitos e tensões entre professores e pais e aumentou o envolvimento destes.

(Edwards, Gandini, & Forman, 2008, p. 271)

No que respeita as desvantagens dessa participação, pouco ou nada podemos apontar, a não ser o receio daqueles dirigentes e responsáveis técnicos e professores que durante muito tempo acostumaram-se a reservar para si o protagonismo exclusivo, deixando os outros agentes educativos que têm influência direta na vida do aluno. Para estes, a participação dos PEE pode ser vista como ingerência ou fiscalização da atividade docente, o que pode despoletar controvérsias, um clima escolar conflitual ou de desconfiança, em vez de trabalho com objetivos comuns, uma vez que no dizer de Nunes (1993, citado por Costa, 2010, p. 126), «A família e a escola são espaços que se completam necessitando de uma interação entre elas cada vez mais equilibrada a fim de que propiciem à criança e ao jovem um desenvolvimento integral e harmonioso».

## **2.9. Participação e envolvimento das famílias na escola**

Segundo Mortaux e Lefranc (2009, p.468), considera-se como “participação” o empenhamento pessoal na atividade de um grupo. Por seu turno, os autores Arenilla, Gossot, Rolland e Roussel (2013, p. 436), no mesmo diapasão, traduzem o conceito de participação pelo de ‘parceria’, proveniente do Inglês «*partner*» e do Latim «*par*», com o sentido de trabalhar em parceria com os outros sem ter necessariamente os mesmos objetivos, mesmo que se concorra para o mesmo fim. Neste sentido, a «parceria» é entendida, segundo esses autores, como uma associação de atores que, pela sua sinergia, podem pretender atingir determinados objetivos que sozinhos não poderiam alcançar.

Os termos de «participação», «parceria» e «envolvimento», entendidos no contexto das relações escola-família, *a priori* não oferecem dificuldades de entendimento. Mas quando abordados com profundidade e perspicácia, podemos notar importantes diferenças conceituais. Porém, seguindo a tipologia de J. Epstein (2011), podemos considerar que o conceito mais abrangente é o de “Envolvimento Parental nas

Atividades Escolares” (*Parental Involvement*) que se desdobra em 6 tipos principais de comportamentos que a Escola deve suscitar, promover, apoiar e treinar:

- Tipo 1 (*Parenting*): Educação Parental Atividades e iniciativas organizadas pela Escola para apoiar os pais, incluindo formação sobre Desenvolvimento Infanto-Juvenil e Estratégias Educativas;
- Tipo 2 (*Communicating*): Comunicação bidirecional Escola-Família e Família-Escola;
- Tipo 3 (*Volunteering*): Mobilização e participação dos Pais em atividades escolares;
- Tipo 4 (*Learning at home*): Tarefas escolares em casa;
- Tipo 5 (*Decision Making*): Participação nos processos escolares de tomada de decisão;
- Tipo 6 (*Collaborating with Community*): Interação sistémica Escola-Famílias-Comunidade.

**Quadro 6 - Barreiras à participação dos encarregados de educação**

Barreiras	Descrição
<p><b>1 – Tradição de separação entre a escola e a família</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Os pais entregam os filhos à escola, delegando nela a sua função educativa. Os professores, por seu turno, aceitam essa passividade das famílias. Apesar de ir sendo produzida legislação que visa fomentar e regulamentar a participação dos pais na escola, a cultura de separação persiste e as mudanças são lentas.</li> <li>✓ Os professores esperam que, em casa, exista uma continuidade dos valores e atitudes da escola. Se tal não acontece, acusam as famílias de falta de interesse na educação dos filhos.</li> <li>✓ Muitos professores manifestam desconfiança e resistência em relação à participação dos pais na escola, porque receiam que ela se traduza numa fiscalização do seu trabalho. Da parte dos pais, existem também atitudes que dificultam essa colaboração, havendo quem queira interferir em áreas que não são da sua competência. Por outro lado, há quem não se sinta à-vontade na escola nem competente para apoiar os filhos no estudo em casa.</li> <li>✓ A inexistência de contactos entre a escola e as famílias contribui para o desenvolvimento de conceções negativas e de desconfiança mútua as quais levam a que esta separação se acentue. Existe ainda a conceção partilhada por famílias e por professores, de que não vale a pena ir à escola quando as crianças não têm problemas.</li> </ul>
<p><b>2 – Tradição de culpar os pais pelas dificuldades dos filhos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Muitos professores creem que os problemas dos alunos na escola são devidos à família. Atribuem aos pais a responsabilidade pelo seu não envolvimento na escola e consideram que o facto de eles não se deslocarem à escola demonstra desinteresse pelos filhos. Adotam uma atitude culpabilizante, em vez de procurarem encontrar formas de superar o problema. Essa atitude traz associada a desresponsabilização da escola, através da culpabilização das famílias.</li> </ul>

<p><b>3 – Barreiras estruturais da organização social</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ O emprego dos dois elementos do casal e as deslocações casa-trabalho e trabalho-casa.</li> <li>✓ A incompatibilidade de horários das reuniões com os horários de trabalho dos encarregados de educação é um obstáculo que não encontra instrumentos legais ou facilidades a nível dos empregos para poder ser ultrapassado.</li> <li>✓ O modo de vida urbano, acentuado pelo aumento dos fenómenos de urbanização, dificulta ainda mais a comunicação e o envolvimento de muitas famílias na escola, por se sentirem marginalizadas, devido a fatores como a pobreza e as diferenças culturais.</li> </ul>
<p><b>4 – Persistência das estruturas organizativas dos estabelecimentos de ensino.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ As escolas continuam a ser estruturas burocráticas, com rituais muito formalistas e uma linguagem muito técnica, não acessível aos pais com baixa escolaridade. Geralmente estes só são chamados à escola quando há problemas com os seus educandos ou quando eles têm dificuldades. A participação dos encarregados de educação cujos educandos não têm problemas tende até a ser desencorajada e considerada como uma perda de tempo.</li> <li>✓ Normalmente a atribuição de cargos faz-se por conveniência de horário e não pela adequação do perfil do professor ao cargo, o que contribui para o seu desempenho com um pendor predominantemente burocrático.</li> <li>✓ Tanto a representação dos encarregados de educação em órgãos das escolas como o desenvolvimento de programas de envolvimento de pais não constituem, por si sós, uma solução para diminuir o afastamento das famílias carenciadas, podendo até acentuá-lo.</li> </ul>

**Fonte:** Diogo (1998b, citado por Martins Costa, 2010, pp. 128-129)

Apesar da eventual existência dessas barreiras à participação dos PEE no sistema escolar, de modo peculiar em Angola e mais concretamente na Província do Namibe, eles podem assumir importantes cargos coadjuvando a direção da escola na tomada de importantes decisões na vida da escola, formando associações ou comissões de pais e encarregados de educação (CPEE). Este órgão não sendo deliberativo, é consultivo, mas a sua existência na escola é uma expressão significativa da representatividade e participação democrática no processo de ensino e aprendizagem. Essa participação e envolvimento dos PEE implica um trabalho conjunto ou de parceria; implica que a escola se abra à inovação chegando mesmo a ter um gabinete de trabalho para uma participação mais sistematizada que concorra para a excelência do processo de ensino e aprendizagem; implica uma mudança de mentalidade, tanto dos professores quanto das famílias que concebem a escola como propriedade do governo para passarem a entendê-la como propriedade da comunidade. Essa mudança de paradigmas permitirá maior empatia entre ambas instituições e uma participação e envolvimento interativo

mais produtivo e mais eficaz. Urge, nos dias que correm, a necessidade de mais audácia: coragem para mudar os métodos e políticas educativas, numa palavra, inovar!

Depois de termos abordado a realidade das dificuldades ou barreiras à participação e envolvimento dos PEE no processo de ensino e aprendizagem, cabe-nos também dizer de que modo ou em que sentido se pretende essa participação e envolvimento dos PEE no processo de ensino e aprendizagem? O quadro seguinte procura responder a esta interrogação.

## **2.10. Formação e atitude dos professores**

No âmbito da nossa abordagem da relação escola-família, que deve ser uma relação de interações, participação e envolvimento nas atividades escolares tendentes à educação das crianças, falar de formação de professores não é mais, senão capacitá-los de modo a ultrapassarem as ideias e conceções antigas em relação à interação família-escola, as quais aprofundavam a separação entre ambas instituições.

Em sentido amplo, a formação de professores pode ser entendida como ação institucional que pode ser inicial, para a entrada no corpo docente; ou contínua, aquela que é proposta pelo setor da educação para a atualização dos docentes a nível do País ou das províncias; ou é assumida como autoformação. Toda essa possibilidade de atualização e desenvolvimento individual do professor visa dotar o professor de capacidades que o coloquem a par das evoluções respeitantes às suas matérias e às práticas pedagógicas mais inovadoras (cf. Arenilla, Gossot, Rolland, & Roussel, 2013, pp. 263-264). Na mesma esteira de pensamento, está também Zanten (2011, p.425), o qual ressalta a pertinência e urgência da formação dos docentes considerando-a como alavanca para agir sobre os resultados da escola. E continua o autor dizendo que diante de uma sociedade em transformações rápidas, a formação dos docentes constitui uma prioridade e é objeto de múltiplas reformas em escala internacional:

A fórmula ‘fazer efeito ao ensinar’ sublinha que uma prática pedagógica visa, em princípio, provocar aprendizagens; assim, seria possível deduzir que todo professor, ‘digno deste nome’, não cessa de aprimorar a eficácia de sua prática e, portanto, está constantemente em busca de conhecimentos mais precisos dos processos em acção. (Zanten, 2011, p. 635)

Na província do Namibe, faz-se sentir a preocupação pela formação do professor, uma vez que existe um plano mestre sustentado de forma considerável que se subdivide em duas facetas:

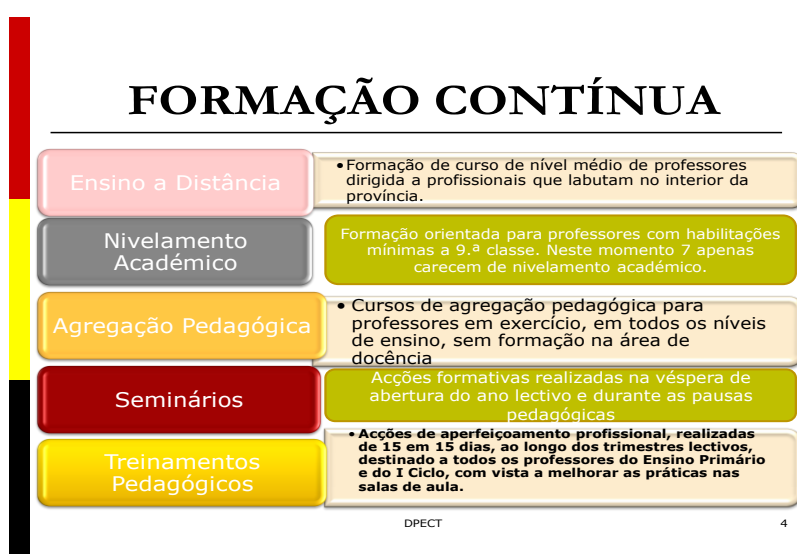
1. A formação inicial para candidatos ao concurso público para docentes com duração de 45 dias depois da admissão.
2. A formação contínua de professores em serviço que inclui:
  - ✓ Nivelamentos académicos para professores de baixo nível académico
  - ✓ Agregação pedagógica para os professores que não foram formados pela escola de formação de professores
  - ✓ Seminários trimestrais de 5 dias de duração
  - ✓ Treinamentos pedagógicos (oficinas pedagógicas) durante o ano letivo que realizam quinzenalmente.

**Quadro 7 - Esquemática da formação de professores**



Fonte: DPECT/ Namibe – área de estatística

**Quadro 8 - Ilustração da formação contínua de professores**



Fonte: DEPECT/Namibe – área de estatística

## Imagem 1. Grupo de professores do ensino primário em formação contínua



Nesta conformidade, o ‘*aggiornamento*’ do professor é necessário para acompanhar as novas e atuais tendências pedagógicas, estar sempre a par daquilo que é proposto pelos teóricos da educação e ao mesmo tempo estar ligado à toda a comunidade educativa que inclui a família para um equilíbrio educativo. Assim podemos nos interrogar se o *aggiornamento* dos professores tem incluído a preocupação dessa interação escola-família, entre a comunidade escolar e a comunidade educativa! Se no nosso contexto de Angola em geral e da Província do Namibe em particular, as poucas escolas que se preocupam com essa relação escola-família, o fazem porque se revêm neste sistema educativo ou o fazem pelo simples facto de estar previsto na lei evitando críticas e represálias da inspeção escolar! A atitude do professor na escola em pleno exercício das suas funções responde de forma inconsciente ou até mesmo consciente, já que o agir é muitas vezes consequência da nossa maneira de ser e de pensar de acordo com o nosso acervo cultural e idiossincrasia.

### 2.11. Comunicação Escola-Família

Na comunicação, há normalmente dois polos de relação que fazem acontecer a comunicação. É necessário que haja um emissor e um recetor e que o canal de comunicação esteja em perfeitas condições, sem desprimor do papel do código da comunicação que deve estar ao alcance de todos. Comunicar é partilhar verbalmente, por escrito ou até mesmo por gestos, todos os aspetos da vida. No contexto em que nos referimos, do sistema de educação, mais propriamente na abordagem da relação escola/família, a boa comunicação implica que as partes envolvidas que são os professores e os PEE estejam sintonizados e envolvidos na mesma atividade e com objetivos comuns; tenham a vontade de trabalhar em prol da criança. A qualidade da relação entre os intervenientes da educação da criança condiciona a comunicação entre eles. A boa comunicação concorre para a otimização das relações entre os professores e

os encarregados de educação; uma relação fraca pode fortalecer-se por conta de uma boa comunicação, e uma boa relação pode enfraquecer, se a comunicação for fraca ou não existir! (cf. Kiura, Gitau, & Kiura, 2014, pp. 55-57). É importante sublinhar que entendemos por «boa comunicação» aquela que é acompanhada por uma grande vontade e intencionalidade visando objetivos comumente intentados na tarefa educativa.

No processo de comunicação escola/família, os professores devem ter uma linguagem clara, simples e concreta ao indicar o que precisam que os PEE façam em casa em relação aos filhos no sentido de catalisar as ações dos alunos enquanto estão em casa, quer leiam, quer façam qualquer outro dever escolar em casa. Os PEE, por sua vez comprometam-se a estar sempre presentes na vida escolar dos seus educandos, participando em reuniões marcadas pela direção da escola e dar informações úteis, necessárias ao interesse dos professores. O interesse e acompanhamento de PEE ajuda a inculcar nos educandos os bons hábitos e o interesse pelo estudo bem como a melhoria do seu desempenho escolar (cf. Martins Costa, 2010, p. 137).

É importante o intercâmbio entre o professor na escola e os pais em casa. Neste sentido, podemos ‘levar o pai’ ou encarregado de educação à escola e ‘trazer o professor’ à casa da criança. O PEE deve cumprir com o seu papel na educação da criança, fazendo, quando for necessário, o papel do professor em casa, vigiando os deveres da escola em casa, bem como as revisões da matéria, visionando e assinando a caderneta escolar e fazendo visitas à criança na escola. Por sua vez, o professor/a, deve tratar a criança com máximo carinho e atenção possível, como se do próprio pai/mãe se tratasse, aproximando-se do ambiente familiar! Isso diminui consideravelmente a diferença entre a escola e o lar familiar contribuindo eficazmente para o bom clima escolar e combate a fobia escolar.

## **2.12. Considerações finais à fundamentação teórica**

Chegados até aqui, voltamos o nosso olhar ao percurso trilhado e nos interrogamos se conseguimos fundamentar teoricamente a importância capital da interação família-escola no processo de ensino e aprendizagem. De acordo com López, Piera e Klainer (2004, p.55), «a escola sempre teve, entre suas finalidades históricas, o propósito de favorecer o **crescimento pleno**, procurando a formação integral dos alunos, mesmo que este objetivo encontrasse obstáculos. Talvez, guiada por esses objetivos, tenha que expressar no seu projeto institucional os critérios e as orientações que permitam favorecer essa **formação integral**».

A integridade no processo educativo do indivíduo é referenciada pelo facto de que não basta a escolarização ou instrução académica para que o ser humano se considere verdadeiramente educado. A educação do ser humano é um processo multifacetado, onde intervêm diversos fatores e variáveis. Se queremos para o ser humano uma educação integral e ideal, devemos então explorar essas variáveis ou fatores que concorrem para tornar possível esse desiderato. Essas variáveis prendem-se com as diversas situações anómalas ou pelo menos insustentáveis do ponto de vista funcional nas quais está mergulhada a família, a escola, bem como o próprio sistema escolar em geral, as políticas educativas e toda a sociedade ou comunidade educativa.

Um funcionamento eficaz da escola depende, em grande medida, da sua sustentabilidade; isto é, da sustentabilidade das famílias, das comunidades e de todas as instituições que intervêm direta ou indiretamente no processo de ensino e aprendizagem. Assim, a interação escola-família precisa de ser sustentável para que se melhore o processo de ensino e aprendizagem, já que, nos dias que correm, **‘pais, alunos, professores e comunidades, todos são chamados a partilhar, com espírito de confiança, o projecto educativo’** (Martins Costa, 2010, p. 133). Por isso, pensamos nós que as famílias podem contribuir para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem interagindo com as escolas através da CPEE, que efetivamente funcione e, por conta desta interação, os professores conheçam a situação real das famílias dos seus alunos e desta maneira, eventualmente os compreendam melhor e o ensino seja de qualidade e personalizado, isto é, tenha em conta a especificidade de cada aluno mas ao mesmo tempo integrando-os na turma sem discriminação (cf. Bahia & Oliveira, 2013, p.583-619).

Na segunda parte que se segue, dedicada à pesquisa empírica, trataremos de ver, através de meios mensuráveis, em que medida o acompanhamento ou negligência dos PEE, enquanto variáveis de mensuração, podem condicionar ou catalisar o processo de ensino e aprendizagem! Outrossim, em que medida a consciência da importância da interação família-escola ou a sua ausência, da parte dos PEE bem como dos professores, podem condicionar positiva ou negativamente no processo de ensino e aprendizagem no agrupamento escolar ou ZIP nº 2 do ensino primário do Município de Moçâmedes.

## PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

### 3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

#### 3.1 Definição do problema e dos objetivos da investigação

De acordo com Marconi e Lakatos (2010, p. 143), «o problema é uma dificuldade, teórica ou prática, no conhecimento de alguma coisa de real importância, para a qual se deve encontrar uma solução.» Deste modo, a formulação do problema consiste em dizer, de maneira explícita, compreensível e operacional, a “dificuldade” com a qual nos defrontaremos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características (Almeida e Freire, 2008, p.40; Marconi e Lakatos, 2010, p.111). Tendo em conta o contexto real do problema, formulamos a seguinte questão:

- ✓ Como tornar eficiente a relação escola-família visando o sucesso académico na ZIP2 no Município de Moçâmedes?

Consideramos que esta “questão de partida” inclui questões logicamente interligadas que a tornam mais explícita, nomeadamente:

- Quais os modelos teóricos que permitem concetualizar e analisar a relação escola-família?
- Qual o modelo de relação escola-família em vigor na ZIP2 no Município do Namibe?
- Quais as formas de relação promovidas pelas escolas da ZIP2 e qual o grau de participação das famílias?
- Quais as estratégias mais adequadas para a otimização da relação escola-família?
- Qual o impacto expectável dessas estratégias em termos de sucesso académico?

Dado que o objetivo geral da pesquisa está relacionado com a questão de partida (Blaikie, 2008, citado por Silvestre & Araújo, 2012, pp.53-54), consideramos que o objetivo geral deste trabalho visa:

- Compreender em que medida a responsabilidade ou negligência dos agentes educativos pode influenciar ou condicionar a eficiência do processo de ensino e aprendizagem.

Por seu turno, os objetivos específicos da investigação são os seguintes:

- Compreender as formas de relação promovidas pelas escolas da ZIP2 e o grau de participação das CPEE;
- Identificar as estratégias mais adequadas para a otimização da relação escola-família;
- Descrever e analisar as percepções/perspetivas dos três grupos/atores do sistema de ensino e aprendizagem (Professores, PEE e alunos);
- analisar as relações entre os agentes educativos no processo de ensino e aprendizagem (i.e., escola, família e comunidade, especialmente o Estado como promotor de políticas escolares).

### **3.2. Métodos da investigação**

Tendo em conta os objetivos da investigação, optaremos, em termos de metodologia, por recorrer a um plano metodológico de recolha de dados que compreende a entrevista, o questionário, a observação participante e o estudo de documentos, a cada uma das três (3) escolas da ZIP2 (Zona de influência pedagógica), bem como aos Diretores, professores; aos encarregados de educação e à alguns alunos. A abordagem desses informadores privilegiados visa compreender a questão do problema científico: **Como tornar eficiente a relação escola-família visando o sucesso do processo de ensino - aprendizagem na ZIP2 no Município do Namibe?**

Considerando o parágrafo anterior e de acordo com (Bogdan & Biklen, pp. 47 - 51), estamos em presença de uma investigação qualitativa, porquanto, a nossa fonte principal e direta de dados na investigação é o ambiente natural e laboral (escolas e famílias), onde havemos descrever os dados recolhidos em forma de palavras e citações e depoimentos individuais ou coletivos!

Nesta investigação qualitativa, pura e aplicada, de acordo com o objetivo deste trabalho, segundo (Marconi & Lakatos 2010 p.144), tentamos estudar e responder a questão de partida recorrendo aos métodos que segundo Freixo, citado por Pinto (2017, p.48), “método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado ou um resultado desejado”. Assim, na perseguição do nosso objetivo de tornar eficiente a relação escola-família no processo de ensino e aprendizagem no município de Moçâmedes, que é uma clara intervenção nos problemas de educação vamos privilegiar a abordagem qualitativa para avaliar o impacto do uso dessa ferramenta, (PEE), a sua utilização ou não. Ou seja, que impacto positivo ou negativo terá o uso ou não dessa ferramenta nas escolas em estudo (ZIP nº 2)? Por outro

lado, a negligência dos próprios (PEE) tem ou não influência nesse processo? Deste modo, de acordo com Silvestre & Araújo (2012, p.54), a nossa intervenção nesses problemas educativos visa a mudança, uma vez avaliados os impactos práticos e efeitos dessa intervenção, no âmbito de uma pesquisa aplicada ou prática, cujos resultados destinam-se a mudança das situações ‘a quo’ para melhorias no quadro do processo educativo.

### **3.3. Relevância deste trabalho investigativo**

A nossa investigação tem uma importância capital porquanto, procura obter consensos relativamente à abertura colaborativa da Escola às Famílias e à Comunidade e reconhecimento das necessidades especiais de todos (educação inclusiva e pedagogia diferenciada); procura colmatar o deficit de inovação, envolvimento e participação; deficit de estratégias e iniciativas em contexto educativo com o fim de estreitar relações, parcerias e redes de cooperação entre a escola e a família. Tais conceitos levam-nos a uma aproximação ideal e funcional da figura do professor, enquanto professor, à figura do pai, enquanto pai, o que pressupõe uma Ecologia sociocomunitária da escola que permite mitigar a descontinuidade ou dicotomia funcional entre a escola e a família; entre o pai e o professor.

### **3.4. Plano de Investigação**

A nossa investigação tem como objeto principal a postura dos agentes educativos diante do processo de ensino e aprendizagem no agrupamento escolar ou ZIP nº2 do ensino primário no Município de Moçâmedes, Província do Namibe, República de Angola. Ou seja; ‘Como tornar eficiente a relação escola – família visando o sucesso no processo de ensino e aprendizagem’? Para chegarmos aos fins intentados aproximarmos-nos do nosso campo de ação interagindo com os nossos interlocutores nesse agrupamento escolar que compreende 3 escolas do ensino primário, nomeadamente: Escola Pioneiro Zeca, Escola Dr. António Agostinho Neto e a escola Hoji-Ya-Henda, ambas do Município de Moçâmedes na Província do Namibe.

A investigação a que nos propomos é claramente uma investigação qualitativa de Estudo de Caso, porquanto a fonte principal e direta são os atores no seu contexto social concreto: escolas e famílias (Bogdan e Biklen, 1994, pp. 47-51). Em seguida, identificamos os grupos alvos que são os Professores, Pais e Encarregados de educação e, finalmente, os alunos. Todavia, a investigação qualitativa pode aliar-se à investigação quantitativa sempre que for necessário na busca da otimização dos resultados da

pesquisa. No entanto, será decisivo para nós o propósito qualitativo de compreender “percepções e significados” dos atores sociais, ainda que recorrendo a uma análise estatística “mínima”. Concorda com essas ideias Leite (citado por Pinto, 2017, p. 49), quando diz: «a divisão entre pesquisa qualitativa e quantitativa é algo artificial. Os dados quantitativos permitem comparações estatísticas entre grupos, segundo determinadas variáveis ou dimensões de variáveis. No entanto, só os métodos qualitativos permitem captar o ambiente natural do sujeito de investigação, o significado subjetivo das experiências e as interações, sendo o próprio investigador o instrumento principal de recolha de dados». Assim, percorremos as três instituições escolares, nomeadamente, a Escola ‘Pioneiro Zeca’, a escola Dr. António Agostinho Neto, e por último, a escola ‘Hoji-Ya-Henda’, ambas do mesmo agrupamento escolar, para interagir com os agentes do processo de ensino e aprendizagem, dialogando, visitando, observando, não só para produzir conhecimento mas também e sobretudo buscando a resolução das questões que nos propomos solucionar com o nosso modesto trabalho de intervenção em problemas de educação (Cf. Pinto, 2017, p.49); recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais; denunciar situações diversas ou perigosas e apresentar sugestões, recomendações tendentes à mudança (Bogdan & Biklen p.92). Destarte, seguimos um plano de investigação que teve como objeto as ações humanas e as situações sociais que são percebidas ou eventualmente experimentadas pelos fazedores da educação como suscetíveis de mudança (Ketele & Roegiers, 2011, p.114), pelo que se impõe uma resposta ou solução ao problema.

### **3.5. O agrupamento escolar ou ZIP2 como referente empírico**

#### **3.5.1. Caracterização da escola Pioneiro Zeca**

**Fonte:** Subdireção pedagógica da Escola com observação participante do investigador.

**Localização:** A escola nº17 Pioneiro Zeca localiza-se na Rua Eurico Gonçalves (Zona urbana).

**Estruturas Físicas:** A escola Pioneiro Zeca tem 12 salas de construção definitiva:

- Dois (2) Gabinetes
- Uma (1) sala de Professores
- Doze (12) balneários
- Um (1) Alpendre
- Uma (1) Arrecadação
- Um (1) Secretaria
- Um (1) Posto Médico

Classes de ensino: da iniciação à 6ª classe, incluindo o módulo 3.

No presente ano letivo matriculou-se 929 alunos conforme o quadro que se segue:

**Quadro 10- Alunos matriculados na escola primária ‘Pioneiro Zeca’**

Regular	Alunos matriculados		Nº de Turmas	Coordenadores de classe
Classe	MF	F		
Iniciação	81	41	2	Adelaide Ruth
1ª	140	75	4	Rogéria Cautmbo
2ª	162	74	4	Neide Tchiamba
3ª	144	89	4	Inês da Cruz
4ª	123	60	3	Paula Jamba
5ª	152	81	4	Suzana Mário
6ª	109	58	3	Fátima de Jesus
<b>Sub-total</b>	<b>911</b>	<b>478</b>	<b>24</b>	
Adulto				
Modulo 3	18	10	1	Cláudia L. Quintas
Total geral	929	488	25	

**Fonte: Direção da escola Pioneiro Zeca**

O corpo docente frente ao aluno é de 25 Professores dos quais 21 do sexo feminino

**Alunos por turnos /Funcionamento de turno:**

Manhã	455	Turno da manhã _____ 8h a 12h30
Tarde	456	Turno da tarde _____ 13h a 17h15
Noite	18	Turno da noite _____ 18h15 a 22h15
Total	<u>929</u>	

**Missão e valores da escola:** A escola Pioneiro Zeca é uma instituição pública. Tem como missão o cumprimento de toda a legislação da lei 13/31 de dezembro, isto é preparar o indivíduo, para as exigências da vida política, económica e social; garantir a escolarização de todas as crianças em idade escolar e reduzir o analfabetismo, bem como a promoção da consciência psicossocial da criança.

**Outros valores:**

- ✓ O respeito pelos valores, símbolos e unidade nacional

- ✓ O respeito pela dignidade humana tolerância e cultura de paz
- ✓ Preservar o meio ambiente e melhoria da qualidade de vida
- ✓ Formação multifacetada do homem, capaz de enfrentar os desafios da vida.

**Disciplinas ministradas:** Língua portuguesa, Matemática, Estudo do Meio, Ciências da Natureza, História, Geografia, E.M.C; E. M.P; Educação Musical, Educação Física.

**Aproveitamento Escolar:** O resultado obtido em 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, oscila entre 80% e 78%. Da análise desse resultado pode-se concluir que o aproveitamento na globalidade é positivo porque a percentagem é superior a 70%.

A escola Identificou **problemas** com base nas entrevistas e foi possível diagnosticar os seguintes problemas:

- Alunos que reprovaram na 2ª e 4ª classe mais de uma vez.
- Alunos recebidos (transferidos) apresentam níveis baixos no perfil.
- Número excessivo de reprovação na 4ª e 6ª classe
- **Fraca participação de P.E.E na vida escolar**
- Fraca habilidade na transmissão de conhecimento principalmente na Língua Portuguesa e Matemática (alguns Professores)
- Falta de uma manca fotocopiadora
- Falta de criatividade por parte de alguns Professores
- Falta de Motivação ou incentivo para o gosto da Matemática e Língua Portuguesa (leitura).

#### **Objetivo geral:**

- Melhorar a qualidade de ensino na escola;
- Dotar os Professores de conhecimento pedagógicos

#### **Objetivos específicos:**

- Melhorar o desempenho profissional
- Estimular o espírito de trabalho em grupo
- Desenvolver aperfeiçoar a técnica e método de ensino da Língua Portuguesa e Matemática
- Incentivar a troca de experiência pedagógica

#### **Estratégias para o cumprimento desses objetivos:**

- ✓ Promover atividades com jogos de fichas de caligrafia, histórias, drama de concurso de leitura,
- ✓ Cultivar hábitos de **participação ativa de P.E.E** na resolução dos trabalhos de casa.
- ✓ Realização de concursos de leitura e caligrafia
- ✓ Construção de textos sobre a vida familiar (5ª feira)
- ✓ Fazer recreios com atividades dirigidas (professores e alunos)
- ✓ Concurso de saber sobre Matemática e Língua Portuguesa

### **Resultados esperados no geral:**

- ✓ Melhorada a qualidade das aprendizagens e perfis de saída dos alunos;
- ✓ Índice de reprovção diminuído consideravelmente;
- ✓ Professores superados pedagogicamente
- ✓ Escola eficaz
- ✓ **Participação dos P.E.E nas atividades escolares.**

### **3.5.2. Caracterização da escola Dr. António Agostinho Neto**

**Fonte:** Subdireção pedagógica da Escola com observação participante do investigador.

#### **Breve história da escola**

A escola primária nº23 Dr. António Agostinho Neto é uma instituição estatal que funciona há muitos anos antes da independência nacional, então designada Escola Primaria nº 49 Dr. António Agostinho Neto. É uma escola de estilo antigo, de construção arquitetónica, foi ampliada e reabilitada em 2012 e tem como dia do seu patrono 17 de setembro. Atualmente é denominada escola do ensino primário nº23 Dr. António A. Neto. Está localizada na rua Amílcar Cabral. Tem 11 salas de aulas, todas de construção definitiva e em bom estado de conservação funcionando em três turnos: manhã, tarde e noite. As salas de aulas são espaçosas e arejadas, possuem boa iluminação. Tem 40 carteiras por sala, e possui 5 guardas dos quais 3 são eventuais. Localiza-se no meio urbano. Comporta uma população estudantil heterogénea, proveniente de vários estratos sócio culturais, económico, político e religioso. A vida económica dos pais e encarregados de educação varia de acordo com o seu enquadramento funcional, tais como: pública, privada ou por conta própria. A maioria dos pais e encarregados de educação trabalha na função pública e privada. A população é heterogénea e tem como língua veicular a língua portuguesa.

#### **Organização interna da escola**

Em conformidade com a tipologia da Escola do Ensino Geral, segundo o decreto presidencial nº15/11 no artigo 38 e 39; para melhor organização da escola foram criadas as seguintes condições de ordem administrativa e pedagógica.

- Conselho de direção
- Conselho pedagógico
- Conselho de pais e encarregados de educação
- Coordenadora das atividades extra-escolares
- Coordenadora do gabinete psicopedagógico
- Coordenador de turno
- Coordenador do desporto escolar
- Coordenadora do círculo de interesse

- Chefe de secretaria.

### **Pessoal administrativo**

No ano letivo de 2017, a escola funcionou com 28 funcionários assim distribuídos.

**Quadro 11- Funcionários da escola Primária Dr. António A. Neto**

<b>Nº DE FUNCIONÁRIOS</b>	<b>FUNÇÃO</b>
1(uma)	Diretora
1(uma)	Subdiretora
1(um)	Chefe de secretaria
1(um)	Coordenador de turno
1(uma)	Coordenadora de actividades extra-escolares
1(uma)	Coordenadora psicopedagógica
1(um)	Desporto escolar
1(uma)	Círculo de interesse
1(um)	Estatístico
2(dois) + 3 (três)	Guardas efetivos e eventuais
3(três)	Pessoal da secretaria
1(uma)	Jardineira
5(cinco)	Voluntários
3(três)	Auxiliares de limpeza
1(uma)	Escriturária
1(uma)	Socorrista

**Corpo docente:** Durante o ano letivo trabalharam 24 professores frente ao aluno.

**Corpo discente:** Número total de alunos - 797

- Ensino primário - 648
- Módulo – 149

## Quadro 12- Aproveitamento anual dos alunos/2017



REPÚBLICA DE ANGOLA  
GOVERNO PROVINCIAL DO NAMIBE  
DIRECÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
ESCOLA PRIMÁRIA Nº23 DR. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO

### ESTATÍSTICA FINAL DE 2017

Classe	Alunos Matriculados	Alunos avaliados	Alunos com aproveitamento	Alunos sem aproveitamento
Iniciação	103	80	62	18
1ª	119	106	81	25
2ª	96	86	45	41
3ª	115	108	94	14
4ª	97	93	72	21
5ª	76	75	58	17
6ª	51	50	49	1
<b>SUB TOTAL</b>	<b>657</b>	<b>598</b>	<b>452</b>	<b>185</b>
Mod 1	69	54	29	25
Mod 2	79	61	26	24
Mod 3	47	36	33	3
<b>SUB TOTAL</b>	<b>192</b>	<b>151</b>	<b>88</b>	<b>52</b>
<b>TOTAL</b>	<b>849</b>	<b>749</b>	<b>558</b>	<b>237</b>

Moçâmedes, 19 de Fevereiro de 2018

A Directora da Escola  
  
Inês Maria João Pinto  
Directora da Escola

Fonte: Direção da escola Dr. António A. Neto

### **Comissão de pais e encarregados de educação**

A comissão estabelece e fortalece o diálogo entre famílias, comunidade e a escola, ajuda também no processo de ensino aprendizagem. Quanto mais todos envolvidos melhora efetivamente e significativamente a aprendizagem dos seus educandos.

A comunidade esteve presente durante o ano letivo, dando contributo proactivos em atividades de âmbito sociocultural, pedagógico, contribuindo de maneira a fornecer o tratamento cabal para alguns entraves encontrados nos diagnósticos que fizeram parte dos planos de ação da escola.

### **As dificuldades ou pontos fracos:**

- Detetados nos professores são inerentes à **monodocência**, isto é, no ato de lecionar algumas disciplinas tais como EMP, Educação musical, bem como algumas unidades de Matemática; elaboração do projeto Educativo da Turma;
- O manuseamento de determinados meios de Ensino;
- Professores com cacografia ou péssima letra;
- Falta de um campo desportivo e de uma máquina polícopiadora;
- **Fraco acompanhamento das atividades escolares pelos pais e encarregados de educação:**
- Falta de uma biblioteca.

### **Medidas de solução ou correção:**

Treinamentos pedagógicos num período de 15 dias a nível da ZIP;

Encontros metodológicos a nível de coordenações da Escola;

Formação para aperfeiçoamento de Caligrafia.

Com a falta de campo, o coordenador desloca-se para realizar atividades desportivas nas escolas próximas (da ZIP).

### **Pontos fortes:**

- Assistência de aulas em todas as classes, no quadro do acompanhamento e superação das eventuais debilidades dos professores.
- **O Grau de Participação dos Professores** a nível dos Treinamentos Pedagógicos é positivo pelo facto de os professores não se furtarem aos Treinamentos pedagógicos planificados quer pelas ZIP, quer pela escola.

- **Encontros com pais e encarregados de educação.**
- Realização de aulas de recuperação.
- Acompanhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem em todos os turnos.
- Trabalho de campo fora da escola, acompanhar alunos com diagnóstico de possíveis desvios de conduta.
- Trabalho de redação para a quinta e sexta (5<sup>a</sup>), (6<sup>a</sup>) classe.
- Trabalho com professores e alunos da iniciação, primeiras, e segundas classes para detetar eventuais dislexias em leitura e escrita.
- Encontro de auscultação com delegados de todas as classes.
- Acompanhar as crianças desta escola (vítimas de estupro e famílias).
- Olimpíadas de Matemática e Língua Portuguesa da iniciação, 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> classes.
- Atividades recreativas com alunos da 4<sup>a</sup>, 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> classe.
- Confraternização com os colegas professores da instituição
- A direção tem **relação saudável** com corpo docente e a **comissão de pais e encarregados de educação.**

### **Visão e missão, princípios e valores da escola:**

A escola Dr. António A. Neto assume a sua missão educativa junto da comunidade escolar comprometendo-se a concretizar as seguintes metas:

- ✓ Formar de forma multifacetada o homem, capaz de enfrentar os desafios da vida
- ✓ Desenvolver nos alunos o amor ao próximo;
- ✓ Respeito mútuo
- ✓ Honestidade
- ✓ Justiça
- ✓ Patriotismo



(A Diretora falando para alunos finalistas da 6<sup>a</sup> classe numa atividade da escola)

### 3.5.3 Caracterização da Escola Hoji-ya-Henda

**Fonte:** Subdireção pedagógica da Escola com observação participante do investigador.

#### **Breve história**

A Escola Primária nº 52- Hoji-Ya-Henda, funciona desde o tempo colonial, com a denominação de escola do ensino de base n.º211. Naquela fase, a mesma era composta por (4) quatro salas de aulas, uma casa de banho, (1) um gabinete do Diretor e (1) uma secretária. Depois da Independência, a escola é reinaugurada em 1977 e denominada escola do 1º nível n.º52 Hoji-Ya-Henda conservando, no entanto, a mesma estrutura. Em 1986, no âmbito da melhoria da qualidade do ensino para todos, o governo, no seu programa de ampliação e reabilitação da rede escolar, a instituição cresce de 4 para 10 salas, e o n.º de funcionários e alunos cresce substancialmente.

Com o passar do tempo, a população foi crescendo e surgem crianças fora do sistema de ensino. Então, o governo teve necessidade de apostar de novo na ampliação e reabilitação das escolas. Assim, em 2004, o governo aprova um programa no que respeita à ampliação e reabilitação das escolas a nível da província e a escola Hoji-Ya-Henda é abrangida com o aumento de mais 4 salas de aulas e um muro de vedação. Em 2007, fez-se a construção do campo polivalente na mesma instituição inaugurada pela Ministra do planeamento a senhora Ana Dias Lourenço. Em 2008, procedeu-se à construção de uma sala para professores e à colocação de gradeamento à direção da escola. Em 2009, investiu-se na construção de duas varandas improvisadas para albergar a iniciação.

Atualmente, a escola primaria nº 52 Hoji-Ya-Henda possui 1489 alunos da iniciação a 6ª classe, nos três turnos (manhã, tarde e noite); possui 64 trabalhadores dos quais (2) dois eventuais, 15 administrativos, 1-uma Diretora e 1-um Subdiretor.

A escola conta com 14 salas de aulas de construção definitiva e duas improvisadas para iniciação, dois gabinetes, dois balneários. O estado da escola é regular, apesar de algumas escritas nas paredes; a Direção da escola não descarta a hipótese de haver alunos com problemas de comportamentos, procurando resolver conflitos através de um acompanhamento de diálogo com os pais e encarregados de educação. A escola está inserida na ZIP nº2 onde decorrem trabalhos de planificação e troca de experiências, cumprindo com todas as orientações superiormente baixadas.

### **Localização da escola:**

A escola está localizada na rua Comandante Bula nas mediações entre as Gembas e escola do 1º ciclo Gabriel Kwanhama, na comuna do forte, Santa Rita.

### **Visão e Missão da escola:**

- ✓ Formar o indivíduo, visando não só fazer da criança um homem inteligente, mas também promover uma personalidade pelo desenvolvimento das capacidades e aptidões que possibilitem a melhor adaptação ativa a novas situações.
- ✓ Desenvolver harmoniosamente as capacidades físicas, intelectuais, morais, cívicas, estéticas e laborais da jovem geração de maneira contínua e sistemática e o seu nível científico-técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento sócio-económico do país.
- ✓ Fomentar o espírito de altruísmo devido aos outros alunos e aos superiores interesses da nação angolana na promoção dos direitos e respeito à vida, à liberdade e à integridade pessoal.
- ✓ Desenvolver o espírito de solidariedade entre os povos em atitude de respeito pela diferença permitindo uma saudável integração no mundo.
- ✓ O ensino primário é obrigatório para todos os indivíduos que frequentam o subsistema do ensino geral.

### **3.6. População e amostra**

Neste trabalho de investigação, cingir-nos-emos ao agrupamento das escolas da ZIP2 (Zona de Influência Pedagógica) do Ensino Primário, isto é, da Iniciação à 6ª classe, no Município-sede da Província do Namibe. Dessas escolas selecionaremos parte significativa para a amostra.

De acordo com Marconi e Lakatos (2016, p.206), a amostragem é o processo de seleção de uma parte de uma população: a parte mais representativa possível do todo para, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, poder inferir, o mais legitimamente possível, os resultados da população total. Mas diz ainda que o conceito de amostra é ser uma porção ou parcela convenientemente selecionada da população. Porém, no contexto de um Estudo de Caso, o propósito de generalização, baseado na representatividade, não se afigura relevante, sendo que o objetivo primordial visa a descrição e a compreensão contextualizada de um fenómeno sócio-educativo: as relações escola-família nas três escolas referidas. No presente trabalho de pesquisa, dedicamo-nos à ZIP2 do ensino primário no Município de Moçâmedes com o objetivo de conhecer o tipo e o grau de relação ou envolvimento escola-família no processo de ensino e aprendizagem. Escolhemos a ZIP2 por razões da sua localização: ela situa-se na zona nobre da cidade, no casco urbano, onde, segundo deduzimos do estudo de documentos das escolas ‘Pioneiro Zeca’ e escola Dr. António Agostinho Neto e de

forma mais heterogénea e implícita a escola Hoji-Ya-Henda, os alunos vivem a uma distância reduzida da escola que permite deslocamento rápido. Os PEE trabalham no espaço urbano, pertencendo à classe média que, tendencialmente, valoriza as aprendizagens escolares.

### **3.6.1. Caracterização sociodemográfica dos Professores**

**Quanto ao género,** verificamos que num universo de 73 professores, 56 são do sexo feminino, o que representa **76,7%** dos inquiridos, contra 17 do sexo masculino, 23,2%. Na Escola **‘Pioneiro Zeca’**, recebemos 22 inquiridos, (cf. Quadro nº 13), dos quais 15 são do sexo feminino- 68,1%; e 7 do sexo masculino-31,8%. Na Escola **‘Dr. António A. Neto’** recebemos 24 inquiridos, (cf. quadro nº 14), dos quais 22 são do sexo feminino-91,6% e 2 são masculinos (8,3%). Na escola **‘Hoji-Ya-Henda’**, recebemos 27 inquiridos, (cf. quadro nº 15), dos quais 19 são do sexo feminino-70,3% e 8 são masculinos-29,6%. Notamos claramente que existe na ZIP nº 2 uma maioria esmagadora de professoras.

**Quanto à idade,** verificamos que na escola Pioneiro Zeca, a idade dos professores do sexo feminino está entre 31 a 45 anos ao passo que os masculinos estão entre os 26 a 31 anos de idade! Na escola Dr. António A. Neto, as professoras têm de 20 a 57 anos de idade, ao passo que os professores estão entre os 28 a 31 anos. Na escola Hoji-Ya- Henda, as professoras estão entre os 28 a 50 anos de idade, sendo que duas mais velhas com 50 e 57 anos respetivamente, ao passo que os masculinos estão entre os 31 a 47 anos de idade.

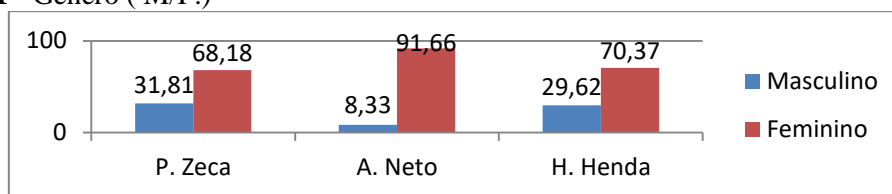
**Quanto à formação académica,** na escola P. Zeca constatamos que todos os professores de ambos os sexos têm habilitações que vão desde técnico médio à Licenciatura. Na escola Dr. António A. Neto, há 14 professoras com o ensino Médio concluído, duas com o Bacharelato e 6 licenciadas, ao passo que entre os masculinos temos um Bacharel e um licenciado. Na escola Hoji-Ya-Henda, temos de Técnica média à licenciada, para a classe feminina, sendo que só duas são licenciadas. No grupo masculino, há dois (2) técnicos médios, três (3) Bacharéis, três (3) licenciados.

**Quanto à situação profissional,** na escola P. Zeca, os professores, tanto masculinos quanto os do sexo feminino são, na sua maioria, quadros efetivos. Na escola Dr. António A. Neto, constatamos que 20 professoras são efetivas bem como os dois do sexo masculino. Entretanto existem outras duas professoras voluntárias. Na escola Hoji-Ya- Henda, Todos os professores são quadros efetivos da educação.

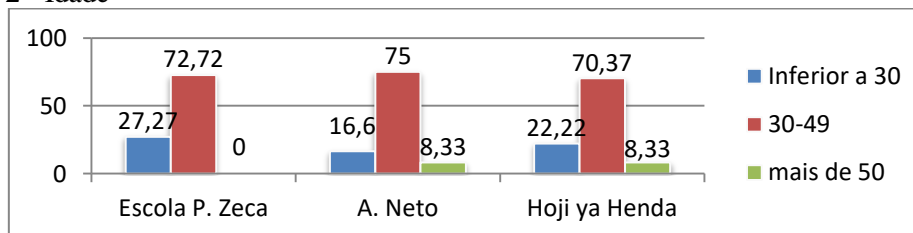
**Quanto a anos de serviço**, a escola P. Zeca, no feminino vão de 7 a 26 anos de serviço ao passo que no masculino os anos de serviço vão de 6 a 10. Na escola Dr. António A. Neto, no feminino o tempo de serviço parte dos 3 Meses a 37 anos, ao passo que para o masculino tem somente um professor com 7 e outro com 11 anos de serviço. Na escola Hoji-Ya-Henda, no feminino temos de 1 a 37 anos de serviço, ao passo que no masculino o tempo de serviço oscila entre 1 a 13 anos.

**Quanto ao tempo que lecionam**, na escola P. Zeca, no feminino o tempo é de 7 a 10 anos ao passo que no masculino o tempo de trabalho vai de 7 a 26 anos. Na escola Dr. António A. Neto, no feminino o tempo que lecionam oscila entre os 3 Meses a 31 anos, ao passo que no masculino vai de 4 a 9 anos. Na escola Hoji-Ya-Henda, no feminino o tempo oscila entre 1 a 28 anos de serviço ao passo que no masculino oscila entre 1 a 13 anos de serviço. Para uma leitura mais clarividente apresentamos a caracterização dos professores em gráficos 1, 2, 3, 4 e 5:

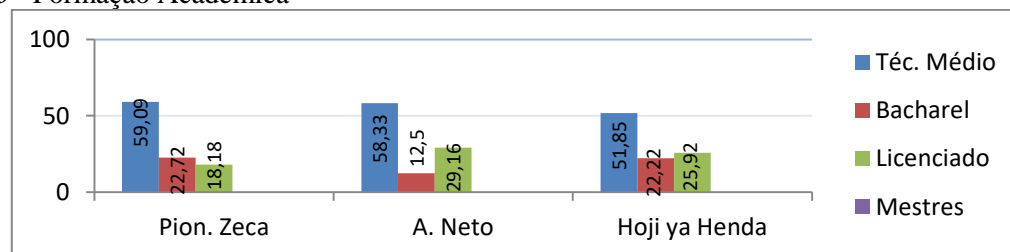
**Gráfico 1 - Género ( M/F.)**



**Gráfico 2 - Idade**



**Gráfico 3 - Formação Académica**

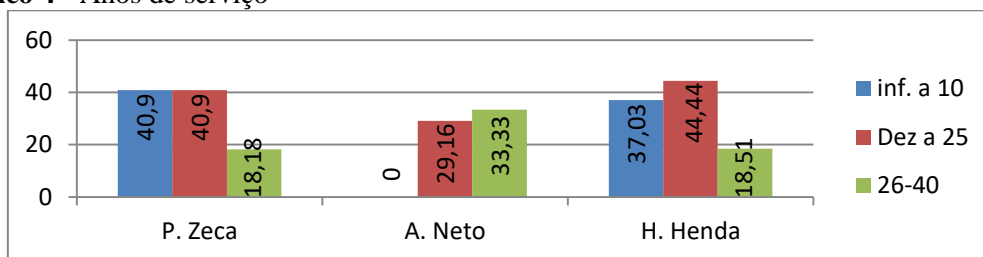


### Situação profissional

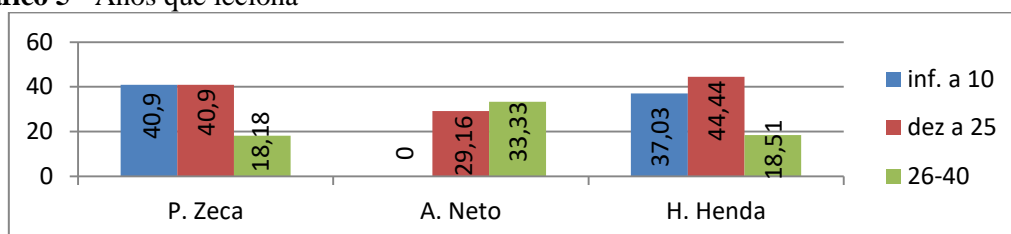
Quanto à situação profissional, descortinamos que na escola P. Zeca e Hoji-Ya-Henda os professores que aderiram ao nosso questionário são todos quadros efetivos do

estado, ao passo que na escola Dr. António A. Neto, de 24 professores que responderam ao nosso inquérito, 22 são efetivos (91,6%), dois dos quais são do sexo masculino. Os voluntários são apenas duas professoras.

**Gráfico 4 - Anos de serviço**



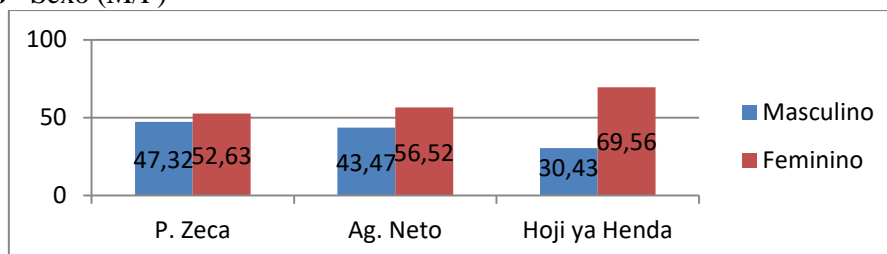
**Gráfico 5 - Anos que leciona**



### 3.6.2. Caracterização demográfica e socioeconómica dos PEE

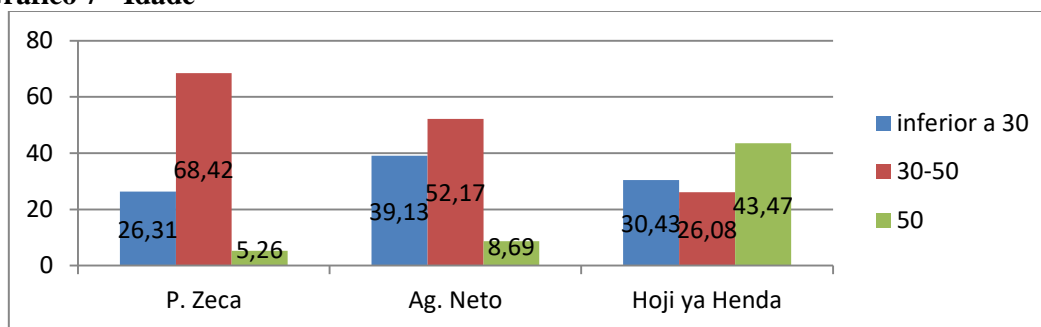
Procedemos agora à caracterização da amostra dos PEE:

**Gráfico 6 - Sexo (M/F)**



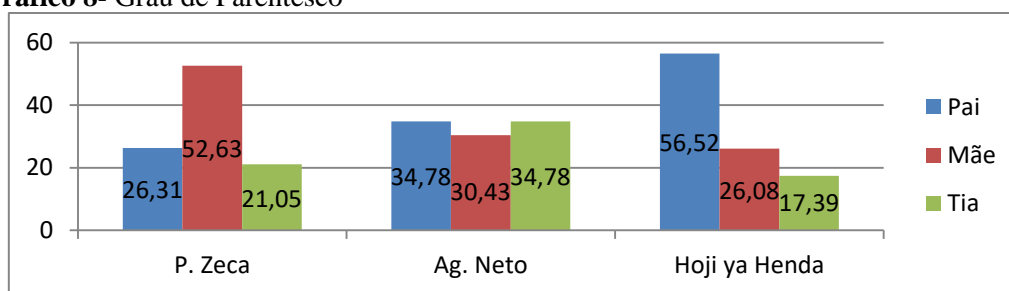
O gráfico 6, tal como na caracterização dos professores, mostra que há, nas três escolas mais envolvimento das mulheres do que dos homens no processo de ensino e aprendizagem. A diferença é maior na H. Henda com 69,5% para o feminino e 30,4% no masculino.

**Gráfico 7 - Idade**



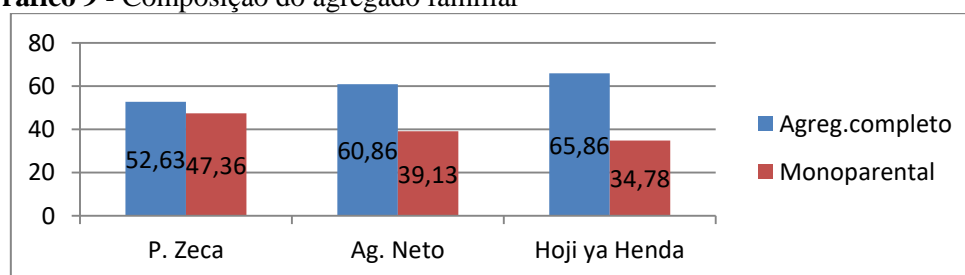
No gráfico 7, observam-se os grupos etários dos PEE com grandes variações entre escolas. Em termos globais, o grupo de 30-50 anos é o mais numeroso. Quanto à nacionalidade, os PEE que responderam ao nosso inquérito são todos de nacionalidade angolana.

**Gráfico 8- Grau de Parentesco**



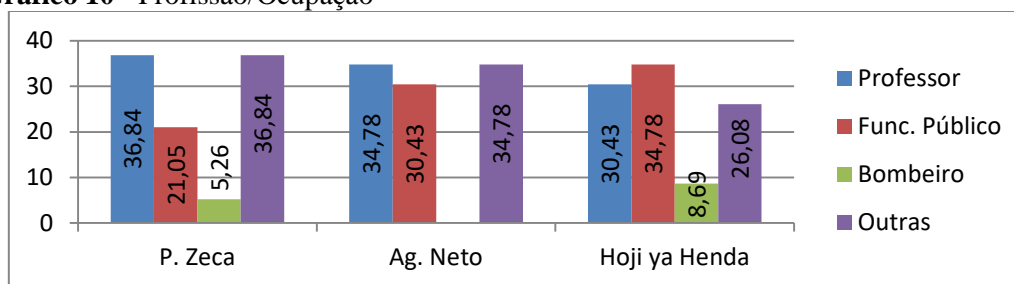
Quanto ao parentesco notamos, no gráfico 33, que os PEE alternavam entre Pai/Mãe na maioria dos casos. Entretanto, o número de pais superou grandemente o das mães na escola H. Henda com 56,5%, ao contrário da P. Zeca, onde o número das mães superou o dos pais com 52,6%.

**Gráfico 9 - Composição do agregado familiar**



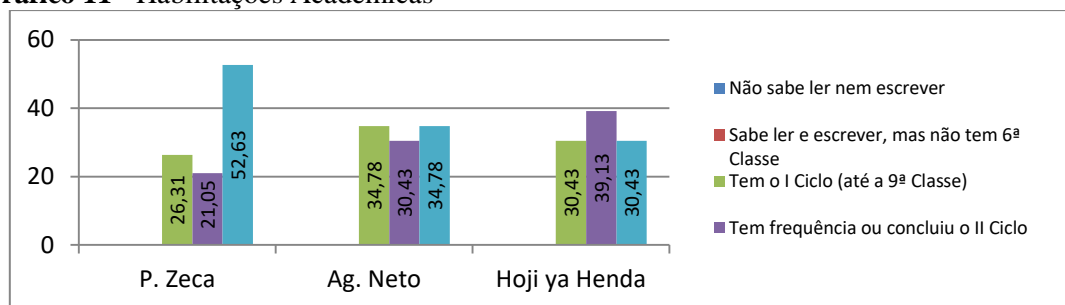
Observa-se uma percentagem significativa de famílias monoparentais, especialmente na P. Zeca com 47%.

**Gráfico 10 - Profissão/Ocupação**



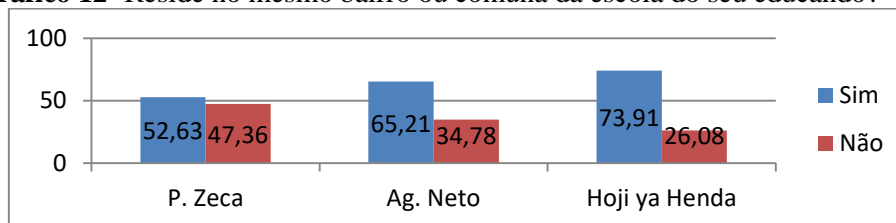
O gráfico 10 mostra uma grande variedade de profissões ou ocupações dos PEE. É importante sublinhar que o Estado continua a ser o maior empregador, absorvendo toda a função pública que inclui Educação, Saúde, Justiça e Defesa. O sector privado é muito subdesenvolvido em meio urbano. Há ainda um grande grupo sem emprego e de assalariados que trabalham por conta própria na categoria “Outros”.

**Gráfico 11 - Habilitações Académicas**



O gráfico 11 mostra que os PEE da P. Zeca têm mais habilitações académicas de toda a ZIP2, com a percentagem de 52,6% na frequência ou conclusão do ensino superior, seguida da A. Neto com 34,7% e 30,4% para a H. Henda, na mesma opção. É importante sublinhar que não há nesta ZIP, PEE com habilitações iguais nem menores a 6ª classe, sendo que a habilitação mínima para as três escolas é a 9ª classe.

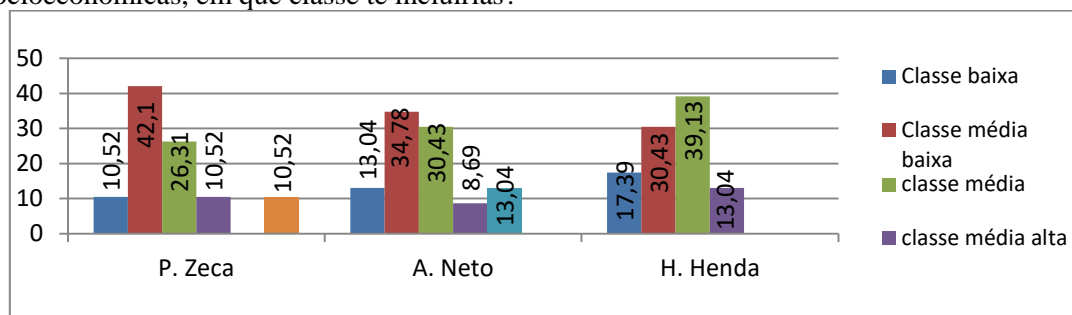
**Gráfico 12- Reside no mesmo bairro ou comuna da escola do seu educando?**



O gráfico 12 mostra que maior número de PEE de toda a ZIP reside no mesmo bairro em que estudam os seus educandos. A maior percentagem vai para a escola H. Henda, com 73,9%, seguida da A. Neto com 65,2% e 52,6% da P. Zeca. Porém, nota-se que há igualmente um número considerável de famílias que vivem longe da escola dos

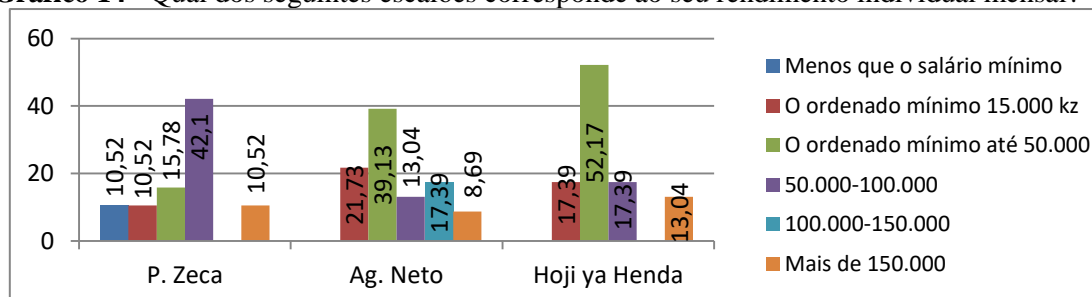
filhos. A maior fatia está na P. Zeca com 47,3% seguida da A. Neto com 34,7 e finalmente 26% para a H. Henda.

**Gráfico 13-** Considerando que a sociedade angolana está subdividida em classes socioeconómicas, em que classe te incluirias?



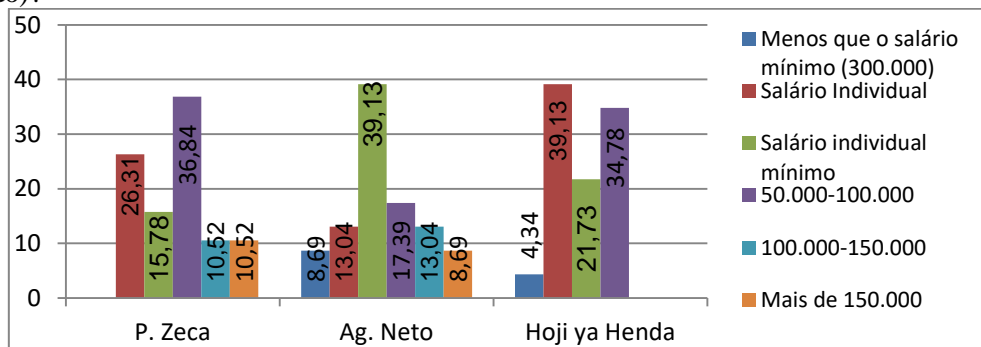
Quanto às classes socioeconómicas, o **gráfico 13** mostra-nos que os PEE da ZIP2 são na sua maioria de classe média e média baixa, com as percentagens de 42,1% na e 26,3% na P. Zeca; 34,7% e 30,4% na A. Neto; 30,4% e 39,1% na H. Henda. Todavia, as classes média alta e alta, representam apenas 8,6% na A. Neto; 10,5% na P. Zeca e 13% na H. Henda.

**Gráfico 14 -** Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento individual mensal?



A questão do rendimento individual e familiar é igualmente importante para caracterizar os PEE. Os gráficos 13 e 14 mostram que estão em conformidade com os resultados do gráfico 38 onde notamos que temos mais classes média e media baixa nos PEE da ZIP2. Em consequência disso, os rendimentos são igualmente muito modestos como nos mostram os gráficos 13 e 14.

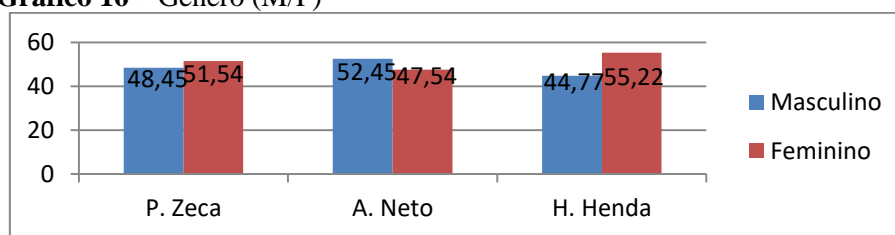
**Gráfico 15** - Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento familiar (mensal líquido)?



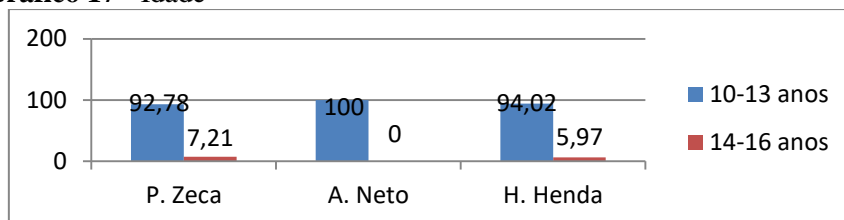
### 3.6.3. Caracterização sociodemográfica dos alunos

A amostra dos alunos compreende 225 indivíduos: 97 na escola Pioneiro Zeca; 61 na escola Dr. António A. Neto; e 67 na escola Hoji-Ya-Henda. Há um ligeiro equilíbrio dos alunos das três escolas, quanto ao género masculino e feminino.

**Gráfico 16** – Género (M/F)

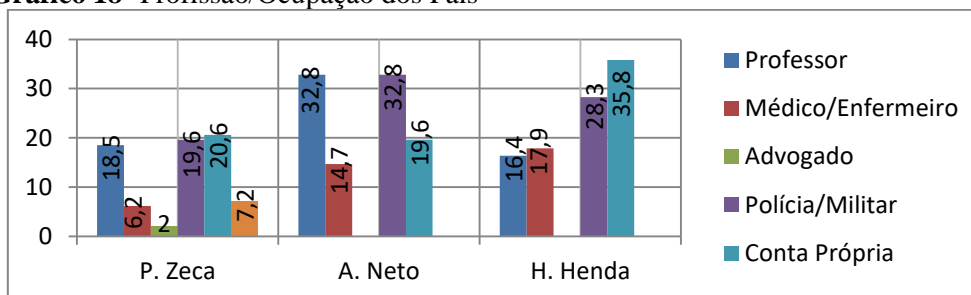


**Gráfico 17** - Idade



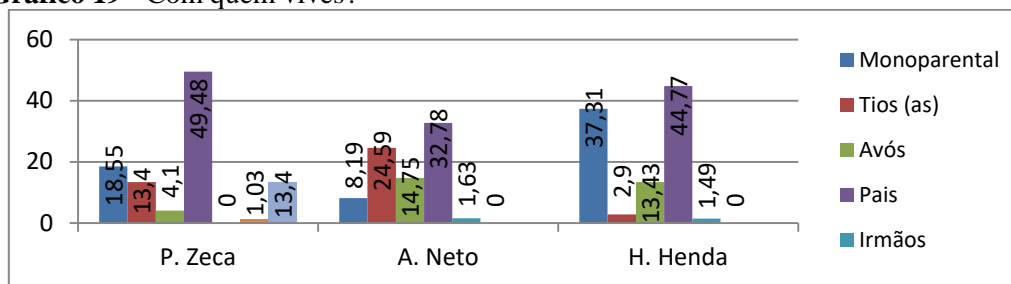
Quanto à idade, os alunos da ZIP2 oscilam entre 10 a 13 anos: nas escolas P. Zeca e H. Henda, encontramos alguns situados entre 14 e 16 anos.

**Gráfico 18** -Profissão/Ocupação dos Pais



Tal como no Gráfico 10, ocupação ou profissão dos PEE, encontramos igualmente aqui, no gráfico 18 grande despique entre as ocupações ou profissões dos mesmos, com a mesma razão já mencionada no gráfico 10. A função pública e a conta própria continuam a ter aqui também maiores percentagens. A diferença é que neste gráfico são as crianças que respondem sobre a profissão dos pais.

**Gráfico 19 - Com quem vives?**



É agradável constatar que maior parte das crianças das três escolas vive com os pais: 49,4% na P. Zeca; 44,7% na H. Henda e 32,7% na A. Neto. As outras, conforme o gráfico 19, vivem ora com os tios, ora com avós, com os irmãos mais velhos.

### 3.7. Instrumentos da recolha de dados

Em conformidade com os objetivos preconizados, procedemos à construção de instrumentos de recolha de dados: Estudo de Documentos (como base para a descrição das três instituições escolares) e Inquérito por Questionário, tendo sido construído um instrumento especificamente para cada subgrupo, mas com itens paralelos para possibilitar a sua comparação. No dizer de Ketele e Roegiers (2011, p.40), o Questionário permite uma comunicação indireta existindo uma intermediação na passagem da informação entre a fonte e o investigador que, no nosso contexto, foi assegurada pelas Direções das Escolas.

#### 3.7.1 Inquérito por questionário aos Professores

No questionário aos professores (cf. Anexo 2), a nossa preocupação centra-se na participação parental, que poderá ser considerada variável dependente, em conexão com as seguintes potenciais as variáveis independentes que são avaliadas na Parte 1 (Identificação) do Questionário: sexo; idade; formação académica; situação profissional; tempo de serviço; anos de docência; importância da relação entre encarregado de educação e professores; classificação da participação dos pais na escola; classe socioeconómica dos pais determina o sucesso do aluno; classe socioeconómica de

encarregados de educação que participa mais na escola; classe socioeconómica de encarregados de educação com mais informação sobre a escola; horário laboral dos encarregados de educação funcional; preparação e estratégias utilizadas nas reuniões de pais; Projeto Curricular de Turma envolvendo os encarregados de educação; papel do professor; representação dos encarregados de educação em associações de pais; classificação da escola em termos físicos e humanos, protagonização da educação do aluno; pais, alunos e professores juntos melhoram a escola; ambiente familiar; relação com os encarregados de educação. Para avaliarmos as perceções dos professores face às relações entre a família e a escola, depois da caracterização, passamos para a **segunda parte** do Questionário, para abordar a relação família/escola. Optámos por um inquérito por questionário com questões que vão de **discordo** a **concordo**, para além das questões dicotómicas (i.e., sim ou não). Na terceira parte, o Questionário aborda a relação Escola-Família, seguindo o mesmo esquema de perguntas excetuando o pedido de percentagem aproximada de encarregados de educação que vão às reuniões propostas pelo professor. Na quarta e última parte, tratando da relação Escola-aluno, o professor classifica a escola em termos físicos e humanos num esquema que vai de péssima a muito boa.

### **3.7.2. Inquérito por questionário a Pais e Encarregados de Educação (PEE)**

Neste questionário (cf. Anexo 4), mantém-se, *mutatis mutandis*, a estrutura descrita anteriormente para os professores. Assim, a Parte I (Identificação) do Questionário solicita informação sobre variáveis potencialmente independentes em conexão com o envolvimento parental: sexo, idade, nacionalidade, grau de parentesco, agregado familiar, profissão, habilitações académicas, classe socioeconómica que se inclui, rendimento individual, rendimento familiar, razão pela escolha da escola, apoio nos trabalhos de casa, importância dos pais na preparação dos filhos para a vida, frequência de comunicação com o professor, horário laboral funcional, frequência na participação em reuniões/atividades, classificação da participação na escola, a relação entre professor e encarregado de educação promove o sucesso escolar, melhorar a relação família-escola, escola deve incentivar a participação das famílias, preocupação da escola pelas famílias, conhecimento do regulamento interno, representação nos órgãos de gestão da escola, representação dos encarregados de educação em associações de pais; classificação da escola em termos físicos e humanos, protagonização da

educação do aluno; pais, alunos e professores juntos melhoram a escola; relação com o educando, relação com a escola.

A segunda parte refere-se às relações Família-Escola. Nesta parte, avaliam-se as percepções dos PEE. Os itens são politômicos e dicotômicos: “sim ou não” e opções múltiplas que vão do “*nunca* ao *sempre*”; do “*nada importante*” ao “*essencial*” e do “*discordo completamente*” ao “*concordo totalmente*”. A terceira parte refere-se às relações Escola-Família e a quarta parte refere-se à relação entre a escola e o aluno. Nesta última parte, procuramos compreender o que pensam os pais sobre a escola dos seus educandos e como a classificam, numa escala que vai de “péssimo” a “muito bom”, e como consideram que pode melhorar e como deve ser feita a educação das crianças.

### **3.7.3. Inquérito por questionário aos alunos**

Como nos outros inquéritos anteriores, o Questionário para os Alunos (cf. Anexo 3) começa pela caracterização, que marca o perfil do aluno. Na segunda parte, procura saber-se qual o entendimento ou quais as percepções dos alunos sobre as relações entre a escola e os seus Pais ou encarregados de educação, com itens análogos aos descritos para os dois outros subgrupos. Tratando-se do ensino fundamental, o inquérito incluiu somente os **alunos da 6ª classe** porque as questões requerem competências elevadas de compreensão e de reflexão a partir de itens escritos.

### **3.8. Procedimentos na recolha de dados**

A recolha de dados foi realizada após obtidas as respetivas autorizações da parte da Direção Provincial de Educação e das Direções escolares (cf. Anexo 1). Os Diretores foram mediadores para a comunicação com todos os participantes. Os Professores e PEE receberam os questionários, responderam individualmente, em local e tempo da sua eleição, tendo posteriormente entregado individualmente. Os alunos participaram mediante convite coletivo feito na sala de aula a todas as turmas da 6ª classe. A todos os participantes foi solicitado Consentimento Informado, garantindo-se a participação livre, voluntária e anónima. A distribuição do questionário foi feita da seguinte maneira nas três escolas:

**Quadro 13-** Distribuição e recolha dos questionários à escola **Pioneiro Zeca**

Categorias	Distribuídos	Respondidos		Não devolvidos	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Alunos	105	97	92,3%	8	7,60%
Pais e encarregados de educação	25	19	76%	6	24%
Professores	25	22	88%	3	12%
Total	155	138	89,03%	17	10,9%

**Quadro 14-** distribuição e recolha dos questionários à escola **Dr. António A. Neto**

Categorias	Distribuídos	Respondidos		Não devolvidos	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Alunos	64	61	95,3%	3	4,68%
Pais e encarregados de educação	25	23	92%	2	8%
Professores	30	24	80%	6	20%
Total	119	108	90,7%	11	9,24%

**Quadro 15-** Distribuição e recolha dos inquéritos à escola **Hoji-ya-Henda**

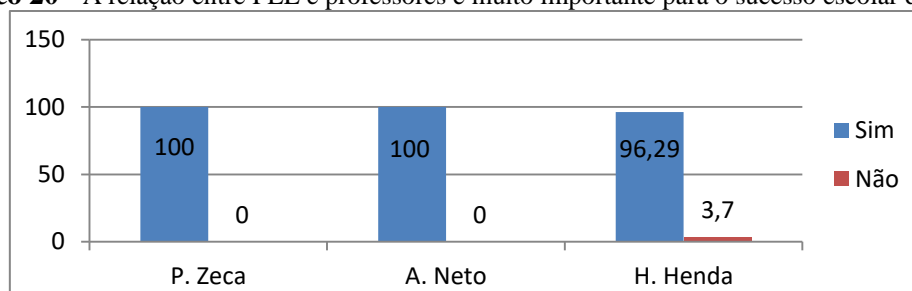
Categorias	Distribuídos	Respondidos		Não devolvidos	
		Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Alunos	70	67	95,7%	3	4,20%
Pais e encarregados de educação	25	23	92%	2	8%
Professores	30	27	90%	3	10%
Total	125	117	93,6%	8	6,4%

Assim, dos 25 inquéritos distribuídos aos professores da escola primária '**Pioneiro Zeca**', 22 foram respondidos, o que perfaz uma percentagem aceitável de 88%. Na escola **Dr. António A. Neto**, dos 30 inquéritos distribuídos, 24 regressaram respondidos, o que perfaz uma percentagem aceitável de 80%. Na escola primária **Hoji-Ya-Henda**, dos 30 inquéritos distribuídos, 27 foram respondidos, o que perfaz uma percentagem igualmente aceitável de 90%.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Percepções dos professores

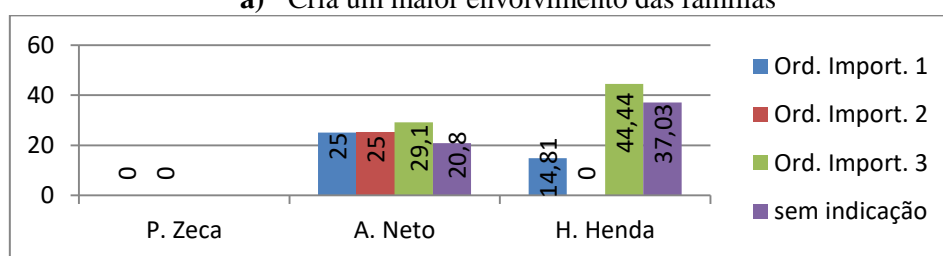
**Gráfico 20** - A relação entre PEE e professores é muito importante para o sucesso escolar do aluno?



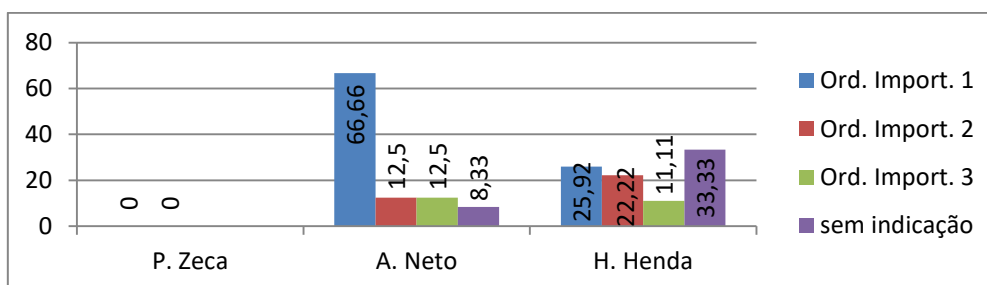
A esta questão, como se pode notar através do gráfico 20, todos os professores foram unânimes em afirmar que a relação entre os professores e os PEE tem influência no sucesso escolar do aluno. Apenas uma minoria quase insignificante na escola Hoji-Ya-Henda respondeu não, representando 3,7%. Entretanto há uma dispersão considerável quanto à consideração da ordem de importância no gráfico 21, o que se pode compreender com toda a naturalidade! Para a opção da alínea a) a maior fatia é da escola Hoji-Ya-Henda com 44,4%. Para a opção da b), a maior fatia pertence à escola António A. Neto com 66,6%. Para a opção c), a maior percentagem pertence igualmente à escola Dr. António A. Neto com 33,3%. É muito notória a abstenção da escola Pioneiro Zeca a essa questão, bem como os itens sem indicação, com destaques para a escola H. Henda, na opção a) com 37% e na opção c) com 59,2%.

**Gráfico 21** – Se respondeu sim, coloque por ordem de importância (1 a 3) as seguintes opções:

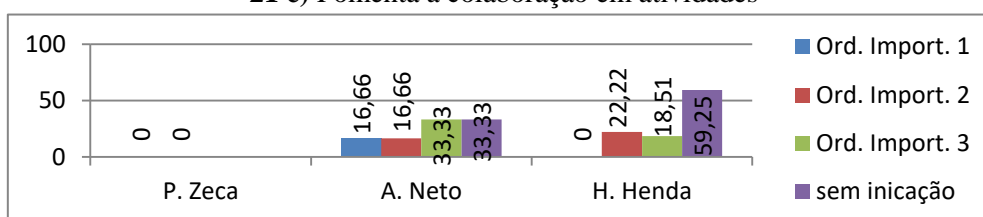
a) Cria um maior envolvimento das famílias



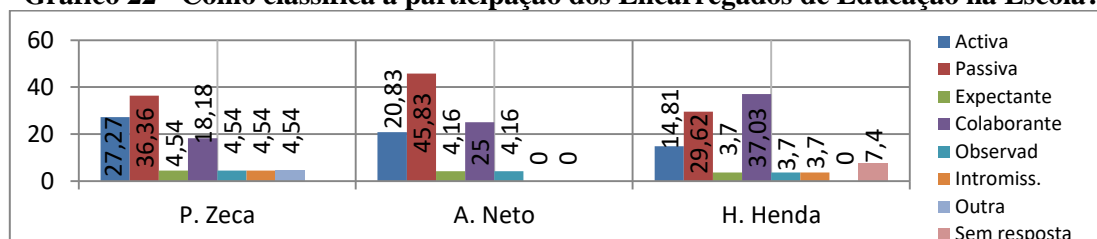
21b) Desperta uma maior preocupação/interesse pela vida escolar



### 21 c) Fomenta a colaboração em atividades

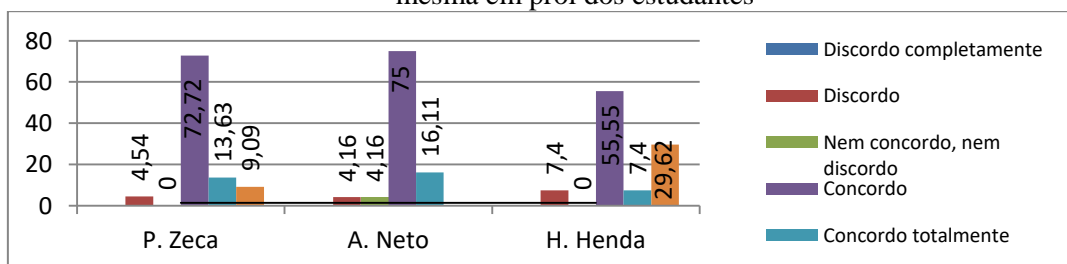


### Gráfico 22 - Como classifica a participação dos Encarregados de Educação na Escola?



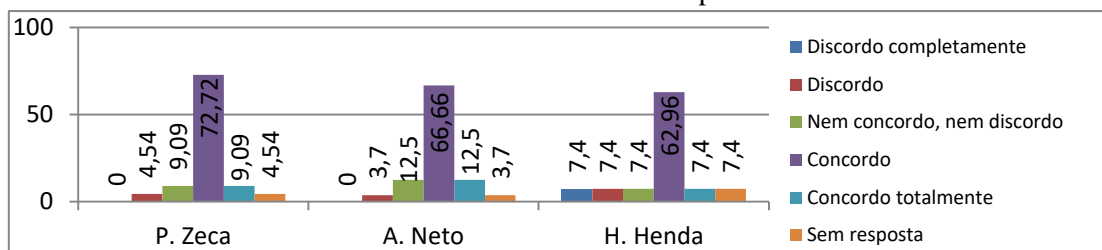
Na questão da participação dos encarregados de educação na vida da escola, (gráfico 22), há grande diversidade de perspetivas. Porém, há também um número significativo de professores que avalia com a categoria “participação passiva” o tipo de participação dos PEE no processo de ensino e aprendizagem. Na escola P. Zeca são 36,3%; na escola Dr. António A. Neto são 45,8% e na escola H. Henda são 29,6%. Há, porém, uma parte de professores escola H. Henda (37%) que considera “colaborante” essa participação.

### Gráfico 23 - Na relação família escola, a escola consegue fazer esforço de modo a melhorar a mesma em prol dos estudantes



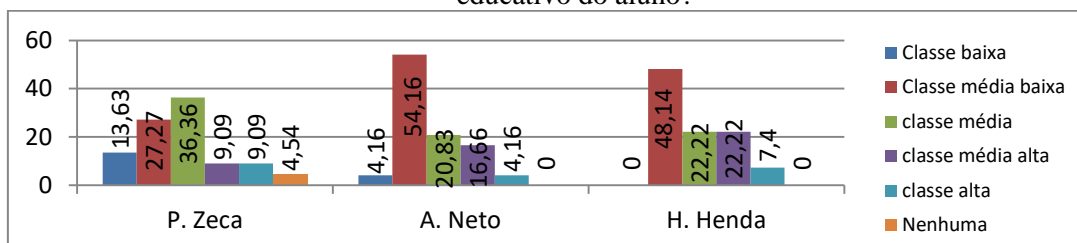
O gráfico 23 mostra claramente que 72,12% dos professores da escola Pioneiro Zeca; 75% da escola A. Neto e 55,55% de professores da escola Hoji-Ya-Henda, concordam que a escola pode melhorar as suas relações com a família.

**Gráfico 24 - A classe socioeconómica é determinante para o sucesso escolar do aluno**

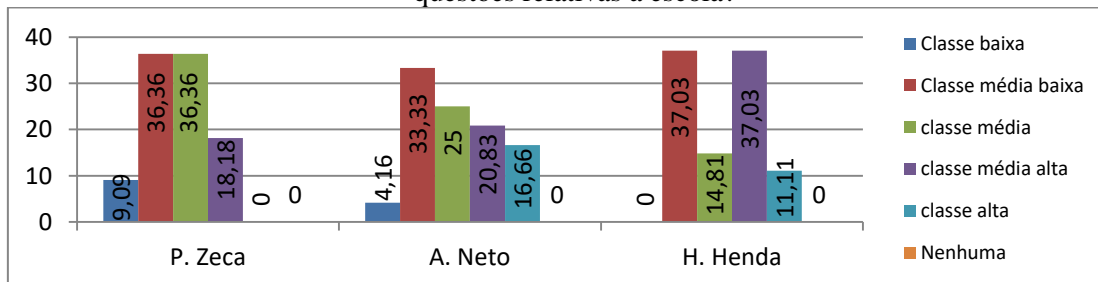


Neste gráfico 24, se questiona aos professores se a classe socioeconómica do aluno bem como a dos seus pais pode condicionar o aproveitamento do aluno. A grande maioria dos professores, como se pode notar no gráfico, considera que sim, com as percentagens de 72,7% para a escola P. Zeca; 66,6% para a escola Dr. António A. Neto e 62,9% para a escola H. Henda. Os gráficos 11 e 12 indicam maiores percentagens de interesse e participação no processo educativo dos alunos/educandos às classes média-baixa com 54,16% na escola Dr. A. A. Neto e 48,14% na escola H. Henda, ao passo que nas classes média alta temos a pior percentagem de 9,0% para a P. Zeca, e classe alta temos as piores percentagens de 9,09% para a P. Zeca; 4,16% para a A. Neto e 7,4% para a escola H. Henda. O gráfico 25 indica igualmente, maiores percentagens à classe média e média baixa, quanto à atenção e informações dos encarregados em relação à escola, como se pode ver abaixo.

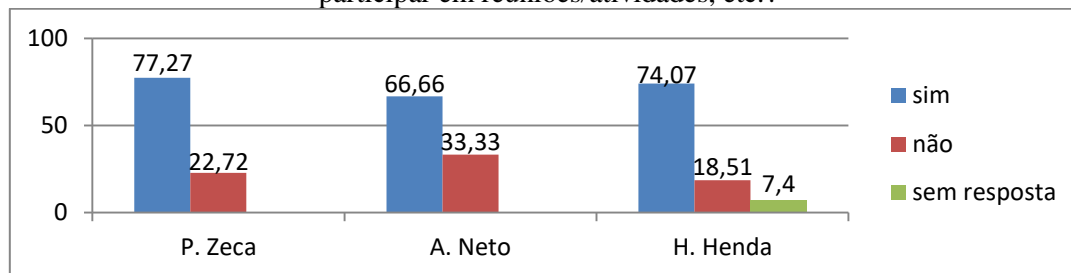
**Gráfico 25 - Qual ou quais as classes sociais que mais participam na escola no processo educativo do aluno?**



**Gráfico 26 - Qual ou quais as classes sociais que estão mais informadas/participativas sobre as questões relativas a escola?**

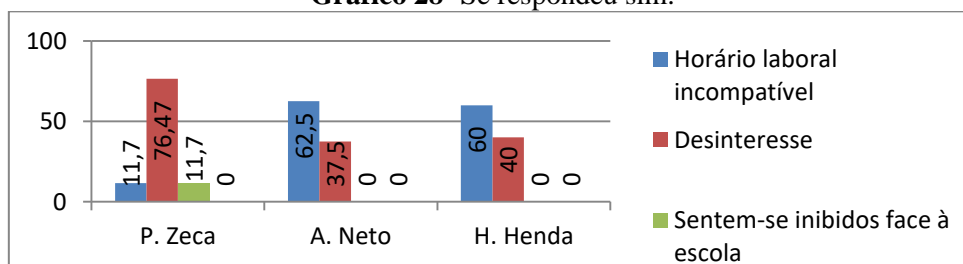


**Gráfico 27** - Os encarregados de educação estão muito ocupados para vir à escola, para participar em reuniões/atividades, etc.?

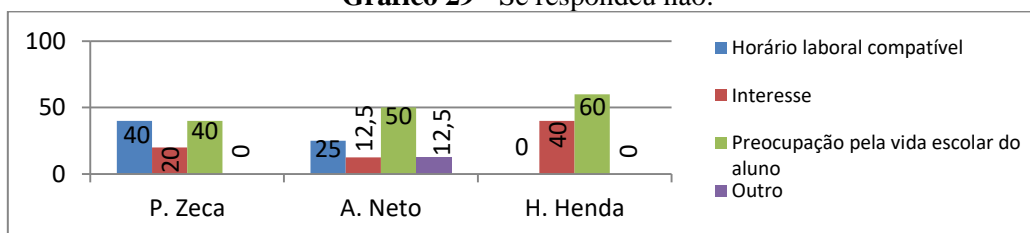


Segundo o gráfico 27, os PEE têm pouca disponibilidade para as interações com a comunidade escolar. As respostas para a opção sim têm uma percentagem muito significativa nas três escolas. Há, entretanto, uma parte que podemos considerar residual na escola H. Henda com 7,4% que preferiu abster-se na resposta a essa questão! Quanto à razão da indisponibilidade, gráfico 14 e 15, a Escola P. Zeca aponta o desinteresse com 76,4%, ao passo que as escolas A. Neto e H.Henda optam mais para a incompatibilidade de horários com 62,5 e 60% respetivamente. Há, porém, uma parte de professores (11,7%) que considera que os PEE se sentem inibidos face à comunidade escolar, igual percentagem sobre a incompatibilidade de horário laboral na mesma escola P. Zeca. Os professores que optam pelo não dizem que os PEE se preocupam realmente com a vida escolar dos seus educandos, sendo 60% na H. Henda, 50% na A. Neto e 40% na P. Zeca, como se pode ver no gráfico 15 com todos os outros detalhes.

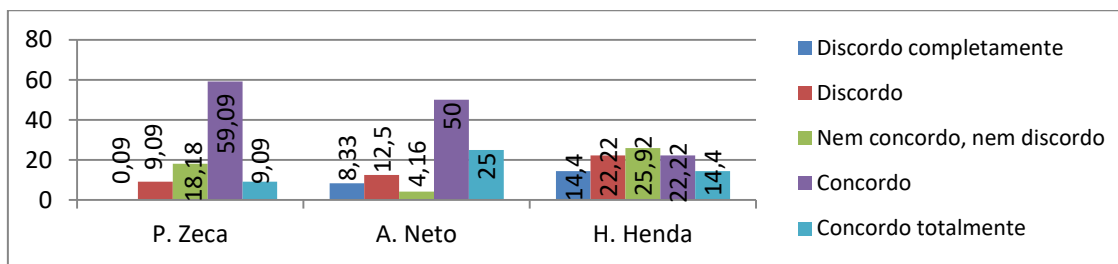
**Gráfico 28** -Se respondeu sim:



**Gráfico 29** - Se respondeu não:



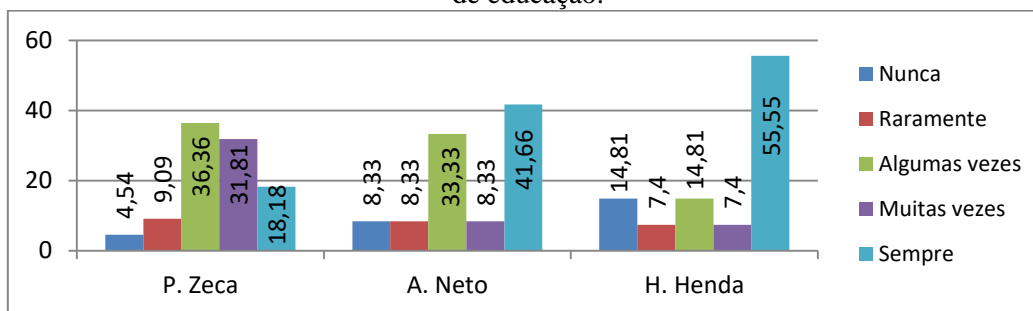
**Gráfico 30** - Os professores devem preparar as reuniões com os encarregados de educação



A questão do gráfico 30, bem como de todas as questões do terceiro grupo, procura explorar a tipologia de atividades que podem integrar-se na relação escola-família, em conformidade com a célebre tipologia de Epstein. A tendência da resposta à questão do gráfico 16 é positiva, com 59% para a P. Zeca; 50% para a escola A. Neto e 22,22 para a escola H-Ya-Henda. Os que discordam constituem minorias com 9% na P. Zeca; 12,5% na A. Neto e 22,2 na H. Henda. É importante sublinhar a grande diferença entre as partes que vão desde os que concordam e concordam na totalidade, daqueles que discordam e na totalidade.

«Coloque por ordem crescente a estratégia que utiliza nas reuniões de PEE» - para esta questão, colocar em ordem crescente as estratégias utilizadas nas reuniões com os PEE, foi-nos difícil colocar as respostas em gráfico, por quanto, as respostas não cumpriram com o esquema solicitado. Embora não se toma isso por absoluto. Julgamos nós que tal aconteceu pelo facto de não haver ainda uma cultura verdadeiramente de interação entre professores/escola e PEE, de uma maneira sistematizada. O que constatamos na generalidade é uma prática comum que consiste em chamar circunstancialmente os professores para resolver algo que despoletou e se precisa esclarecer ou resolver.

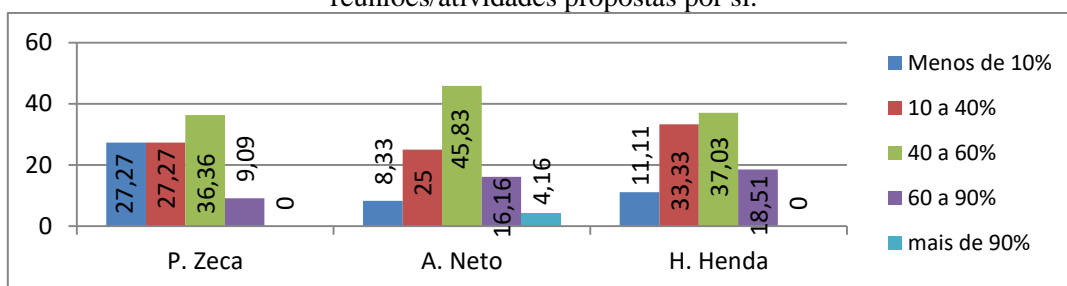
**Gráfico 31** - O seu projeto curricular de turma envolve a participação dos pais e encarregados de educação.



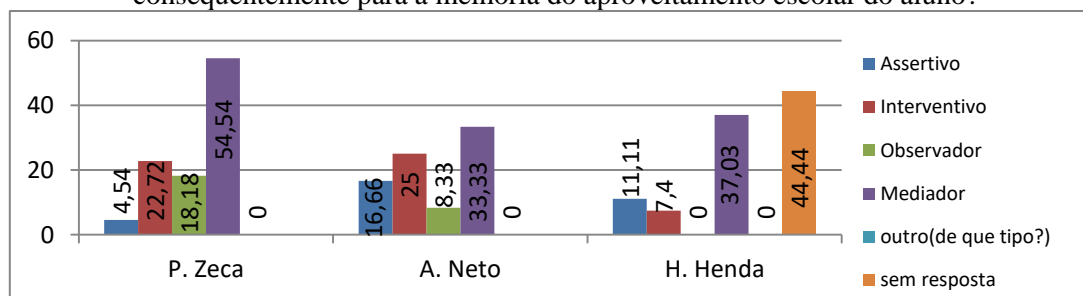
No gráfico 31, uma parte considerável de professores diz-nos que envolve os PEE na elaboração do projeto curricular de turma: A escola H.Henda com 55,5% seguindo a A. Neto com 41,6%, ao passo que a maioria dos professores da P.Zeca é mais cautelosa ao dizer apenas algumas vezes(36,3%). Entretanto os resultados do

gráfico 18 não concordam com o otimismo das escolas H.Henda e A. Neto, porquanto, a percentagem dos PEE que vão às suas reuniões é muito baixa, isto é, apenas a opção 40 a 60% dos PEE na H.Henda (37%); na escola A. Neto (45,8%); na P. Zeca (36,3%). O otimismo do gráfico 31 seria mais verosímil se a maioria dos professores, no gráfico 32 optasse pela opção do item 60 a 90 ou mesmo mais de 90%! Essa análise mostra que apesar do relativo otimismo do gráfico 31, há realmente muito trabalho a fazer para melhorar a interação escola-família.

**Gráfico 32** - Indique uma percentagem aproximada de encarregados de educação que vão às reuniões/atividades propostas por si.

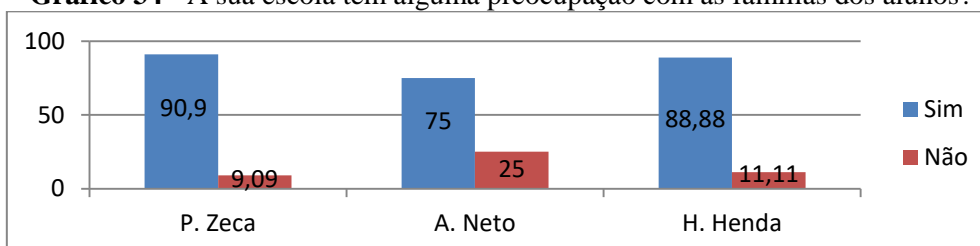


**Gráfico 33** - Qual será o papel do professor para uma boa relação família/escola e consequentemente para a melhoria do aproveitamento escolar do aluno?



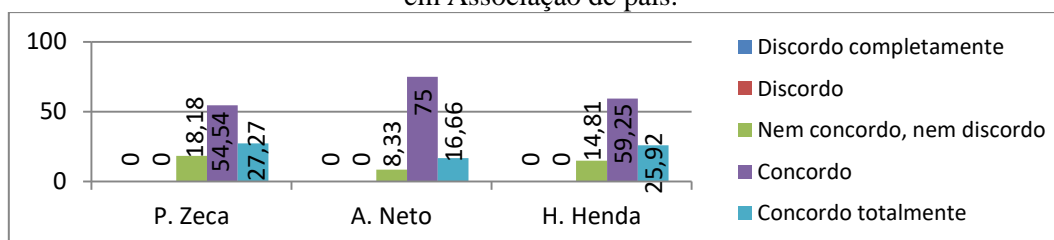
O gráfico33 busca saber dos professores o que pensam do seu papel para uma verdadeira interação família-escola. Na escola P. Zeca a maior parte dos docentes pensa que o papel do professor deve ser de mediador com 54,5%. Na escola A. Neto com 33,3% e na H.Henda com 37%. É importante observar que na escola H. Henda ouve um grande número de professores com o valor de 44,44 que deixou esse item sem resposta

**Gráfico 34** - A sua escola tem alguma preocupação com as famílias dos alunos?

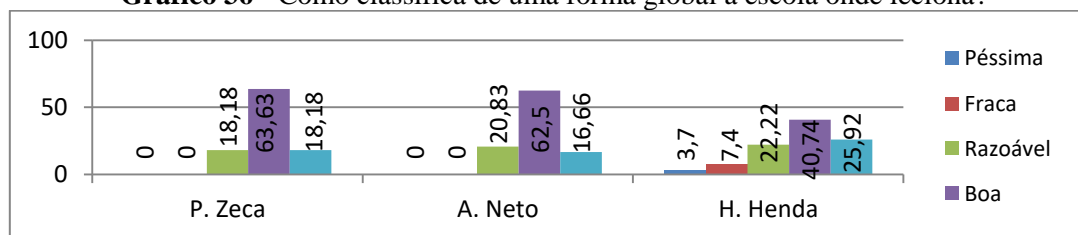


Podemos inferir através deste gráfico 34 que os professores da ZIP 2 acreditam que a sua escola se preocupa com as famílias dos seus alunos. Há um número ínfimo que nega com 9% na P.Zeca; 11,1% na H. Henda e por último um número considerável de professores na A. Neto 25%. Todavia, apesar de a grande maioria ter optado pelo sim, não foram capazes de fundamentar de forma convincente a opção sim, porquanto, era suposto apontar pela existência ou criação da CPEE como uma plataforma que viabiliza e visibiliza a suposta preocupação; uma CPEE interativa e forte capaz de criar mais-valias ao processo de Ensino e aprendizagem. Em vez disso, na questão «se respondeu sim diga como», temos respostas bastante aleatórias e extensas, impossível de colocar em gráfico, entretanto todas um tanto ou quanto despropositadas. Mas no gráfico 33 os professores concordam que a boa relação família-escola passa necessariamente pela representação ou associações de PEE na escola. Na A. Neto, temos a maior percentagem de 75%, seguindo a H. Henda com 59,2% e a P. Zeca com 54,4%. Se juntarmos as percentagens da opção ‘concordo’ à opção ‘concordo totalmente’, teremos quase percentagens máximas. É importante salientar que nesta questão não encontramos nenhuma discordância, apenas os que se abstêm, com 18,1% na P. Zeca, 8,3% na A. Neto e 14,8% na H. Henda.

**Gráfico 35 - A relação família/escola beneficia da representação dos encarregados de educação em Associação de pais.**



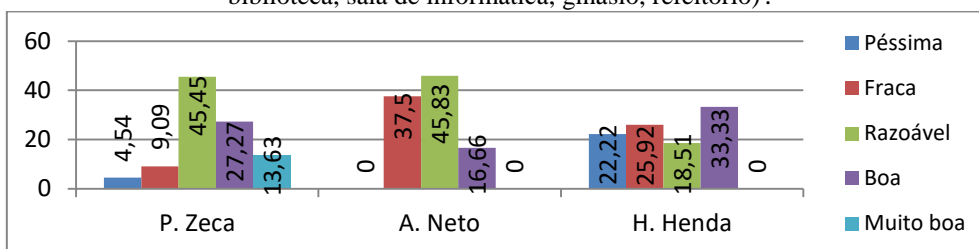
**Gráfico 36 - Como classifica de uma forma global a escola onde leciona?**



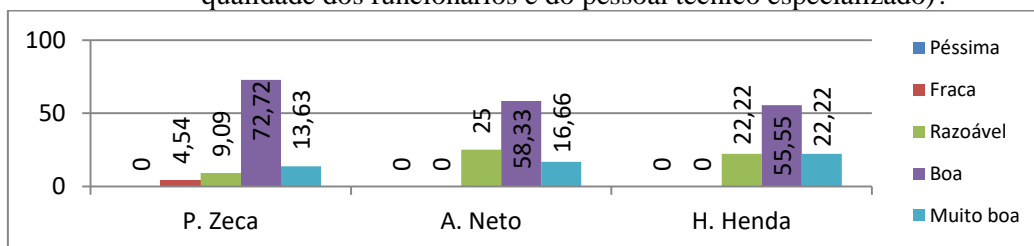
Nos resultados do gráfico 36, maior parte dos professores classifica a sua escola de “Boa”: 63,6% na P.Zeca; 62,5 na A Neto e 40,7% na H. Henda. Note-se que a opção ‘Péssima’ e a opção ‘Fraca’ são ambas exclusivas da escola H.Henda com 3,7% e 7,4% respetivamente. Para as condições físicas da escola, temos alguma diversidade nos resultados, porém a opção «razoável» parece ser a mais consensual, com 45,4% na

P.Zeca; 45,8 na A. Neto e 18,5% na H.Henda. Voltamos a destacar a escola H.Henda com a opção péssima (22,2%) e a escola P.Zeca (4,5%). É igualmente digna de realce a opção ‘Fraca’ com 37,5% na escola A. Neto e 25,9 na H. Henda. É igualmente digna de realce a opção ‘Fraca’ com 37,5% na escola A. Neto e 25,9 na H. Henda.

**Gráfico 37** - Como classifica as condições físicas da escola (por exemplo a existência ou não de biblioteca, sala de informática, ginásio, refeitório)?

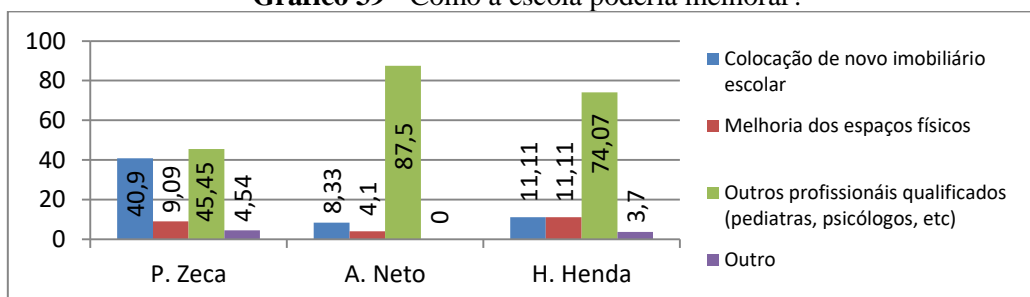


**Gráfico 38** - Como classifica as condições humanas (por exemplo, qualidade dos professores, qualidade dos funcionários e do pessoal técnico especializado)?



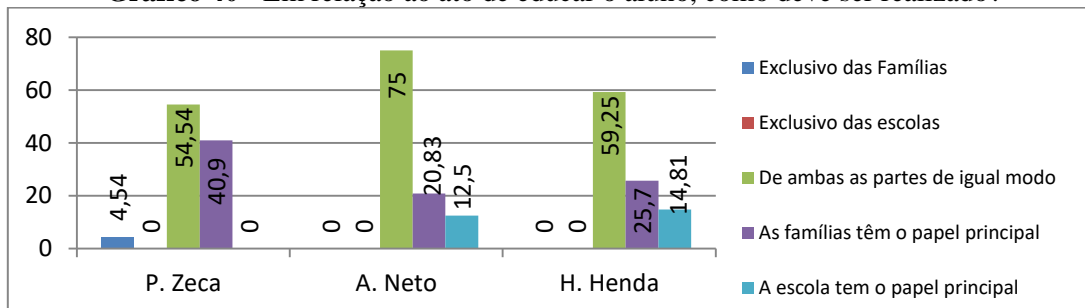
Quanto às condições humanas notamos claramente no gráfico 38 alguma satisfação da parte dos professores. Ninguém na opção ‘Péssima’; há porém uma minoria que escolheu a opção ‘fraca’ exclusivamente na P.Zeca com 4,5%.

**Gráfico 39** - Como a escola poderia melhorar?



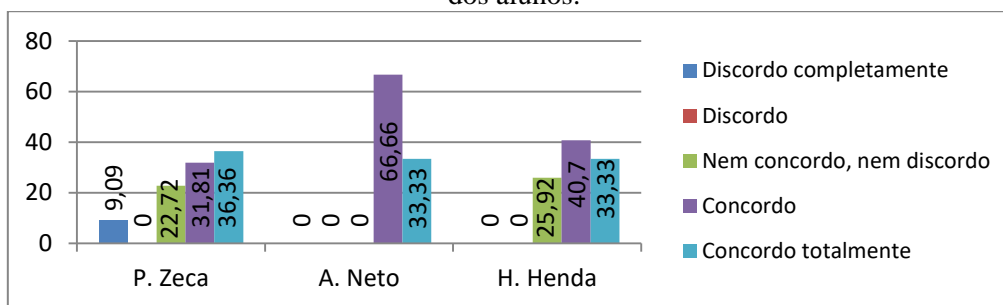
Segundo o gráfico 39 a escola pode melhorar agregando à comunidade escolar mais profissionais de outras áreas como saúde, Psicopedagogia, etc.: 87,5% para A. Neto; 74% para H. Henda e 45,4% para P. Zeca. Há, porém, uma parte considerável de professores que aponta para a colocação de um novo imóvel ou requalificação das estruturas físicas, com maior ênfase para a escola P. Zeca, com 40,9%.

**Gráfico 40** - Em relação ao ato de educar o aluno, como deve ser realizado?



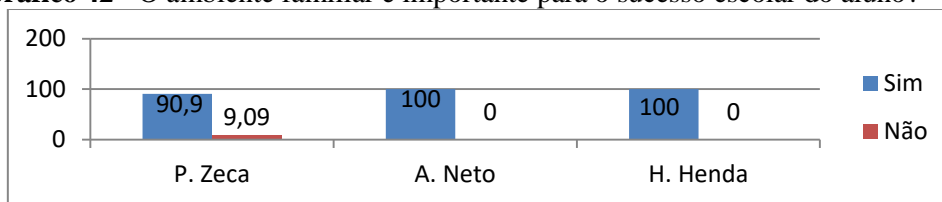
No gráfico 40, os professores na sua generalidade pensam que a educação dos alunos deve ser feita pela escola e pelas famílias partilhando “de igual modo” as responsabilidades: a maior percentagem pertence a escola A. Neto com 75%, seguida pela H. Henda com 59,2% e a P. Zeca com 54,5%.

**Gráfico 41** - Para haver sucesso escolar, aprendizagens significativas e melhoria da instituição escolar, tem de se ter sempre em conta a conjugação dos esforços das famílias, de professores e dos alunos.



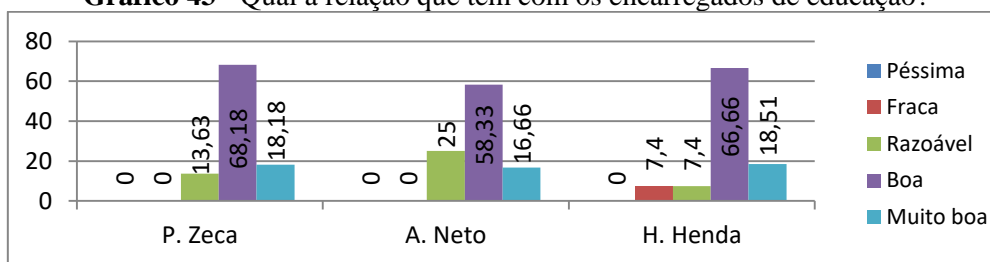
A resposta à questão do **gráfico 41** é uma consequência lógica da resposta do gráfico anterior. Aqui os professores acreditam que havendo parcerias entre PEE e a instituição escolar, haverá também maior probabilidade de sucesso académico dos alunos ou educandos. Se tivermos de juntar em cada uma das 3 escolas as opções de ‘concordo’ e a opção ‘concordo totalmente’, teremos uma maioria esmagadora de professores a favor dessa maneira de pensar, sobretudo na escola A. Neto com 100%.

**Gráfico 42** - O ambiente familiar é importante para o sucesso escolar do aluno?



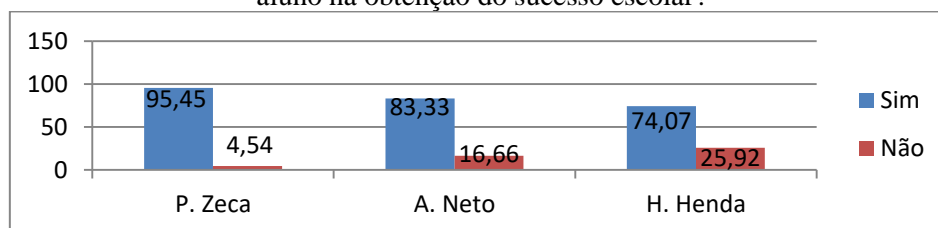
No gráfico 42, os professores acreditam que o ambiente familiar influencia o sucesso ou insucesso escolar do aluno. Apenas uma parte muito residual de professores na P.Zeca pensa que não, com 9%. A justificação desta questão, maior parte dos professores preferiu deixar em branco, não querendo pormenorizar.

**Gráfico 43** - Qual a relação que tem com os encarregados de educação?



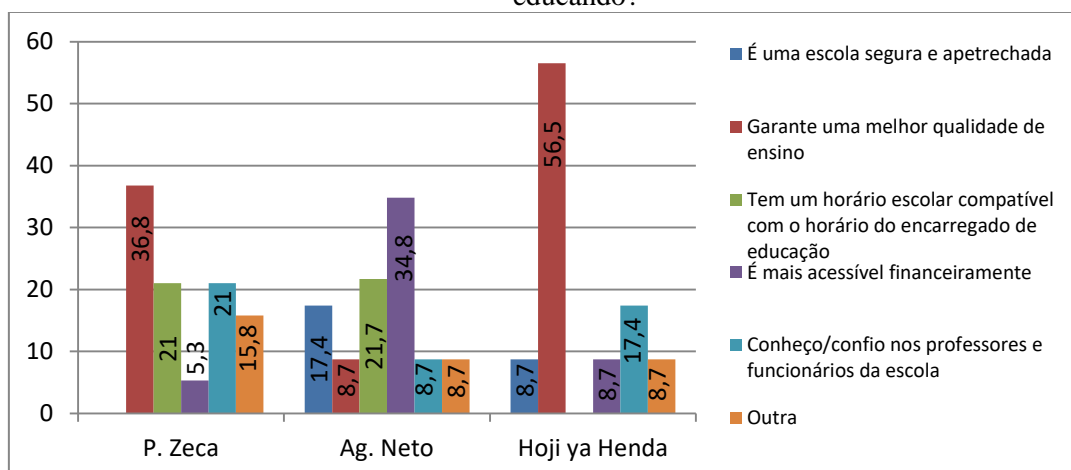
No gráfico 43, se pode ver que a maioria esmagadora dos professores, em ambas escolas, afirma ter boas relações com os PEE, E acreditam, igualmente que essa relação tem influência nos resultados escolares dos alunos conforme o gráfico 44

**Gráfico 44**- Será que a relação do professor com os encarregados de educação influencia o aluno na obtenção do sucesso escolar?



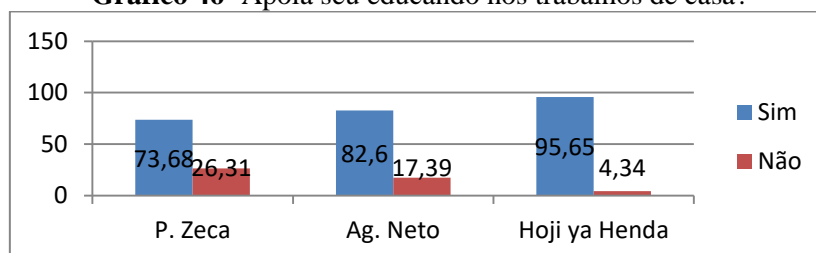
## 4.2. Percepções dos PEE

**Gráfico 45-** Indique a razão (ou razões) que o levaram a optar pela atual escola do seu educando?



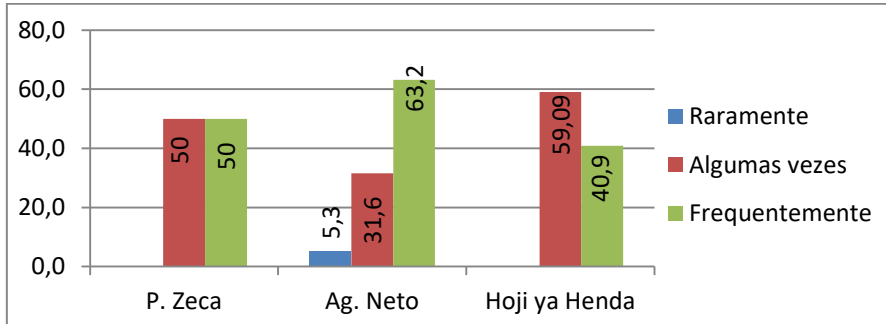
O gráfico 45 mostra as razões da escolha ou eleição da escola por parte dos PEE. Surpreendentemente, ninguém apontou a razão da proximidade com a casa. As respostas mais repetidas são da opção a ‘escola garante melhor qualidade de Ensino’, na H. Henda com 56,5% na P. Zeca com 36,8%, ao passo que na A. Neto a maioria de PEE escolheu aquela escola por razões de acessibilidade financeira (34,8%).

**Gráfico 46-** Apoia seu educando nos trabalhos de casa?

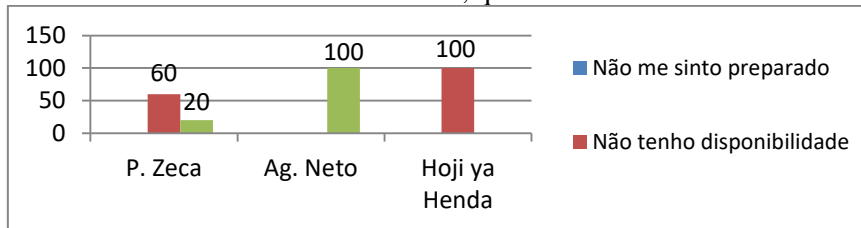


No gráfico 46 os PEE afirmam que apoiam os seus educandos nos trabalhos de casa. A maior percentagem está na H.Henda com 95,6%, seguida da A. Neto com 82,6% e a P. Zeca com 73,6%. Há uma parte considerável de PEE na P.Zeca que dizem não apoiar os filhos nos trabalhos de casa. Nos gráficos 46 e 47 estão as razões pelo “sim” e as razões pela opção “não”. Os que dizem não apoiar os educandos apontam como principal razão a falta de disponibilidade e que em vez do seu apoio estão as explicações fora das aulas (gráfico 47).

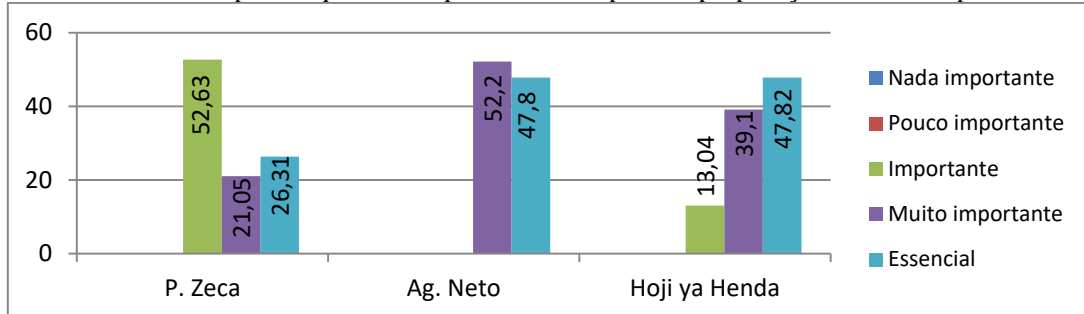
**Gráfico 47 - Se sim:**



**Gráfico 48- Se não, qual é a razão?**

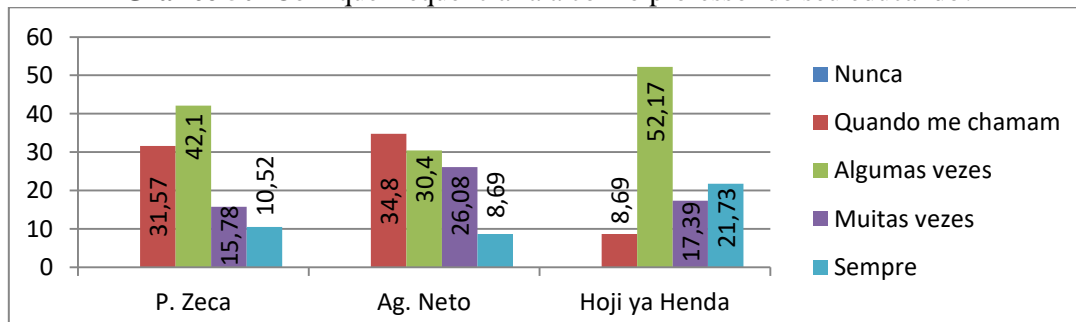


**Gráfico 49- Na tua opinião qual é a importância dos pais na preparação dos filhos para a vida?**



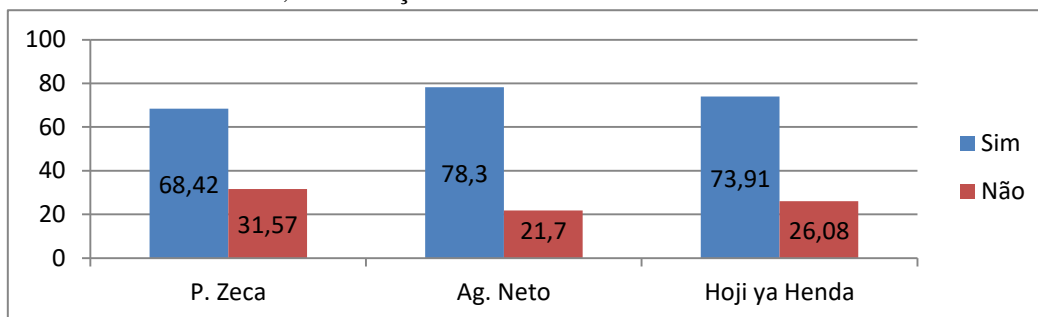
O gráfico 49 mostra que os PEE acham importante, muito importante e até mesmo essencial, a preparação ou capacitação dos filhos para a vida.

**Gráfico 50 -Com que frequência fala com o professor do seu educando?**



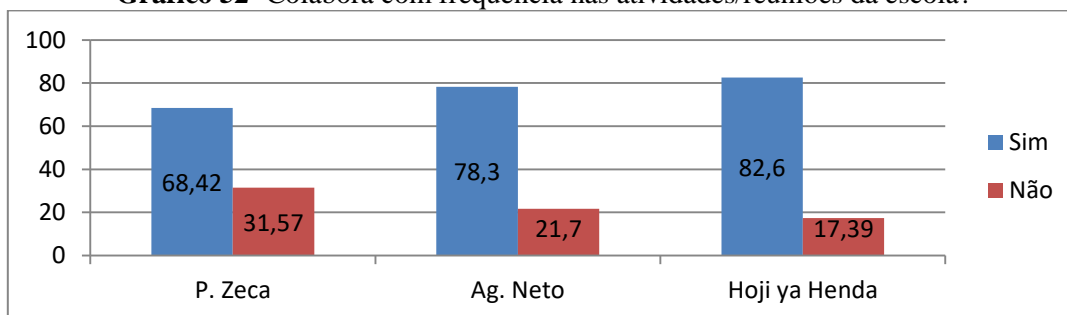
O gráfico 50 mostra alguma debilidade ou deficit de comunicação/diálogo entre os PEE e os professores, sobretudo na escola P. Zeca na opção ‘quando me chamam’ com 31,5% e na A. Neto com 34,8%. A maior parte deles fala ‘algumas vezes’, isto é, 52,1% na H Henda; 30,4% na A. Neto e 42,1% na P. Zeca.

**Gráfico 51-** Considera que o teu horário laboral é funcional relativamente à participação em reuniões (de pais, de avaliação, etc.) ou em atividades letivas (participação em festas comemorativas, colaboração em atividades dentro e fora da sala de aula)?



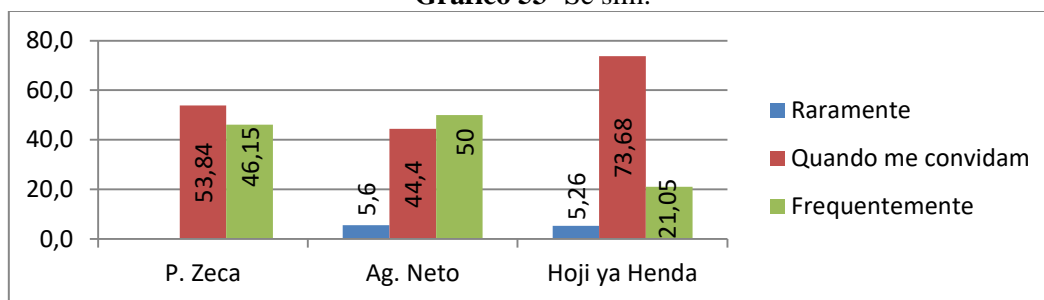
No gráfico 51 maior parte dos PEE afirma ter um horário laboral compatível ou pelo menos não obsta à ideia de participação nas atividades escolares e extra-letivas dos seus educandos.

**Gráfico 52-** Colabora com frequência nas atividades/reuniões da escola?



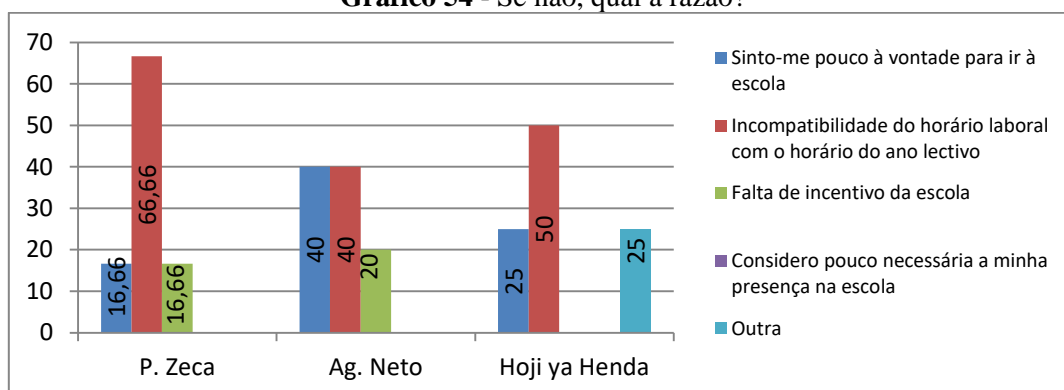
O gráfico 52 é uma consequência logica das respostas do gráfico anterior, porquanto se os PEE dizem ter os horários laborais compatíveis ou funcionais à participação então aqui no gráfico 52 era de esperar que respondessem positivamente! Mas como no gráfico anterior, aqui também temos uma parte considerável de PEE que respondem negativamente (31,5% na P: Zeca; 21,7% na A. Neto; e 17,3% na H. Henda).

**Gráfico 53- Se sim:**

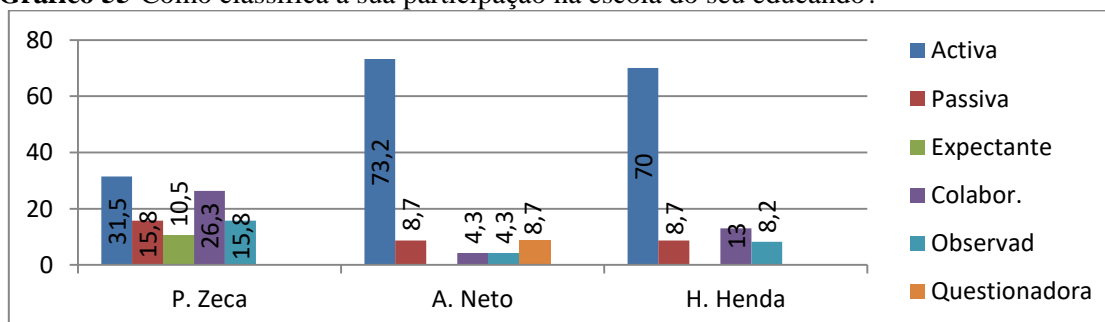


O gráfico 53 e 54 mostra as razões pelo sim e pelo não! Os que dizem colaborar nas atividades escolares dos educandos fazem-no quando são convidados pelos professores ou Direção da escola (73,6% na H. Henda; 53,8% na P. Zeca; e 44,4% na A. Neto). Os que dizem não colaborar apontam como principal razão a incompatibilidade com o horário laboral (66,6% na P. Zeca; 50% na H.Henda; e 40% na A. Neto). Outros sentem-se “pouco à vontade para ir à escola” (A. Neto com 40%) e outros ainda apontam o dedo à escola pela falta de incentivos aos PEE (20% A. Neto; 16,6 P. Zeca).

**Gráfico 54 - Se não, qual a razão?**



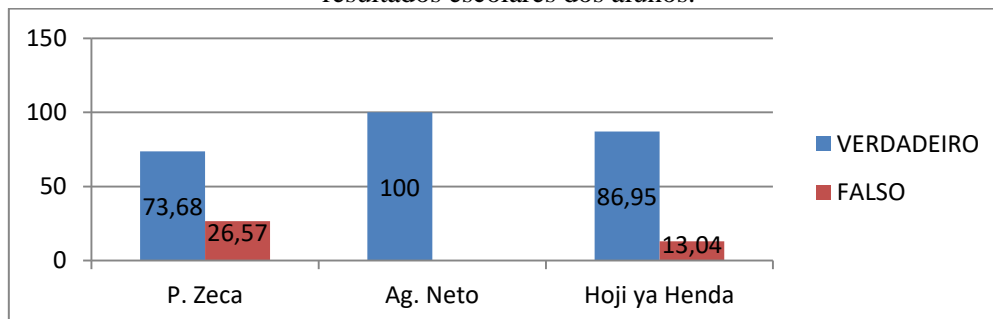
**Gráfico 55-Como classifica a sua participação na escola do seu educando?**



No gráfico 55 os PEE consideram a sua participação na escola como “ativa” (73,2% na A. Neto; 70% na H. Henda e 31,5% na P. Zeca). Constituem uma

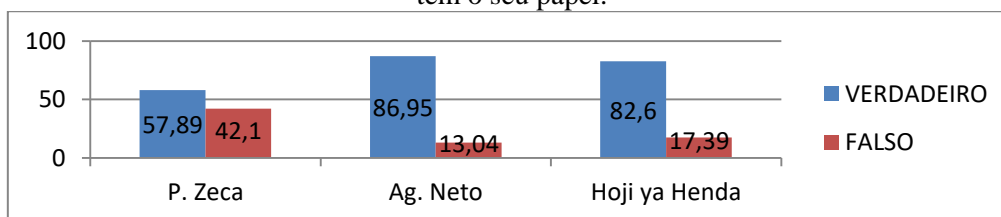
percentagem muito residual os que consideram a sua participação “Expectante” (10,5% na P. Zeca) e “Observadora” (15,8% P. Zeca; 8,2% na H. Henda e 4,3% na A. Neto).

**Gráfico 56** - Quanto maior participação do encarregado de educação na escola, melhores os resultados escolares dos alunos.



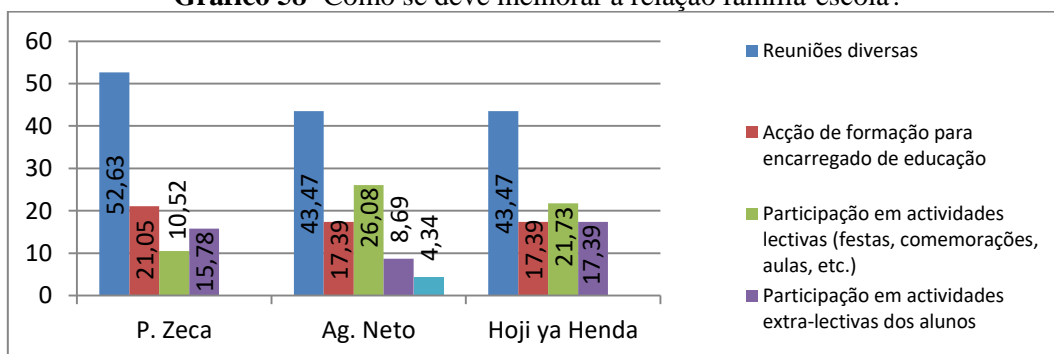
No gráfico 56, os PEE acreditam na hipótese segundo a qual quanto maior for a sua participação na vida escolar dos seus educandos melhores resultados eles terão. Para essa hipótese temos 100% na A. Neto, seguida de 86,9% na H. Henda e 73,6% na P. Zeca.

**Gráfico 57**- Não deve haver interferência entre professor e encarregado de educação, cada um tem o seu papel.

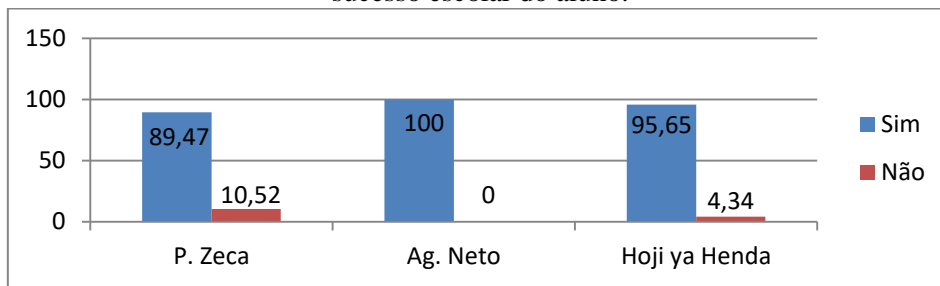


Os PEE apesar de acreditar na importância da sua intervenção na vida escolar dos seus educandos, pensam que realmente essa participação deve melhorar sobretudo com reuniões (52,6% na P.Zeca; 43,4% na A. Neto e 43,4% na H. Henda). Colocam também um item que julgo importante: a formação para os PEE de forma a participarem melhor da vida escolar dos seus educandos.

**Gráfico 58**- Como se deve melhorar a relação família-escola?

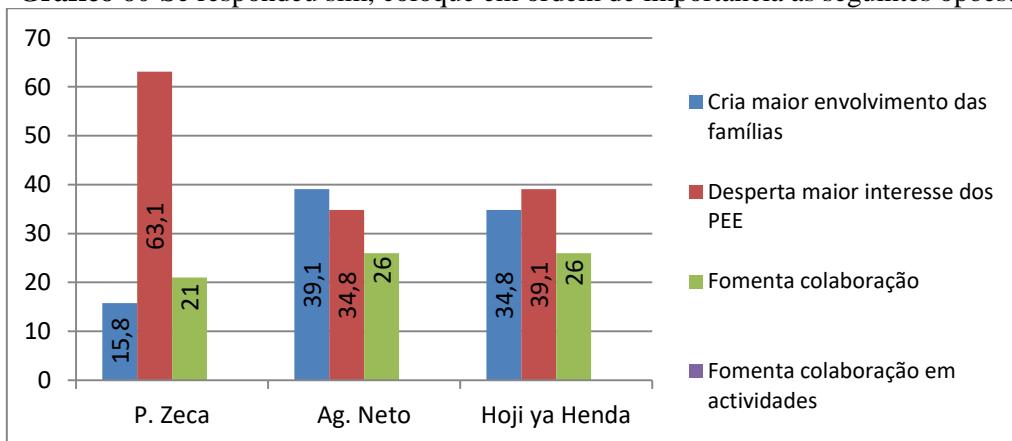


**Gráfico 59-** A relação entre encarregados de educação e professores é muito importante para o sucesso escolar do aluno.

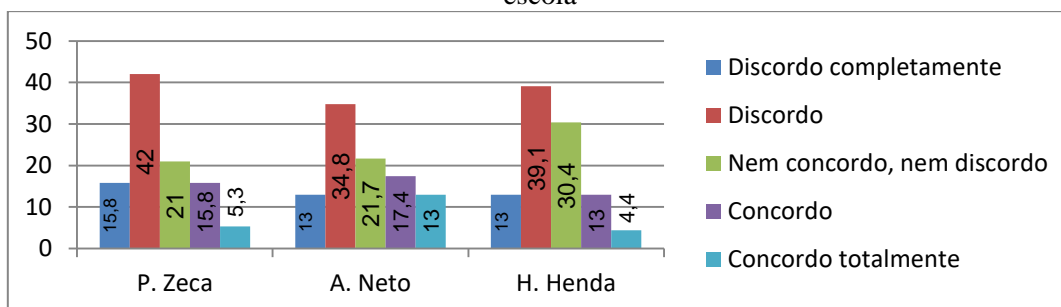


O gráfico 59 mostra que os PEE acreditam que a boa relação com os professores concorre para o bom aproveitamento escolar dos seus educandos. Quando à ordem dessa importância, o gráfico 56 mostra as preferências dos PEE. O destaque vai para a opção ‘Desperta maior interesse’ com 63,1% para a P. Zeca; 39,1% na H. Henda e 34,8% para a A. Neto. Segue a opção ‘Cria maior envolvimento das famílias’ com destaque para a escola A. Neto com 39,1% seguida da H. Henda com 34,8% e finalmente a P. Zeca com 15,8%.

**Gráfico 60-** Se respondeu sim, coloque em ordem de importância as seguintes opções:



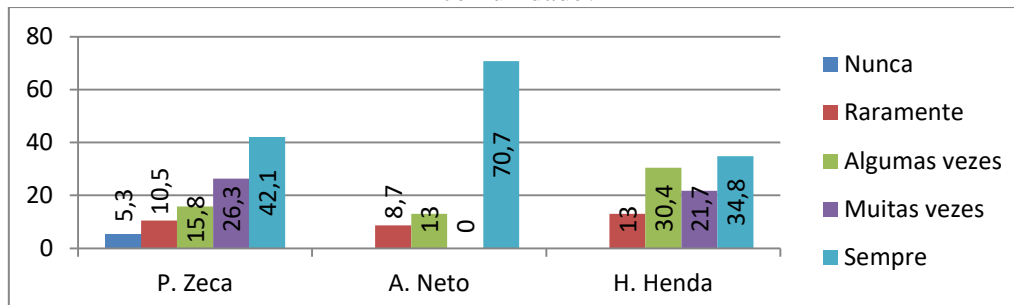
**Gráfico 61-** Na sociedade atual, a maior responsabilidade da educação das crianças cabe à escola



O gráfico 61 mostra claramente que os PEE não aceitam confiar unicamente à escola a tarefa de educação dos seus filhos! A maior percentagem é da P. Zeca com

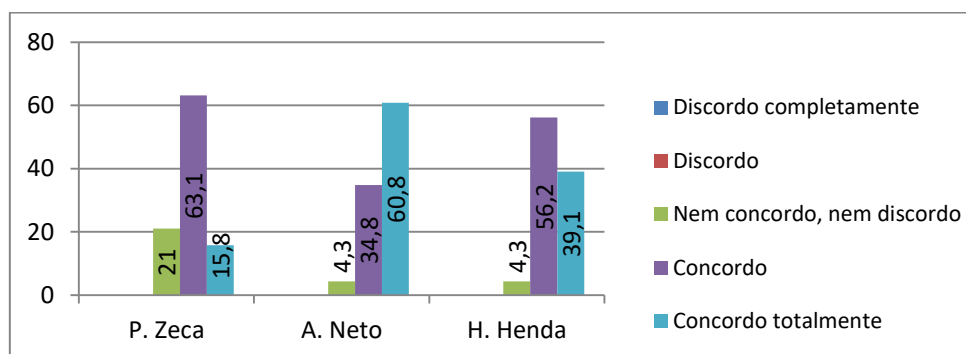
42% seguida da H. Henda com 39,1% e finalmente A. Neto com 34,8%. Essas percentagens são ainda maiores se juntarmos as duas opções: ‘discordo’ e ‘discordo completamente’!

**Gráfico 62-** O professor e a escola têm um papel importante na relação entre os pais e a comunidade?



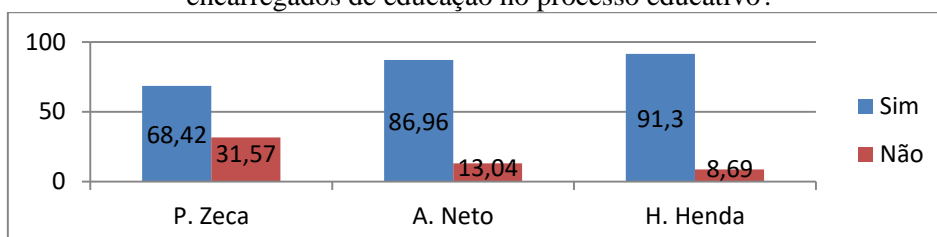
Segundo o gráfico 62, os PEE acreditam que os professores e a escola têm um papel relevante a desempenhar para a aproximação entre a escola e a comunidade. A maior percentagem vai para a A. Neto com 70,7% seguida da P. Zeca com 42,1% e finalmente a H. Henda com 34,8%. Outros, porém, não imputam essa responsabilidade somente à escola e aos professores optando para os itens tais como: Algumas vezes, muitas vezes e raramente!

**Gráfico 63-** A escola deve incentivar as famílias a envolverem-se mais nas suas atividades?



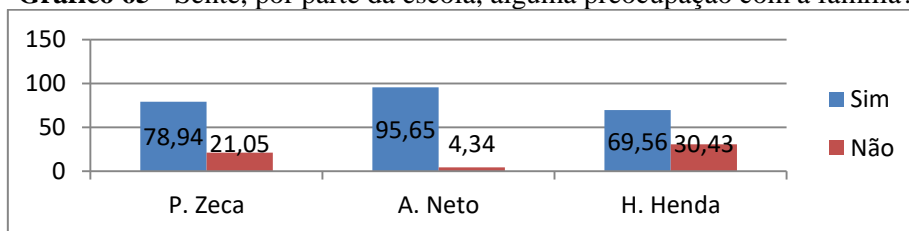
Os PEE esperam que a escola e os professores tomem iniciativas em vista de uma boa colaboração e envolvimento das famílias na vida escolar dos educandos. No gráfico 63, as torres mais altas são das opções ‘concordo’ e ‘concordo totalmente’.

**Gráfico 64 -** O professor do seu educando costuma realizar atividades destinadas a integrar os encarregados de educação no processo educativo?



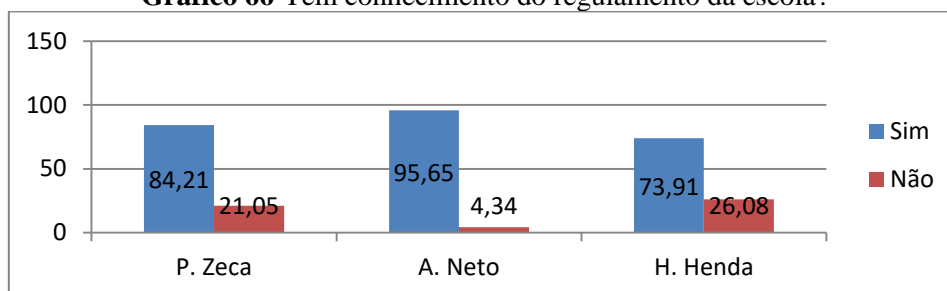
No gráfico 64, a maior parte dos PEE considera que o professor do seu educando tem realizado atividades que facilitam a sua integração no processo educativo. Há, porém, uma percentagem considerável de PEE que tem a percepção contrária: sendo na P. Zeca 31,5%; A. Neto 13% e 8,6% para H. Henda. O gráfico 61 confirma de algum modo essa tendência ao concordar, ainda com maior intensidade, sobre a preocupação da escola com a família.

**Gráfico 65 - Sente, por parte da escola, alguma preocupação com a família?**



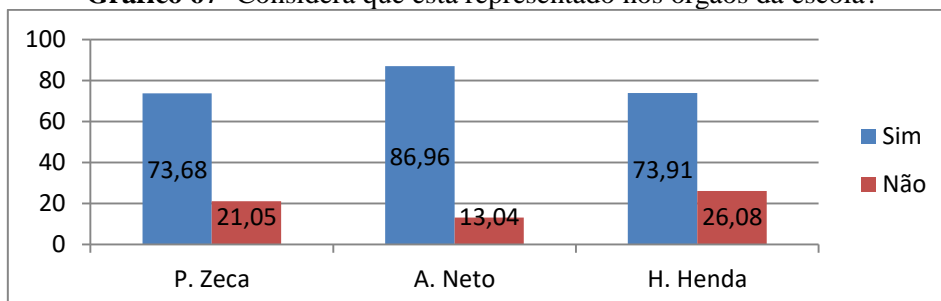
A justificação ou descrição dessa preocupação da escola, infelizmente maior parte dos PEE deixou em branco, impossibilitando uma descrição mais esclarecedora.

**Gráfico 66-Tem conhecimento do regulamento da escola?**



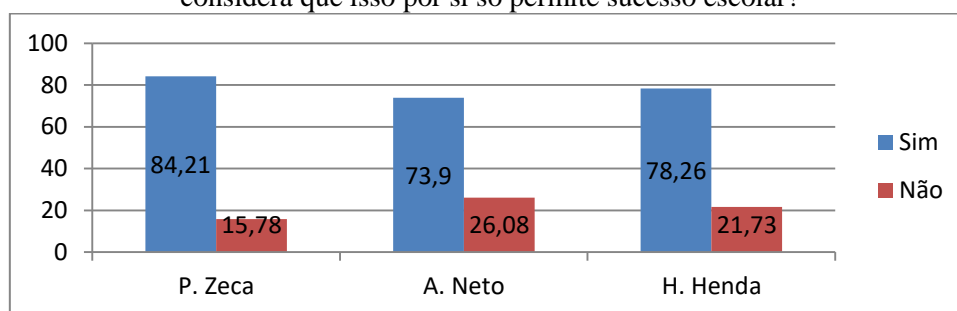
Segundo o gráfico 66, maior parte dos PEE tem conhecimento do regulamento da escola.

**Gráfico 67- Considera que está representado nos órgãos da escola?**



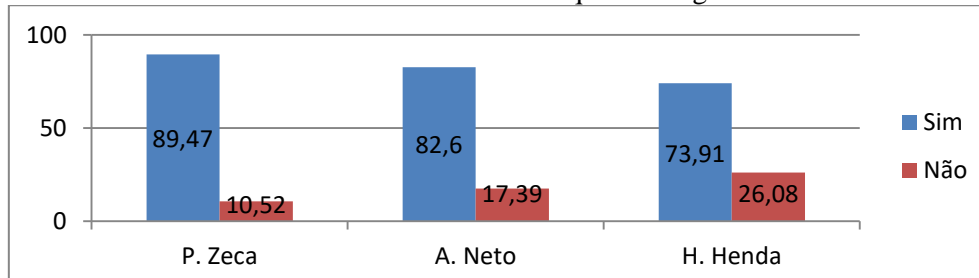
No gráfico 67, grande percentagem de PEE em cada uma das três escolas da ZIP2 acredita estar representado nos órgãos da escola. A maior percentagem recai à escola A. Neto com 86,9%, seguida da H Henda com 73,9% e 73,6% da P. Zeca.

**Gráfico 68** - Se os encarregados de educação estiverem representados por comissão de pais, considera que isso por si só permite sucesso escolar?



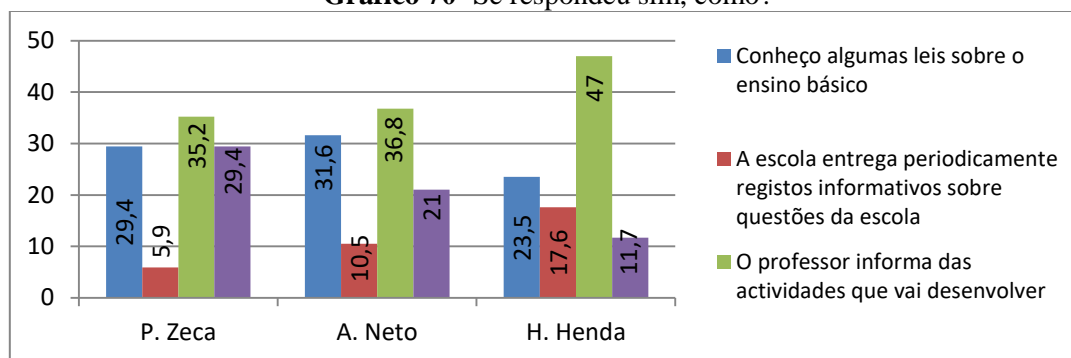
O gráfico 68 nos mostra que a maior parte de PEE nas três escolas da ZIP2 acredita ser suficiente para o sucesso escolar dos seus educandos, o facto de estarem representados nas comissões de PEE. Interrogados para justificar, maior parte deles afirma que através das representações tomam conhecimento da vida escolar dos educandos! Eis aqui uma das lacunas que perseguimos com o nosso trabalho, porquanto, a participação de PEE não se deve limitar na CPEE, embora seja uma das maiores expressões da interação escola-família. A CPEE deve ser uma plataforma ou meio catalisador dessas relações escola-família e não um fim em si mesmo.

**Gráfico 69**- Sente-se informado sobre as diversas questões ligadas à escola do educando?



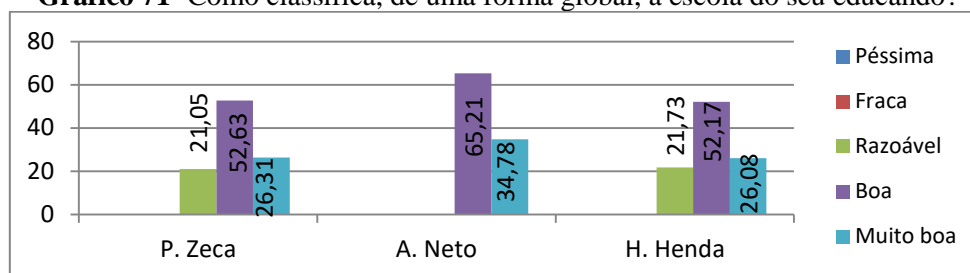
No gráfico 69, os PEE nas três escolas sentem-se informados sobre as diversas atividades escolares. Os que dizem não, têm uma percentagem considerável que não deixamos passar despercebida, com 26% na H. Henda; 17,3% na A. Neto e 10,5% na P. Zeca.

**Gráfico 70-** Se respondeu sim, como?



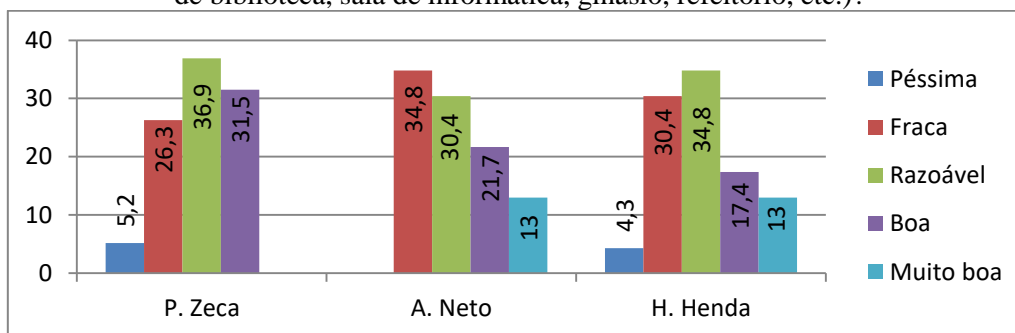
Os PEE sentem-se informados sobre questões ligadas à escola dos seus educandos pelo facto de receberem informações das atividades que os educandos vão desenvolver (47% na H. Henda; 36,8% na A. Neto e 35,2 na P. Zeca). A opção a seguir com percentagens mais altas é do conhecimento de algumas leis ligadas à escola e à educação (31,6% na A. Neto; 29,4% na P. Zeca e 23,5% na H. Henda); finalmente, a opção “sou convidado frequentemente a ir à escola” com 29,4% na P.Zeca; 21% na A. Neto; e 11,7 na H.Henda.

**Gráfico 71-** Como classifica, de uma forma global, a escola do seu educando?



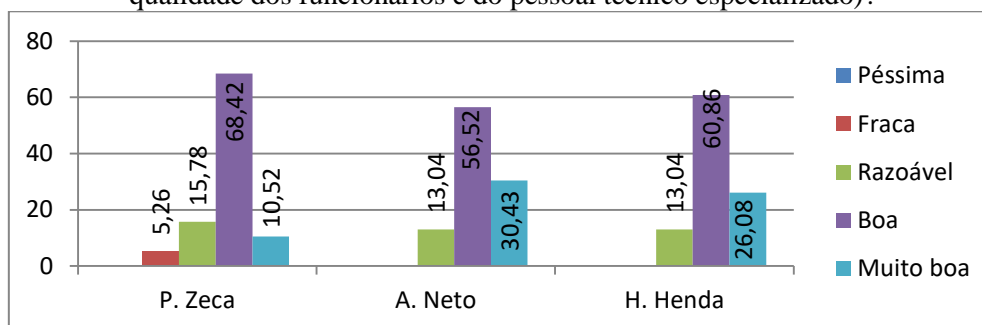
Esta parte do questionário busca saber o que pensam os PEE sobre as escolas dos seus filhos. No gráfico 71, maior parte deles classifica a escola do seu educando como boa (65,21% para A. Neto; 52,6% para P. Zeca e 52,1% para H. Henda. Para a opção ‘muito boa’, temos 34,7% na A.Netto; 26,3% na P. Zeca e 26% na H. Henda. É importante referir que as as opções ‘péssima’ e ‘fraca’ não foram escolhidas em nenhuma das três escolas.

**Gráfico 72** - Como classifica as condições físicas da escola) por exemplo, a existência ou não de biblioteca, sala de informática, ginásio, refeitório, etc.)?



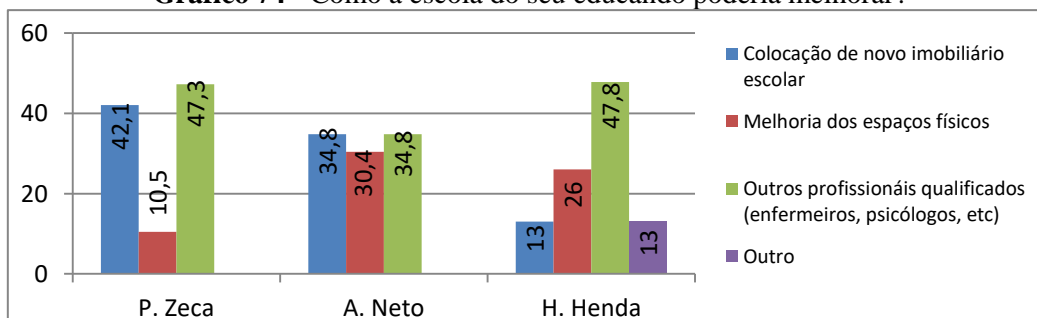
No gráfico 72 os PEE a ‘grosso modo’ classificam as condições físicas da escola dos filhos como razoável (36,9% na P. Zeca; 34,8% na H. Henda e 30,4 na A. Neto). A opção ‘boa’ foi razoavelmente escolhida. Entretanto é muito importante considerar que neste gráfico não passa despercebida a escolha impactante da opção ‘fraca’ com 34,8% na A. Neto; 30,4 na H. Henda e 26,3% na P. Zeca. Neste particular os PEE estão a sinalizar algo que pensam e que deve ser levado em conta pelas escolas da ZIP2.

**Gráfico 73** - Como classifica as condições humanas (por exemplo, qualidade dos professores, qualidade dos funcionários e do pessoal técnico especializado)?



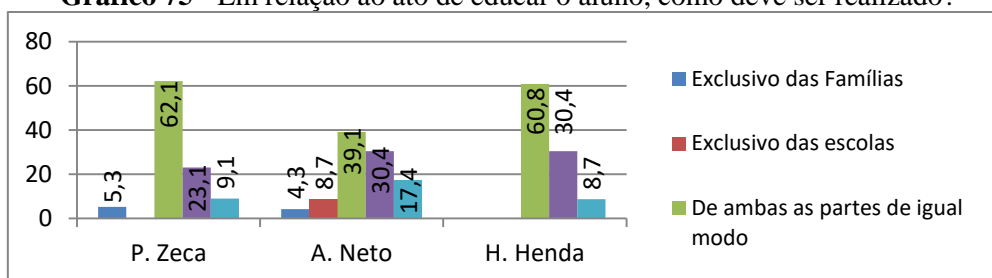
Quanto à classificação das condições humanas da escola, o gráfico 69 tem claramente uma quase uniforme escola da opção ‘boa’: 68,42% na P. Zeca; 60,86% na H. Henda e 56,52% na A. Neto.

**Gráfico 74** - Como a escola do seu educando poderia melhorar?



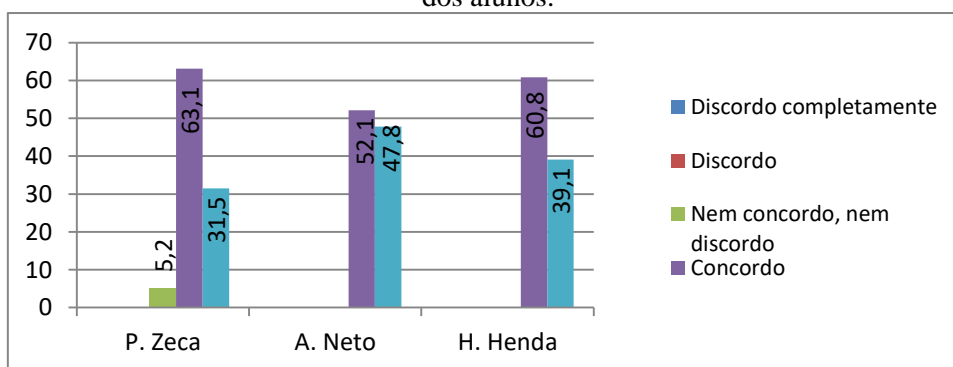
No gráfico 74, os PEE apontam na generalidade para a necessidade de mais profissionais qualificados tais como técnicos de saúde e psicólogos para a melhoria das condições do funcionamento da escola (47,8% para H.Henda; 47,3% para P. Zeca e 34,8 para A. Neto). Outros sugerem a colocação de novo mobiliário escolar (42,1% na P. Zeca; 34,8% na A. Neto e 13% na H. Henda. Outros ainda apontam para a melhoria dos espaços físicos.

**Gráfico 75 - Em relação ao ato de educar o aluno, como deve ser realizado?**



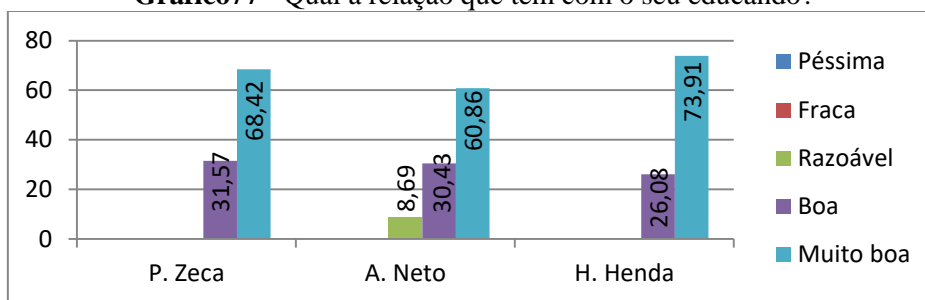
Quanto à educação das crianças os PEE, na sua maioria defendem que deve ser feita pela família e pela escola, o que implica uma conjugação de esforços e uma cooperação entre ambas instituições (62,1% para a P. Zeca; 60,8% para H. Henda e 39,1% para escola A. Neto). Mas há uma percentagem a ter em conta de PEE que pensa que as famílias têm o papel principal (30,4% na H. Henda; 30,4% na A. Neto e 23,1% na P. Zeca).

**Gráfico 76 - Para haver sucesso escolar, aprendizagens significativas e melhoria da instituição escolar, tem de se ter sempre em conta a conjugação dos esforços das famílias, de professores e dos alunos.**



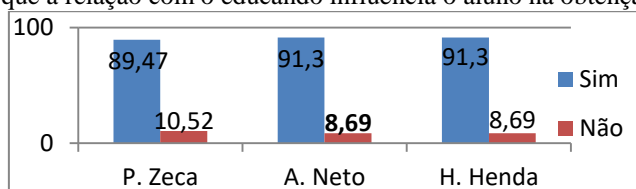
O gráfico 76 mostra claramente que os PEE estão de acordo com a questão acima proposta. E se tivéssemos que unir a opção «concordo» à opção «concordo totalmente» teríamos o máximo das percentagens como se pode ver no gráfico.

**Gráfico 77 - Qual a relação que tem com o seu educando?**



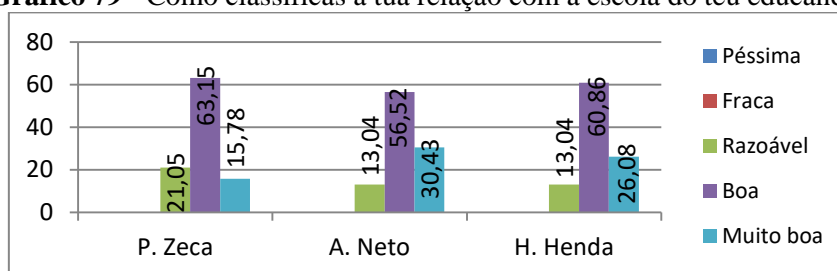
No gráfico 77, os PEE mostram que quase todos têm muito boa relação com os seus educandos. Nenhum deles refere “fraca” nem “péssima” relação com o educando; apenas uma percentagem quase residual, na A. Neto (8,6%), refere uma relação “razoável” com os educandos.

**Gráfico 78 - Será que a relação com o educando influencia o aluno na obtenção de sucesso escolar?**



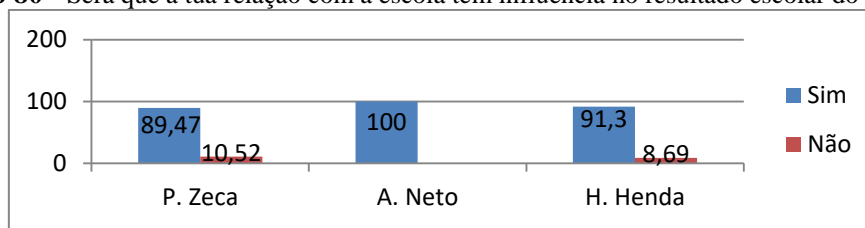
No gráfico 78, os PEE acreditam que a sua relação com os educandos tem influência no desempenho escolar. Os que pensam diferente constituem 10,5% na P. Zeca; 8,6% na A. Neto e igual percentagem na H. Henda.

**Gráfico 79 - Como classificas a tua relação com a escola do teu educando?**



A relação dos PEE com a escola dos educandos é igualmente boa, a julgar pela leitura do gráfico 77. As percentagens dadas às opções «boa» e «muito boa» superam esmagadoramente as outras opções como a «razoável» (21% na P. Zeca; 13% na A. Neto, igual número na H. Henda, sendo as outras têm 0%.

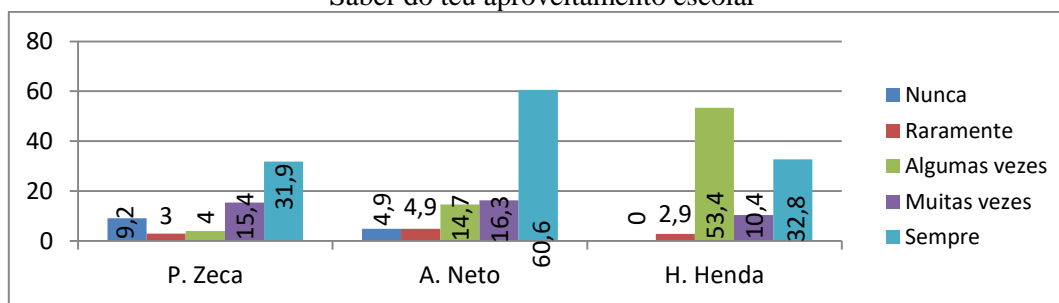
**Gráfico 80-** Será que a tua relação com a escola tem influência no resultado escolar do educando?



No gráfico 80, constata-se que os PEE acreditam que a sua relação com a escola tem influência no desempenho escolar do educando (100% na A. Neto; 91,3% na H. Henda e 89,4% na P. Zeca). Os que pensam o contrário são uma minoria: apenas na P. Zeca com 10,5% e 8,6% na H.Henda.

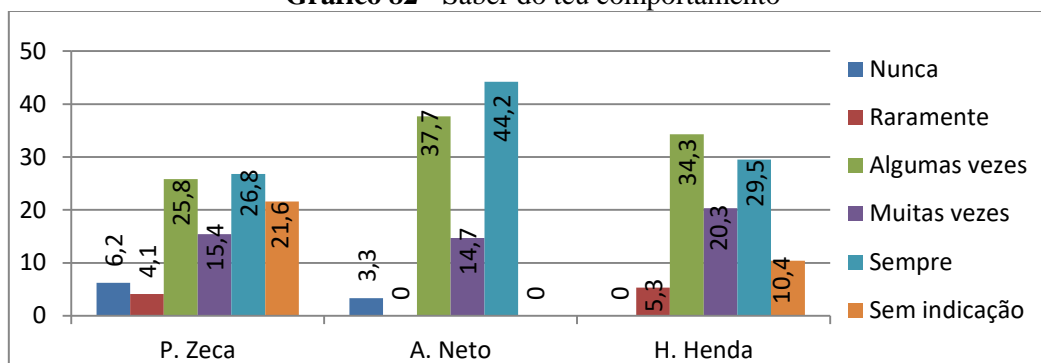
#### 4.3. Perceções dos alunos

**Gráfico 81-** O teu encarregado de educação vem à escola para:  
Saber do teu aproveitamento escolar

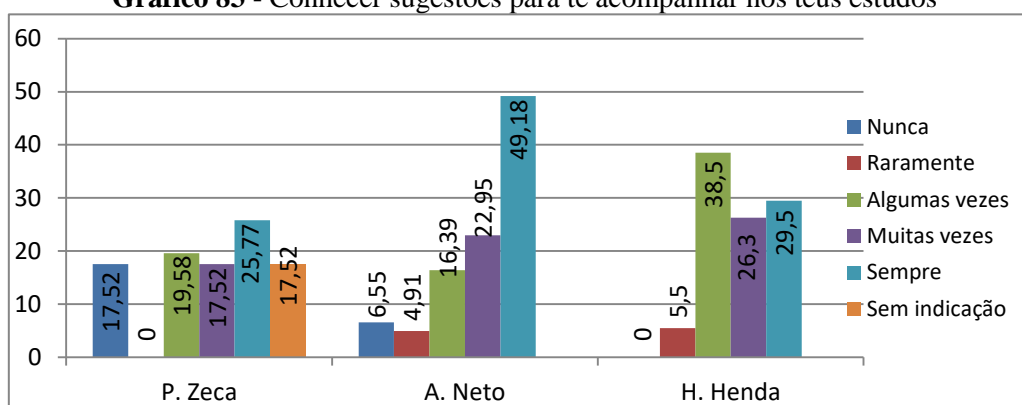


Este conjunto de questões que vão do gráfico 81 a 87 visa saber dos alunos quais são os motivos que normalmente levam os seus PEE à sua escola. No gráfico 81, o motivo do aproveitamento escolar tem maiores percentagens na A. Neto com 60,6%, seguida da escola H. Henda com 32,8 % e finalmente na P. Zeca com 31,9%. Mas, segundo os alunos, há neste e no gráfico 82, 9,2% e 6,2% de PEE que não vão à escola por nenhum destes motivos. Há também no gráfico 82, uma raridade dos PEE, na H Henda com 5,9% mesmo para saber do comportamento dos filhos na escola.

**Gráfico 82 - Saber do teu comportamento**

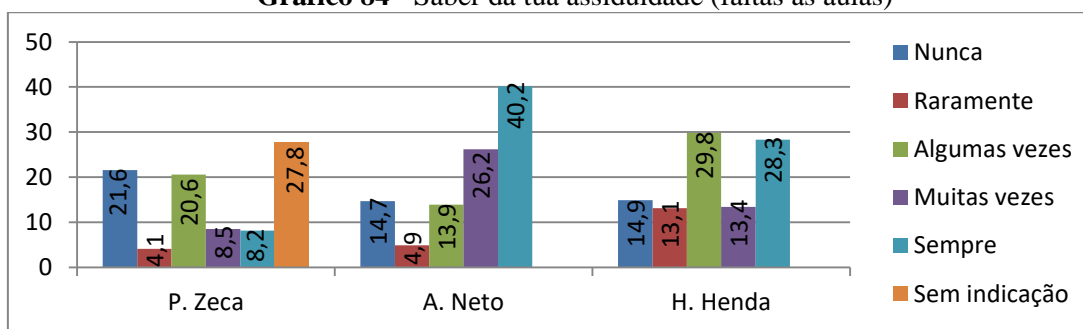


**Gráfico 83 - Conhecer sugestões para te acompanhar nos teus estudos**



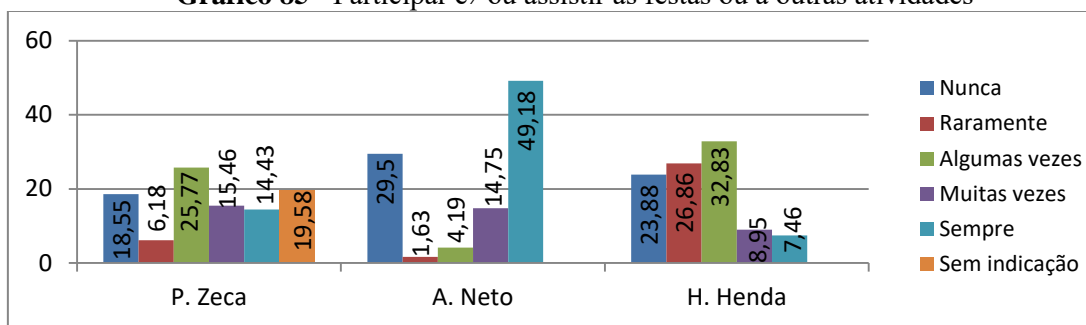
Neste gráfico 83, sublinhe-se a percepção de total ausência dos PEE: 17,5% na P. Zeca e 6,5 na A. Neto.

**Gráfico 84 - Saber da tua assiduidade (faltas as aulas)**



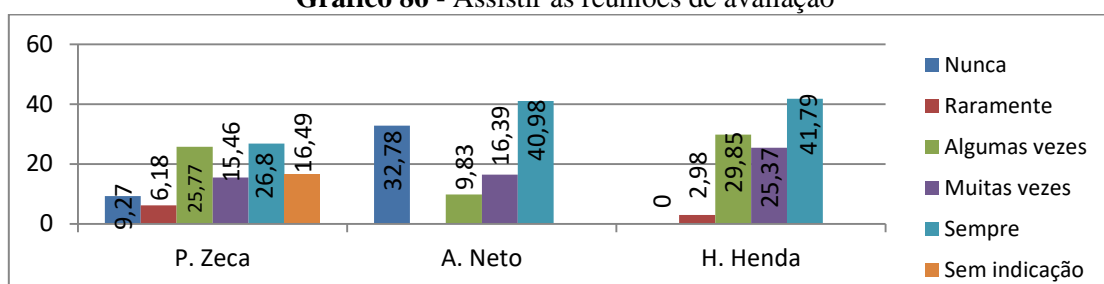
Neste gráfico, a ausência dos PEE constitui 21,6% na P. Zeca; 14,7% na A. Neto e 14,9 na H. Henda.

**Gráfico 85 - Participar e/ou assistir as festas ou a outras atividades**



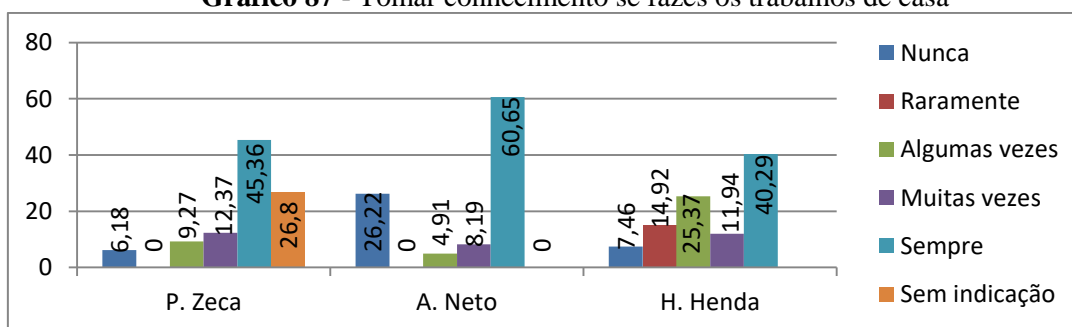
No gráfico 85 as ausências evidenciam-se ainda mais com 18,5% na P. Zeca; 29,5% na A. Neto e 23,8% na H. Henda.

**Gráfico 86 - Assistir às reuniões de avaliação**



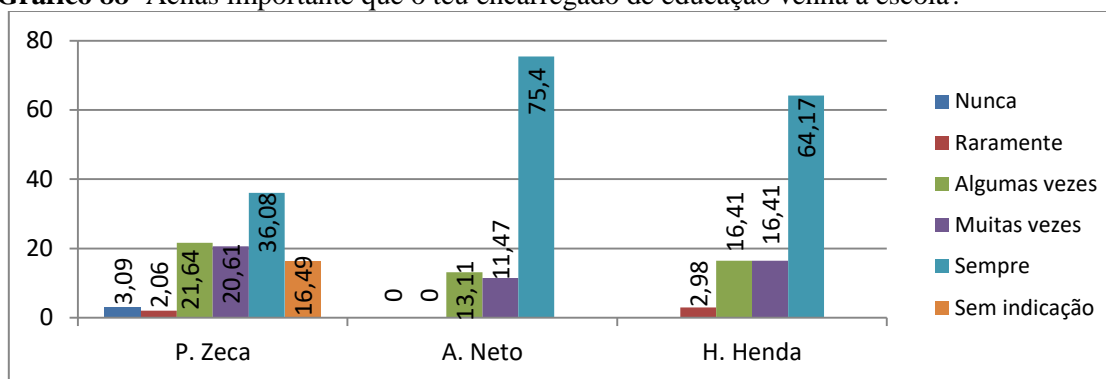
No gráfico 86 a ausência é impactante na A. Neto com 32,7% contra apenas 9,2% na P. Zeca. Mas há raridades embora ínfimas, na H. Henda (2,9%) e P. Zeca (6,1%).

**Gráfico 87 - Tomar conhecimento se fazes os trabalhos de casa**



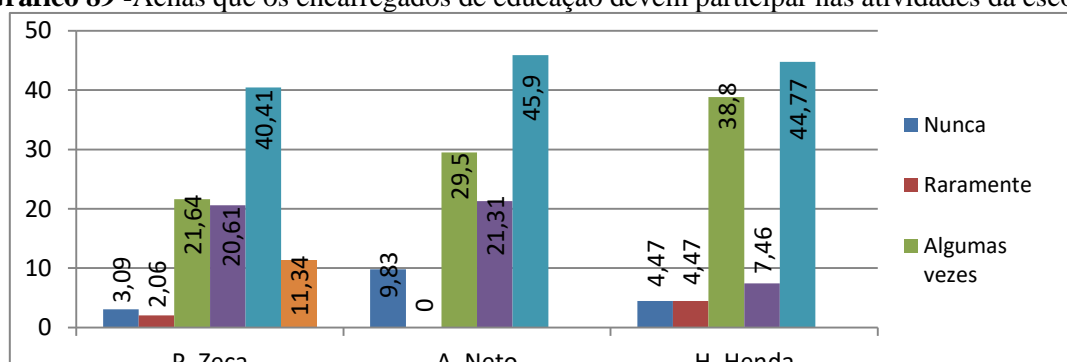
Novamente, a “ausência” volta a evidenciar-se na A. Neto com 26,2% seguida da H. Henda com 7,4% e 6,1% da P. Zeca.

**Gráfico 88** - Achas importante que o teu encarregado de educação venha à escola?



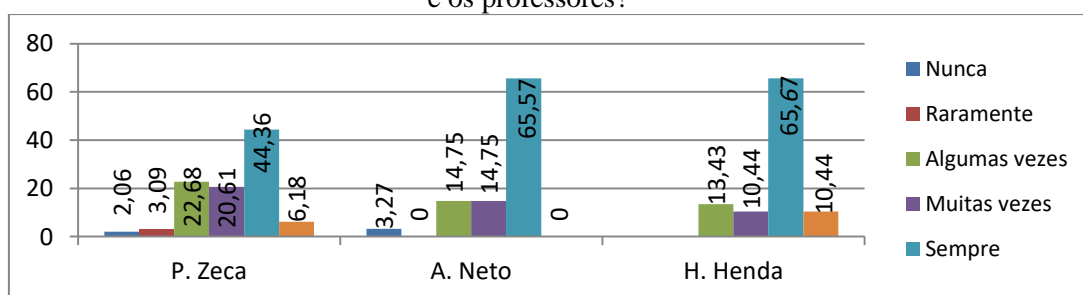
O gráfico 88 mostra que os alunos reputam de grande importância a presença dos PEE na escola. A maior percentagem vai para a escola A. Neto com 75,4% seguida da H. Henda com 64,1% e a P. Zeca com 36%.

**Gráfico 89** - Achas que os encarregados de educação devem participar nas atividades da escola?



No gráfico 89, os alunos igualmente reputam de grande importância a participação dos PEE nas atividades da escola: 45,9% na escola A. Neto; 44,7% na H. Henda e 40,4% na P. Zeca. Há, porém, uma parte de alunos que pensa diferente: 9,8% na A. Neto; 4,4% na H. Henda e 3% na P. Zeca.

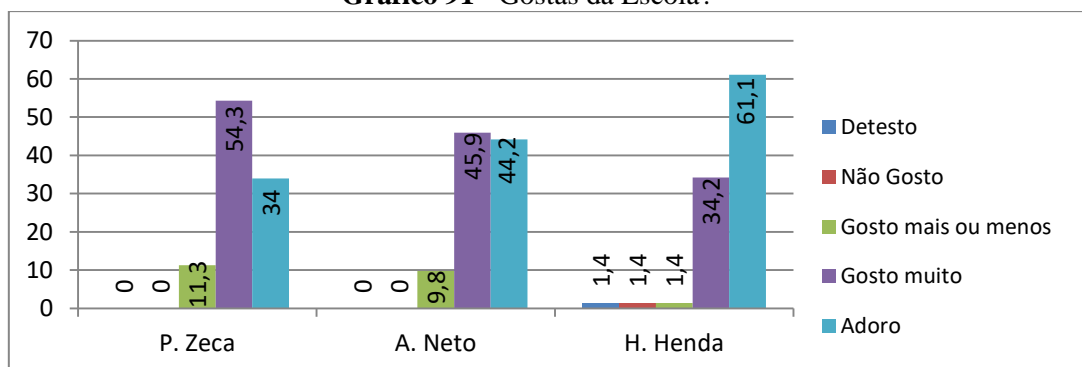
**Gráfico 90** - É importante para o teu sucesso escolar a relação entre o encarregado de educação e os professores?



Os alunos creem igualmente que é importante a boa relação entre os PEE com os professores. A maior percentagem é da H. Henda com 65,6% seguida da A. Neto

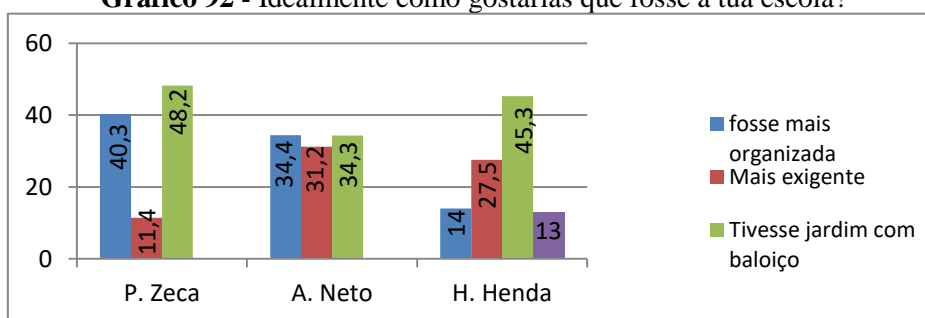
com 65,5% e 44,3% da P. Zeca. Os que pensam o contrário constituem uma parte ínfima: 3,2% na A. Neto e 2% na P. Zeca.

**Gráfico 91 - Gostas da Escola?**



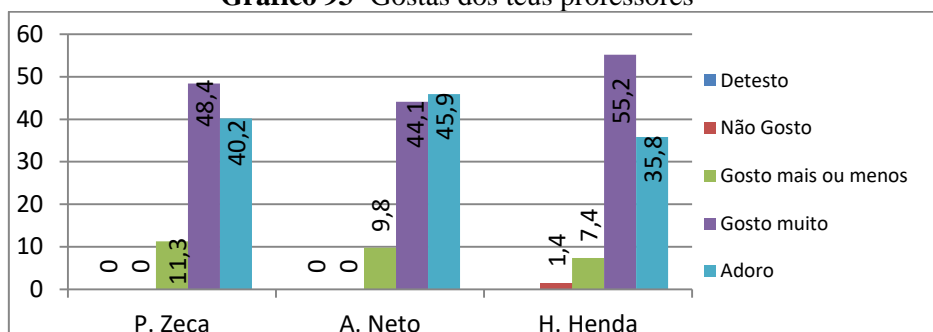
As respostas a essa questão do gráfico 91 é bastante positiva, considerando as opções: «gosto muito» e «adoro» que constituem percentagens máximas! Há uma parte ínfima de alunos que talvez tenha fobia escolar ou sofre de violência na escola que não gosta e/ou detesta apenas na H. Henda, ambos com 1,4%. Interrogados sobre a razão porque não gostam ou detestam deram exatamente essas razões: “porque há *Bullying*”! Os alunos que dizem gostar e adorar a escola argumentam que nela aprendem a ler e a escrever outras acrescentam que na escola também podem divertir-se!

**Gráfico 92 - Idealmente como gostarias que fosse a tua escola?**



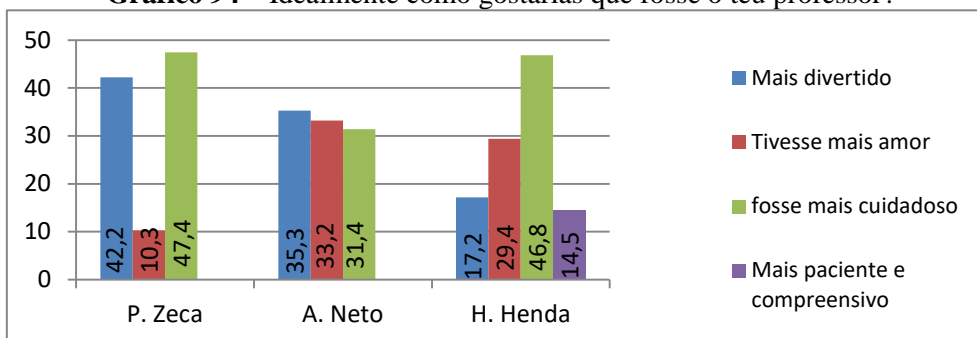
Esta questão do gráfico 92 é muito subjetiva, evocando preferências individuais.

**Gráfico 93- Gostas dos teus professores**



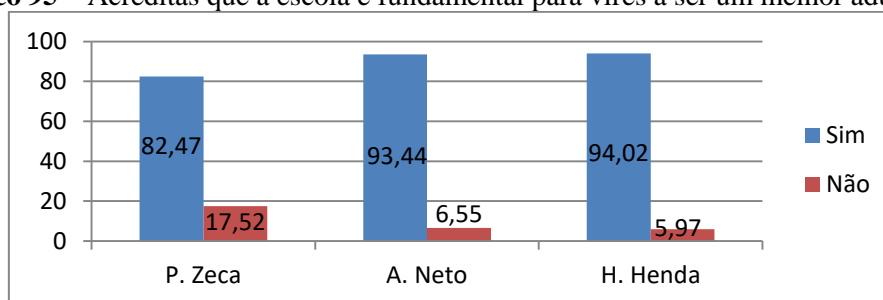
O gráfico 93 na sua generalidade mostra que os alunos gostam dos seus professores, sobretudo se tivermos de considerar a união das opções «gosto muito» e «adoro», que nos havia de obter percentagens próximas de 100%.

**Gráfico 94 – Idealmente como gostarias que fosse o teu professor?**



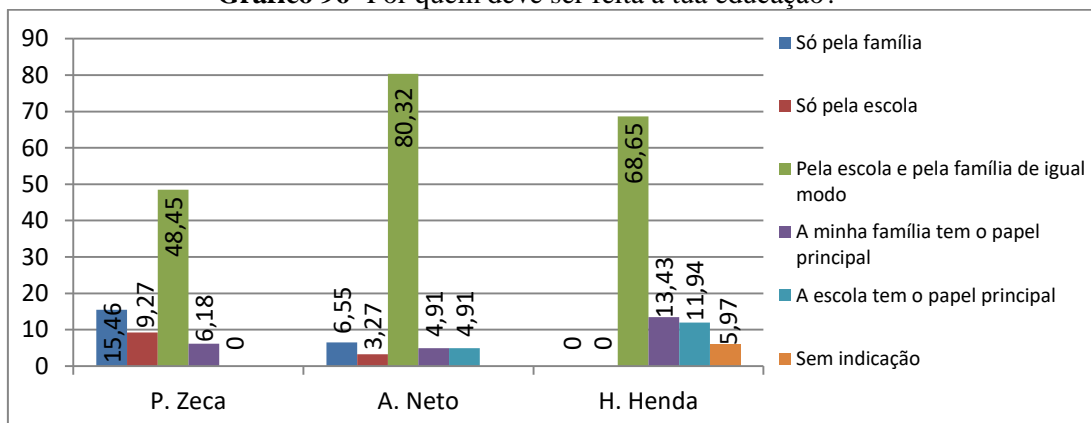
O gráfico 94 mostra igualmente uma resposta subjetiva de difícil interpretação, mostrando que os alunos valorizam especialmente “ser cuidadoso” como qualidade dos professores.

**Gráfico 95 – Acreditas que a escola é fundamental para vires a ser um melhor adulto?**



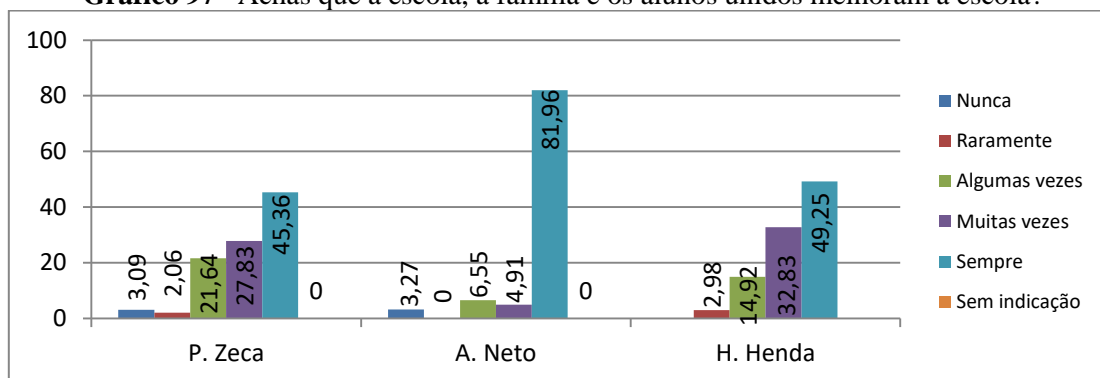
A esta questão do gráfico 95 notamos claramente que os alunos sinalizam positivamente. Há uma pequena percentagem que diz “não”: escola P. Zeca 17,52%; A. Neto 6,55; H. Henda 5,97%.

**Gráfico 96- Por quem deve ser feita a tua educação?**



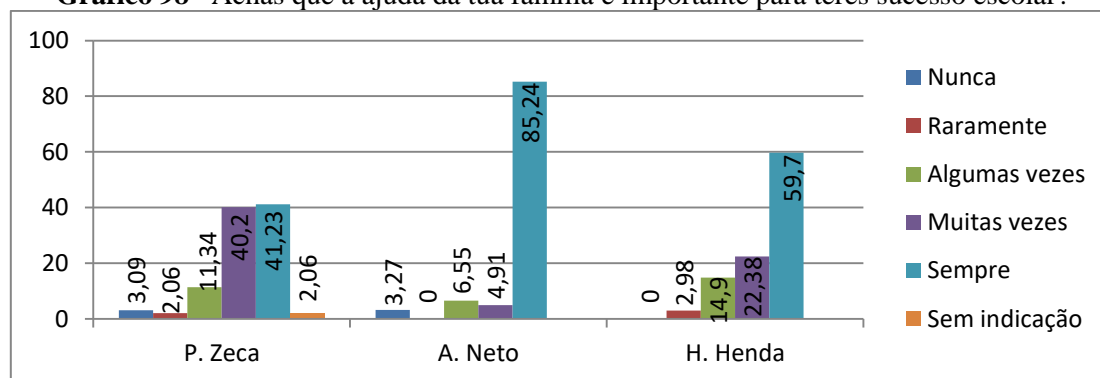
Tal como os professores e os PEE, também a maior parte dos alunos defende que a sua educação seja feita numa relação simétrica entre a escola e a família: “ambas de igual modo” A percentagem mais alta está na A. Neto com 80,32% seguida da H. Henda com 68,65% e 48,45% da P. Zeca.

**Gráfico 97**– Achas que a escola, a família e os alunos unidos melhoram a escola?



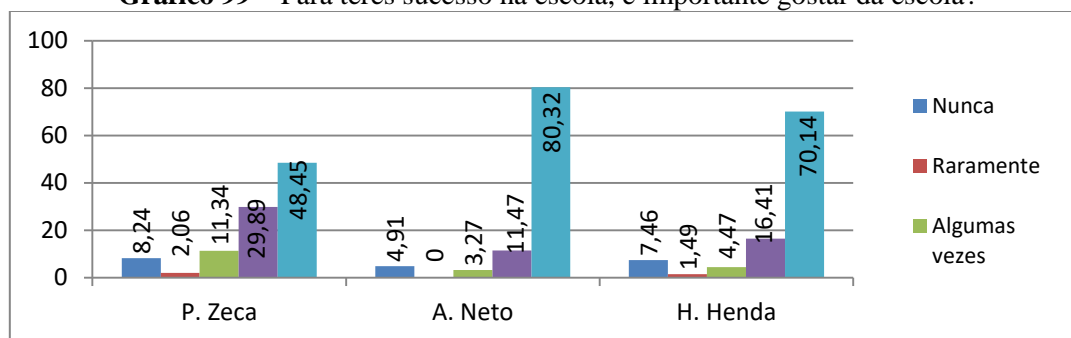
No gráfico 97, os alunos acreditam que a união entre a escola, a família e os alunos melhora o desempenho da escola cumprindo da melhor maneira a sua missão na comunidade. A maior percentagem é da A. Neto, com 81,96%, seguida da H. Henda com 49,25% e P. Zeca com 45,36%. Os alunos que não acreditam nessa maneira de pensar constituem uma percentagem muito ínfima (3,09% na P. Zeca e 3,27% na A. Neto).

**Gráfico 98**– Achas que a ajuda da tua família é importante para teres sucesso escolar?



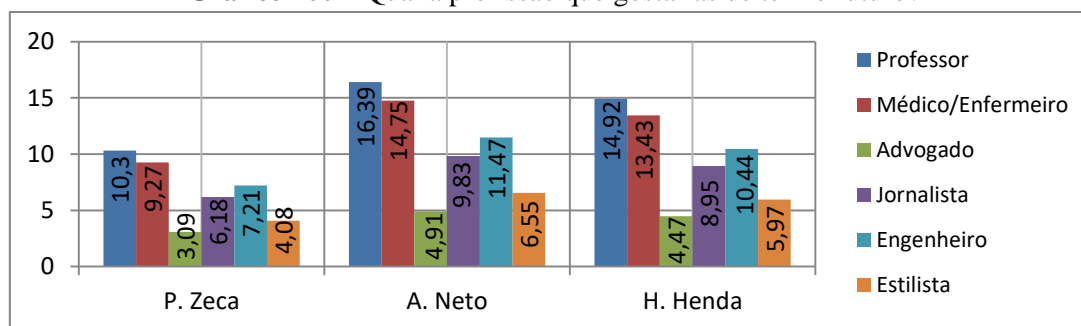
No gráfico 98, os educandos acreditam que a ajuda da sua família é importante, ou seja, tem influência no sucesso escolar. A maior percentagem é da A. Neto com 85,24% seguida da H. Henda com 59,7% e 41,23% na P. Zeca. Os que pensam diferente constituem percentagens ínfimas com 3,09% na P. Zeca e 3,27% na A. Neto.

**Gráfico 99 – Para teres sucesso na escola, é importante gostar da escola?**



No gráfico 99, os alunos acreditam que é importante gostar da sua escola para ter sucesso escolar e académico: 80,32% na A. Neto; 70,14% na H. Henda e 48,45% na P. Zeca.

**Gráfico 100 – Qual a profissão que gostarias de ter no futuro?**



O gráfico 100 mostra as inclinações ou gostos dos alunos do ponto de vista vocacional ou profissional. Os professores levam vantagem nesse ‘palpite’ das crianças nas três escolas (16,39% na A: Neto; 14,92 na H. Henda e 10,3 na P. Zeca). Os Médicos e/ou enfermeiros vêm a seguir.

Estes alunos são ainda muito novos para esse tipo de decisão que deve preocupar com mais intensidade no fim do 1º ciclo (9ª classe) a entrar para o IIº ciclo (10ª classe). Todavia, se tivermos em conta as suas idades em conformidade com o gráfico 78, convenhamos perceber que os gabinetes psicopedagógicos da ZIP2 têm aqui um trabalho a desenvolver de acordo com as questões de orientação vocacional e profissional!

## 5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

### 5.1. A Perspetiva dos Professores

A amostra dos Professores das escolas da ZIP nº 2 (escola Pioneiro Zeca, escola Dr. António Agostinho Neto, e escola Hoji-Ya-Henda), quanto à caracterização têm muitas semelhanças como se pode ver nas páginas 72 a 75. Entretanto sobressaem os aspetos da maioria feminina neste agrupamento escolar (gráfico 1) e o facto de a maior parte dos docentes nas 3 escolas ter a idade compreendidas entre os 30 a 49 anos de idade, o que faz deste agrupamento escolar ser relativamente jovem ou, pelo menos, em plena força de trabalho.

- ⇒ Quando abordados sobre a relação família escola, os professores de toda a ZIP2, isto é, as três escolas, mostraram estar de acordo com a ideia segundo a qual a relação entre PEE e professores é muito importante, porquanto tem influência direta no in/sucesso do aluno (cf. Gráfico 6). Este aspeto confirma a nossa pretensão neste trabalho desde a parte da fundamentação teórica com a intensão de otimizar as relações entre a família e a escola para maximizar as consequências positivas desta importante interação para o sucesso escolar e académico dos alunos. Mas apesar de os professores e os PEE terem consciência disso, no gráfico 8 podemos ver que segundo os professores, a participação dos PEE na vida escolar dos seus educandos, infelizmente ainda não é a desejada, porquanto, segundo os professores das três escolas, há uma quantidade considerável de PEE cuja participação na vida escolar é “passiva”. Outros há, que têm uma atitude de expectadores, não se envolvem no projeto educativo dos seus educandos esperando que a escola sozinha resolva o problema. Não obstante isso, os professores pensam, igualmente que é possível inverter esse quadro negativo levando a cabo ações que aproximem mais os PEE à vida escolar numa interatividade saudável entre as partes para o bem dos alunos (cf. Gráfico9).
- ⇒ Em relação à classe socioeconómica dos PEE, os professores nas três escolas concordam em grande maioria com a ideia de que a classe socioeconómica é determinante para o sucesso escolar e académico dos alunos! A posição dos professores é bastante compreensível, pois, no dia-a-dia confrontam-se com inúmeros casos de alunos que por dificuldades económicas dos PEE não conseguem exhibir o material exigido pela escola ou pelo professor, dificultando

o processo de ensino e aprendizagem. Há muitos outros casos de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem que decorrem da fraca capacidade económica dos PEE. Entretanto pensamos nós que essa razão não deve ser tomada por absoluto, porquanto, existem outros tantos fatores que não sendo económicos podem igualmente contribuir negativamente para o insucesso escolar dos alunos. Aliás, ainda na perspetiva dos professores, a classe socioeconómica mais participativa na vida escolar dos educandos é a media baixa (cf. gráfico 11 e 12). Portanto, é importante ter alguma capacidade económica para o bom desempenho escolar do aluno, o fator responsabilidade do PEE, não fica atrás, sob pena de o resultado ser igualmente desastroso. É necessário aliar as condições económicas à responsabilidade educativa mais a vontade de participar na educação escolar do filho. As ocupações laborais e outros afazeres não devem ofuscar a vontade de participar na educação do filho segundo a denúncia dos professores no gráfico 13, nem tão pouco o desinteresse (gráfico 14).

- ⇒ Os professores também concordam com a ideia de que a ação/participação dos PEE não deve limitar-se a ir às reuniões quando convocados, mas deve alargar-se a outros âmbitos. A partir das respostas dos professores, no gráfico 16, depreendemos que eles aceitam interagir com os PEE na preparação das agendas das reuniões para uma participação mais ativa e eficaz em todo o processo educativo. Portanto, o papel/influência do professor é muito importante para a tão esperada relação família-escola. Ele precisa de dar o primeiro passo mostrando interesse, para ser seguido pelos PEE nesse itinerário da nova maneira de fazer acontecer a Educação (cf. Gráficos 19, 20 e 21).
- ⇒ Quando abordados sobre «a escola e o aluno», os professores dos três estabelecimentos escolares, de uma forma geral, classificam-nas como boa e/ou muito boa! Mas quanto às condições tais como existência de uma biblioteca, sala de informática, ginásio, posto médico, etc., maior parte de professores na ‘Hoji-Ya-Henda’, classifica-a de boa ao passo que os professores da escola ‘Pioneiro Zeca’ classificam-na de fraca; e a escola P. Zeca, maior parte dos seus docentes classificou-a de “razoável” (cf. Gráficos 23 e 24). Essa divergência no mesmo agrupamento escolar ou ZIP2 deveu-se mais à diversidade de perspetivas ou subjetividade. Além disso, todas elas são escolas públicas. Portanto, nos aspetos da questão em referência elas estão em paridade de circunstâncias. O caminho

para reverter a situação ou melhorar, segundo os professores passa pela agregação de mais profissionais de outras áreas à comunidade escolar tais como: técnicos qualificados de saúde na área de pediatria, Psicólogos escolares, etc. Há quem fale de requalificação ou mesmo de novo imobiliário, para além de outros profissionais, como é o caso da escola P. Zeca.

- ⇒ Em relação ao ato de educar o aluno, os professores são igualmente unânimes em concordar que a educação do aluno deve ser feita por ambas as partes de igual modo, isto é, pelas famílias e pela escola. Para os professores, o sucesso escolar e académico do aluno depende da conjugação desses dois sectores incluindo o próprio aluno. A educação de um indivíduo, uma educação integral não se faz em compartimentalizações. O ser humano tem um conjunto de fatores impenetráveis num único ponto de vista, numa única perspetiva. A escola precisa, por esse facto, de se unir aos esforços da família para cumprir a sua missão de formar para uma cidadania responsável à altura das exigências do País. O ambiente familiar, é, por exemplo, um desses fatores que faz diferença na vida do aluno, como na vida de cada um de nós. Portanto, os professores acreditam que o ambiente familiar tem influência no sucesso ou insucesso escolar e académico do aluno (cf. Gráfico 28). Todavia, os professores também têm consciência de que a sua relação com os PEE também tem influência no aproveitamento escolar e académico do aluno, como se pode ver nos gráficos 29 e 30 respetivamente.

## **5.2. A Perspetiva dos PEE**

Quanto a este grupo de PEE, destacamos os resultados seguintes:

- ⇒ Na caracterização da nossa amostra, no que respeita o género, temos nas três escolas uma maioria considerável de PEE no feminino que aderiram ao nosso inquérito, o que mostra o lado materno sempre solícito e disponível quando se trata da educação dos filhos, sobretudo no nosso contexto angolano e africano, sem tirar mérito àqueles senhores que sendo pais ou encarregados de educação, preocupam-se igualmente pela educação das crianças. Os gráficos 31 e 32 mostram que tal como os professores, há, em ambas escolas mais envolvimento de mulheres do que dos homens no processo de ensino e aprendizagem e que existe nessa amostra um número considerável de jovens.

- ⇒ Quanto ao grau de parentesco, podemos dizer que maior parte dos alunos da ZIP2 tem uma situação familiar normal ou estável, como se pode ver no gráfico 34. Isto pode contribuir para um bom desempenho escolar e académico, se tivermos em conta que a estabilidade familiar concorre para estabilidade emocional e as duas podem facilitar o processo de aprendizagem no caso dos alunos, muito especialmente nessa faixa etária de escolaridade. Entretanto chamou-nos atenção uma parte considerável de PEE, ainda no mesmo gráfico, que declarou estar a tomar conta da criança sem o seu cônjuge (pai ou mãe). É a problemática que procuramos abordar a cima, na fundamentação teórica, nas páginas 29 a 31. É necessária uma visão estratégica e de conjunto para colmatar e amenizar possíveis neutralizações na saúde emocional da criança numa forte e eficaz interação entre a escola e a família.
- ⇒ No que respeita à profissão dos PEE, aferimos que o Estado é o maior empregador das famílias em Angola e em Moçâmedes. O sector empresarial e de iniciativa particular está praticamente ausente na oferta de empregos. Essa situação torna as famílias vulneráveis a situações desagradáveis do ponto de vista da educação e tutela dos filhos. O gráfico 35 ilustra essa realidade socioeconómica das famílias, onde a «opção outras» mostra outros arranjos ou ocupações de PEE desempregados que tendo filhos e sem emprego arranja qualquer coisa que lhe dê algum rendimento ou suporte económico “para não ter que mendigar nem roubar”. A qualidade de Ensino e Aprendizagem tem aqui uma grande variável negativa, porquanto, torna-se cada vez mais evidente que para a educação escolar das crianças algum poderio económico-financeiro é imprescindível, conquanto se apregoe a lei da gratuidade do ensino fundamental em Angola, porquanto, a qualidade tem custos e implica investimentos no sector da educação e da administração de cada escola em Particular. E nem todas as escolas vivem ao abrigo de subsídios administrativos. Além disso é também evidente o crescimento exponencial de escolas participadas que exibem alguma qualidade de ensino e aprendizagem, mas em troca de alguma cobrança.
- ⇒ Quanto às habilitações académicas, vimos no gráfico 36 que os PEE da escola Pioneiro Zeca têm maiores habilitações académicas de toda a ZIP2, isto é, têm o ensino superior ou frequência do mesmo. As outras duas escolas vêm a seguir em termos percentuais. Não há neste agrupamento escolar habilitações académicas iguais ou menores a 6ª classe. Este dado é importante porque leva a

inferências de que os PEE desta ZIP2 tem níveis académicos que lhe possibilitem conhecer a importância do envolvimento familiar na educação escolar dos filhos. Por isso, não podem negligenciar esse aspeto da sua responsabilidade enquanto PEE, independentemente de residir perto ou longe da escola do educando!

- ⇒ A classe socioeconómica de PEE é uma variável que tem relação com o emprego e rendimento individual ou familiar. Quanto ao emprego já o dissemos acima que grande parte de PEE é desempregada. Portanto, pouco ou nada tem de rendimento. Entretanto os gráficos 38, 39 e 40 ilustram melhor a realidade. Entretanto, é importante salientar que, tal como no inquérito aos Professores, aqui os PEE mostram que as classes médias e média baixa têm maior protagonismo na vida escolar dos educandos ou então essa classe constitui a maioria dos PEE da ZIP2. Essa última hipótese nos parece a mais verdadeira.
- ⇒ Terminadas as questões relativas à caracterização dos PEE, passamos às questões respeitantes à **parte II- Relação família-escola**. No gráfico 41, notamos com clareza que as motivações ou preocupações que mais afligem os PEE na hora de escolher a escola para os seus educandos são duas: a qualidade de ensino e aprendizagem e a acessibilidade financeira. Isso mostra que se por um lado os PEE, querem qualidade nas escolas, por outro lado estão limitados financeiramente para darem a seus educandos o ensino de qualidade que tanto desejam para eles! O estado angolano deve, portanto, ajudar as famílias proporcionando um ensino público de qualidade para diminuir ou retirar o peso dos ombros das famílias, preocupadas com os alimentos, o vestuário, a saúde e a educação, incluindo, em muitos casos, a educação fundamental, isto é, da Iniciação à 6ª classe.
- ⇒ Grande maioria de PEE neste agrupamento escolar diz que apoia seu educando nos trabalhos de casa. Há, porém, uma parte significativa no gráfico 44 que alega falta de disponibilidade para o fazer, sobretudo na escola Hoji-Ya-Henda e na escola Agostinho Neto que afirmam haver para o aluno um apoio extra-escolar. Pensamos nós que independentemente de haver ou não apoio extra-escolar para explicações ao aluno, o PEE, deve mostrar ao educando que se interessa pelos seus estudos. Tal pode reforçar ou motivar a aprendizagem do aluno preparando-o para a vida adulta já que esse é também o desejo dos PEE, segundo o gráfico 45. Os PEE podem mostrar o seu investimento no futuro dos

educandos envolvendo-se em diversas atividades escolares tais como: interagir de forma múltipla com os professores, participando nas reuniões marcadas pelos professores ou pela Direção da escola, etc. Isso implica tempo e disponibilidade e assiduidade! Dessa maneira, o grau de frequência a essas atividades escolares e extra-escolares mostra o interesse e a responsabilidade do PEE, na formação integral do seu educando ou o contrário disso. Essa é uma ferramenta importante para a mensuração da responsabilidade e/ou negligência dos PEE na tarefa educativa dos seus filhos. Apesar de os PEE terem conhecimento da importância do seu envolvimento na vida escolar dos seus educandos, ainda encontramos pais que só vão à escola quando são convocados. É o caso da escola P. Zeca e A. Neto no gráfico 46. Mas quanto à compatibilidade dos horários, pouco ou nada nos parece impedir a assiduidade dos PEE (graf. 47).

- ⇒ Interrogados sobre possível confusão de papéis na relação entre professores e PEE (graf. 53), dizem os PEE que não deve haver interferências, porquanto cada um tem o seu papel e missão a desempenhar dentro do processo de ensino e aprendizagem; na missão de educar e preparar o homem para o futuro. Isso significa que ninguém deve passar dos limites das suas competências, nem os PEE, nem os professores. Deve haver, portanto, muito diálogo, muita comunicação para evitar perigos que podem vir até de deficiências de escuta e de entendimento ('mal-entendidos'). Procuramos acautelar essa situação, quando na fundamentação teórica, pp.41 a 42, citamos Morfaux e Lefranc (2005) que alertam sobre os perigos nas relações sociais; e ainda Edwards, Gandini e Forman (2008) que falam da riqueza de uma cadeia de relações, mas que ao mesmo tempo exigem verdade, diálogo e honestidade para amenizá-las evitando problemas.
- ⇒ Tal como os Professores, os PEE também acreditam que as boas relações entre professores e PEE concorrem para o sucesso escolar e acadêmico dos educandos. Cria mais envolvimento dos Pais e desperta maior interesse destes e fomenta colaboração (gráficos 55 e 56). Portanto, se tanto os professores quanto os PEE estão conscientes dessa verdade, então falta-nos apenas buscar estratégias que nos ajudem na implementação da tão valiosa ferramenta para maximizarmos o aproveitamento escolar e acadêmico dos petizes.
- ⇒ Parte III – Relação escola-família. Nesta parte do questionário, abordamos as relações entre as duas instituições sociais na perspectiva das ações dos

professores e da escola em relação à comunidade no sentido de proatividade nesta necessidade de aproximação. No gráfico 58-66, os PEE sinalizam positivamente, ou seja, entendem eles que os professores e a instituição escolar devem facilitar essa aproximação! Em nosso entender, eles estão mais familiarizados e em vantagem com as questões da educação escolar; por essa razão, faz sentido que se fale no seu protagonismo nesta matéria. Neste conjunto de gráficos os PEE afirmam ainda que os professores e a escola vão dando passos ao encontro desse desiderato, o que é agradável. Porém, é necessário sistematizar essas ferramentas para que as ações não sejam feitas isoladamente nem aconteçam ao acaso, porquanto aquilo que acontece por acaso não é avaliado nem mensurado de acordo com parâmetros e fins projetados no âmbito da necessidade de superação das mediocridades.

- ⇒ Parte VI – A escola e o aluno. Parece-nos importante saber o que pensam os PEE, nas três escolas, sobre a escola por eles escolhidas para seus filhos, bem como as condições físicas e humanas da mesma (gráficos 67-69). As respostas gravitam em torno das opções ‘boa’ e ‘muito boa’ (gráfico 67). Quanto às condições físicas encontramos as opções ‘fraca’ de forma considerável nas três escolas como se pode ver no gráfico 68. Quanto às condições humanas, os PEE são mais otimistas com percentagens mais altas nas três escolas (gráfico 69). Podemos inferir que há aqui um trabalho a fazer no sentido de rever e adequar as condições ou recursos humanos - que no entender dos PEE são bons - às estruturas físicas ou imóveis do circuito escolar, agregando postos médicos, bibliotecas, salas de teatro e congéneres!... Essa tarefa, porém, não depende somente da boa vontade, mas também e sobretudo das condições económico-financeiras do País e das ‘fatias’ orçamentais alocadas para o sector da educação que manifestam as verdadeiras intenções e políticas educativas do estado angolano em geral e do governo da Província do Namibe em particular. Era nessa perspetiva que abordávamos na fundamentação teórica páginas 18 a 22.
- ⇒ Questionados sobre como a escola pode melhorar (gráfico 70), os PEE apontam como solução, entre outras do mesmo gráfico, o acréscimo de outros profissionais tais como: profissionais qualificados, enfermeiros, psicólogos. Neste particular, vemos alguma incongruência, porquanto na classificação quanto às condições humanas os PEE das três escolas foram unânimes em mostrar no gráfico 69 que as escolas eram boas, ou seja, concordavam com as

condições humanas das escolas. Esta dificuldade mostra claramente a subjetividade nas respostas às questões sem a devida atenção ao carácter sistemático do questionário no seu todo.

- ⇒ Em relação à educação do aluno, tal como os professores, os PEE entendem que ela deve ser feita partilhando a responsabilidade entre famílias e escolas (Gráficos 71-75). Esta maneira de pensar parece-nos sincera e acertada porque muitos dos PEE são também e professores; e muitos dos professores são, eventualmente também Pais. Por força disso, sabem muito bem o que significa e implica ‘partilhar’ a educação do aluno/filho entre a escola e a família. Certamente a estratégia da comunicação escola-casa tem aqui um respaldo metodológico-sistemático.

### **5.3. A Perspetiva dos Alunos**

No inquérito às crianças, precisamos, a priori esclarecer que são todas da 6ª classe em ambas escolas. São, portanto, as mais crescidas da nossa amostra. Depois de termos estudado o que pensam os professores e os PEE, sobre todo esse processo de ensino e aprendizagem é chegada a hora de igualmente sabermos o que pensam as crianças sobre a sua própria formação, aliás, elas não são, nem devem ser sujeitos “passivos”, mas sim “ativos” em todo o processo de ensino e aprendizagem.

- ⇒ Na caracterização, quanto ao género, diferente dos professores e PEE, encontramos nos alunos algum ligeiro equilíbrio, com ligeira distância na escola H. Henda, onde o número feminino está sensivelmente mais alto do que o masculino. Quanto à idade, temos uma oscilação entre 10 a 16 anos, uma vez que o inquérito foi dirigido aos alunos da 6ª classe. Quanto interrogados sobre a profissão dos Pais, os alunos confirmam o que acima dissemos no inquérito dos PEE sobre a sua profissão ou ocupação. Também aqui, no gráfico 79, as crianças mostram que o estado angolano com a ‘função pública’ é o maior empregador e que há uma larga maioria sem emprego. São os indicados pelo gráfico como trabalhadores por ‘conta própria’, com maior percentagem na escola H. Henda, seguida da Pioneiro Zeca e finalmente Agostinho Neto. Portanto, vale também aqui, o que dissemos no Gráfico 35. Quando interrogados sobre com quem vivem, as crianças mostraram que grande parte delas vive com os Pais,

confirmando em grande medida os resultados do inquérito aos PEE, nos gráficos 33 e 34. Entretanto, não desvalorizamos as percentagens, ainda que relativamente menores, das crianças que vivem em diversos arranjos parentais em vez dos pais biológicos. Temos a percentagem mais alta na escola Hoji-Ya-Henda com 37,31% das famílias monoparentais.

⇒ II parte – «Tu, a família e a escola». Nesta parte do questionário (gráficos 81-87), os educandos expõem a sua perceção sobre os motivos que normalmente levam os PEE à sua escola. As opções de resposta às questões acima dos gráficos vão de nunca a sempre. Depreendemos através das respostas a este questionário, que os PEE vão à escola por todos estes motivos. Isso é muito positivo porque sinaliza o interesse e envolvimento destes, na tarefa educativa dos alunos e uma interação cada vez maior e melhor entre a escola e a família. Mas há algumas ausências impactantes e dignas de menção, como é o caso da escola P. Zeca no gráfico 83, onde encontramos 17,52% de ausência de PEE para conhecer sugestões para acompanhamento do educando nos estudos. Na escola P. Zeca a ausência de PEE é de 21,6%, para saber da assiduidade do educando às aulas. 18,55% de ausência de PEE para participar das diversas atividades da vida da escola, e, finalmente, 26,22% de ausência de PEE na escola A. A. Neto para tomar conhecimento quanto aos trabalhos de casa dos educandos. Concluimos, portanto, que por detrás de boas percentagens de PEE responsáveis, escondem-se, igualmente, outros que são negligentes que devemos persuadir sobre a importância da participação parental na educação escolar das crianças, como fizemos referência na página 31 a 33, quando abordamos a responsabilidade ou negligência dos PEE, qual variável condicionante do sucesso na tarefa educativa.

⇒ Os alunos dão importância à visita dos seus PEE à escola, independentemente do motivo da dessa visita (saber da sua assiduidade, reuniões de avaliação, festas, etc.), gráficos 88 e 89, porém, essa tendência é mais clara nas escolas A.A. Neto e na H. Henda. Isso mostra que para uma educação mais integral da pessoa humana deve haver envolvimento parental. Esse envolvimento é importante para as crianças enquanto incentivadas pelos PEE, mas também o é para os próprios Pais enquanto descobrem novas maneiras de fazer e de lidar com a educação dos menores! Essas ideias são teoricamente referidas na página 30, quando citamos Ebee L. Gross (2006). Quanto à relação entre PEE e os professores, para o

sucesso escolar, os alunos afirmam positivamente a sua importância de forma mais clara nas escolas H. Henda, seguida pela escola António A. Neto. Realmente, nos dias que correm a educação escolar necessita de abertura à comunidade para ser mais eficaz. Essa situação teórica abordamo-la na página 39, ao citar Martins Costa, (2010; Stoer e Silva, 2005). Os alunos ao responder positivamente a essas questões, revelam que gostam da escola e que a aproximação da escola à comunidade lhes é favorável, porquanto, a escola já não será estranha à comunidade e aos alunos, mas será parte integrante da comunidade; os professores não serão únicos ‘senhores da educação’ mas que os PEE e os próprios alunos poderão participar das decisões a tomar no processo de ensino e aprendizagem.

- ⇒ Interrogados sobre como gostariam que fosse a sua escola, os alunos apontam para vários itens em simultâneo, mas chama-nos atenção a reclamação do Jardim e baloiços em ambas três escolas. Neste particular é bom referir que a escola deve ser ‘*amiga da criança*’; deve proporcionar momentos de alegria e lazer à criança. Além desses aspetos, os alunos apontam igualmente para mais organização e mais exigência, apesar de afirmarem que gostam muito dos seus professores (gráfico 93). Portanto, à entrada na escola, os alunos criam expectativas. Elas podem ser satisfeitas ou frustradas no decorrer das atividades escolares e não só. Este aspeto teórico foi referido quando nas páginas 34 e seguintes.
- ⇒ Em relação a questão do gráfico 94 (como gostarias que fosse o teu professor), nas 3 escolas prevalece o desejo de que os professores sejam mais «*cuidadosos*» e «*divertidos*». Esses adjetivos apontam para a delicadeza ou amor dos professores em relação aos alunos. Esse aspeto concorre para a abordagem teórica da página 36 (expectativas dos educandos em relação à escola), onde mostramos a necessidade de os professores e PEE poderem circunstancialmente trocar papéis e serviços para diminuir o impacto da fobia ao ‘novo’ clima escolar, sobretudo para os novos alunos no sistema escolar, não acostumados a passar longas horas longe do lar e calor familiar! Os alunos acreditam unanimemente que a escola é fundamental para a vida (cf. gráfico 95). Essa consciência é importante para que o aluno se esforce e corresponda com os ideais e orientações quer da escola (professores), quer da família (PEE), uma vez que eles concebem igualmente que a sua educação deve ser feita tanto pela sua

família como pela escola (gráfico 96). Se ‘a união faz a força’, então temos aqui um triângulo do sistema educativo (escola, família e alunos) para melhorar o seu desempenho, a sua missão na comunidade. E os alunos nos gráficos 97 a 99 concordam com essa maneira de pensar, e com mais expressão a escola António A. Neto.

- ⇒ Na questão «Que profissão gostarias desempenhar no futuro?» (gráfico 100), os alunos respondem de forma muito divergente. Essa situação era expectável porquanto, as crianças não são todas do mesmo meio social, nem os pais têm a mesma situação social e salarial; não têm o mesmo rendimento mensal familiar e pessoal. Portanto, cada resposta reflete o meio social e familiar em que vive a criança. Não obstante isso, as crianças apresentam os seus sonhos, embora sempre partindo dos Pais e parentes mais próximos. É importante referir que as profissões da função pública com mais percentagem nos dois inquéritos a cima vistos continuam aqui nas crianças à frente das sondagens. Há uma grande tendência de as crianças enveredarem para os ramos da função pública, tais como: Professor e o sector da saúde; a seguir, vemos Engenheiros e Jornalistas com menor percentagem. Na Escola A. A. Neto, temos a maior percentagem de alunos com o sonho de ser professor, seguida da escola H. Henda com o mesmo sonho e, finalmente, a escola P. Zeca.

## CONCLUSÕES

*«Nunca faço previsões. Apenas olho através da Janela e vejo o que é visível, mas que não foi visto!»* (Peter Drucke 1997, citado por Martins Costa, 2010)

Nos dias que correm a criatividade e a inovação nas organizações são cada vez mais entendidas como caminhos para o sucesso de qualquer que seja a área de atividade a ser intervencionada! No sector da educação e em todo o processo de ensino e aprendizagem não podemos deixar de ser inovadores, na busca de resultados cada vez mais consentâneos com os novos tempos e novos ventos do querer e fazer acontecer a educação.

No nosso estudo de caso feito no agrupamento escolar ou ZIP2 do ensino primário de Moçâmedes (Angola), onde destacamos o papel de PEE, queremos uma escola cada vez mais inovadora passando por uma maior e melhor colaboração do tecido social como sendo a família e toda a comunidade educativa com a comunidade escolar, visando uma inclusão que concorra para a maximização dos bons resultados escolares e académicos, já que no entendimento de Martins Costa (2010), a escola inclusiva é aquela que deixa de ser inclusiva apenas dentro de portas para passar a incluir a comunidade envolvente.

As conclusões que passamos a apresentar assentam em quatro partes:

1. A primeira parte refletirá o exposto na fundamentação teórica, em conformidade com o material bibliográfico consultado.
2. No segundo momento faremos inferências com base nos resultados dos inquéritos.
3. No terceiro momento faremos uma avaliação do nosso trabalho refletindo sobre a envergadura positiva e negativa do mesmo.
4. Finalmente, no quarto momento, havemos de apontar algumas sugestões para a posteridade.

Em relação ao primeiro item temos as seguintes inferências:

- ✓ O estado angolano mostra indicadores de vontade de organização e otimização do sistema de ensino. Aliou para isso, a comissão de Pais e Encarregados de Educação por decreto presidencial nº 16/11, de 11 de janeiro de 2011, que

consta do Diário da República. Todavia, não basta a legislação para pôr a funcionar uma parceria entre a escola e família. É igualmente necessária a vontade de melhorar e mais do que isso, um conjunto de ações sistematizadas e sincronizadas para fazer acontecer na prática aquilo que foi legislado.

- ✓ A educação de base ou fundamental de um indivíduo parte de casa, do lar familiar onde o ser humano aprende, antes de ir à escola, as primeiras lições de vida (respeito pelos outros, pelos valores, etc.) (cf. Kiura, Gitau e Kiura, 2014).
- ✓ Comissão de Pais e Encarregados de Educação é fundamental no sistema de Ensino e aprendizagem, pois, visibiliza e potencia a qualidade da relação Família-escola e condiciona, em grande medida, o sucesso escolar e académico. Todavia, essa importante ferramenta carece de um uso sistemático; ou conceber programas de envolvimento parental sensíveis à todas as classes socio culturais e económicas, a fim de maximizar e otimizar os resultados escolares e académicos dos alunos.
- ✓ No nosso tempo, apesar de algumas tentativas tímidas de tornar independente o sector da educação, ele ainda continua excessivamente dependente do estado! Por essa razão, as políticas educativas dos países continuam ‘refêns’ do estado, e do seu O.G.E (orçamento geral do Estado), que as concebe, financia e, eventualmente, avalia, de acordo com os objetivos intentados. O nosso País, Angola, não escapa à regra. Zassala (2012, p.25), falando das políticas educativas em Angola, assegura-nos essa maneira de pensar ao dizer: «A política dessa reforma era baseada nos princípios da nacionalidade, laicidade, escolarização obrigatória, gratuidade, massificação, uniformidade do ensino, integridade da educação e a ligação escola-comunidade».
- ✓ Ao lado de boas políticas educativas, os Governos em África precisam igualmente trabalhar em prol de uma economia robusta para financiar e implementar as suas políticas educativas, sob pena de nunca acabarem com a fome e a pobreza, sendo que os empréstimos financeiros muitas vezes agravam e eternizam a pobreza, sobretudo quando mal-usados.

Em relação aos inquéritos temos as seguintes inferências:

- ✓ O desafio educativo passa necessariamente pelo envolvimento parental e familiar. Quanto à educação, os Pais e encarregados de educação bem como os professores, precisam de auto-superação para se envolver com a mente sempre

renovada na ingente e nobre tarefa educativa, sendo que os seus esforços atuais, nesse contexto particular não são ainda os desejados para maximizar os proveitos da relação escola-família (Pinto, 2017, p.119).

Os desafios que a família deve enfrentar no âmbito educativo são múltiplos; muitas vezes, os pais sentem-se despreparados perante essa tarefa. É imperioso recordar aos pais e encarregados de educação, o desafio da educação dos filhos para a qual recebem a incumbência no ato do casamento, seja ele celebrado na conservatória do Registo Civil ou na Igreja.

- ✓ A educação consiste numa introdução ampla e profunda na realidade global e em particular na vida social e é responsabilidade primária dos pais e o estado deve respeitar, tutelar e promover. Os Pais devem não só gerar filhos, mas também e sobretudo prepará-los para a vida através de uma educação integral em conformidade com as políticas sociais gizadas pelo estado e governo do País.
- ✓ A educação integral dos filhos realiza-se fundamentalmente através do interesse e participação dos Pais, quer nos deveres de casa, quer participando em diversas atividades escolares e extra-escolares. Afirma a propósito Martins Costa 2010, «O envolvimento parental na educação escolar dos educandos é considerado unicamente como essencial para uma verdadeira educação para a cidadania, para uma escola de valores, para uma educação participativa, no fundo, para a educação contemporânea».
- ✓ A classe socioeconómica dos pais condiciona o (in)sucesso académico e escolar do aluno. Entretanto, não basta que os PEE sejam da classe socioeconómica alta ou média alta para que haja sucesso académico e escolar do aluno, uma vez que os resultados dos inquéritos indicam que as variações de participação dos PEE no processo educativo dos alunos são mais de acordo com a sua condição socioeconómica do que com o estatuto socioeconómico e das habilitações literárias. Neste particular vale dizer que, as atitudes, do ponto de vista colaborativo dos PEE em relação à escola, são mais determinantes do que a sua condição socioeconómica.
- ✓ O desafio da educação e da transmissão dos conhecimentos é muitas vezes marcado por profundas mudanças no seio da família, condicionando a comunicação dos valores na realidade familiar. Todavia, essas transformações sociais e familiares podem ser relevadas, no que respeita a sua influência e

responsabilidade educacional, se tivermos em conta que tudo evolui e tem o seu propósito ou perspectiva positiva.

- ✓ Se a educação integral da criança é inseparável de uma sã convivência familiar, então pode-se compreender como as situações difíceis ou irregulares na família—como por exemplo a monoparentalidade podem agravar a complexidade do processo educacional e conseqüentemente o processo de ensino e aprendizagem. Aliás, no que respeita o tema da educação, os próprios pais muitas vezes sentem-se inseguros, de tal forma que no momento de transmitir valores permanecem sem palavras e embora considerem a educação importante, delegam esta tarefa à instituição escolar. Isso parece demonstrar uma fragilidade da parte dos pais e Encarregados de educação!
- ✓ As escolas, nos seus vários níveis, desempenham um papel importante na transmissão de valores e de conteúdos curriculares às crianças e contribuem, em grande medida, para a tarefa educativa dos pais. Esta situação resulta relevante de forma especial naquelas situações em que o estado invade de modo particular os processos educativos procurando privar a família da responsabilidade de educar que lhe é própria por natureza. Neste sentido o tecido social deve reivindicar o primado da família como verdadeiro sujeito do processo educacional para a qual concorrem em colaboração a escola e a comunidade.
- ✓ Uma atenção especial deve ser dirigida àquelas crianças cujas famílias são instáveis ou irregulares e que podem ressentir particularmente da situação dos pais (Pinto, 2017, p.118). A este propósito podem formular-se projetos e métodos que anulem a percepção da distância, mais inclusão; que possam transmitir em maior medida o acolhimento, acompanhamento e integração pedagógica de maneira a não gerar na criança em questão, a ideia de uma rejeição ou discriminação dos pais, já que, «irregulares» devem ser sempre as ‘situações’, não as pessoas.
- ✓ As boas relações entre pais e professores concorrem para o sucesso escolar e académico dos alunos; criam mais envolvimento dos pais e despertam maior interesse destes no processo educativo dos filhos. Todavia, os professores e a escola devem ser proactivos quanto à necessidade de aproximação entre a escola e a comunidade; entre pais e professores, porquanto, estão em melhores condições de o fazer do que os PEE.

Depois das inferências resultantes dos inquéritos, passamos a avaliar o nosso trabalho, tendo como balizas a envergadura positiva e negativa do mesmo.

- ✓ À partida queremos dizer que o nosso trabalho não pretende dar respostas aos problemas de todo o ‘universo’ de ensino e aprendizagem, nem pretende generalizar os seus resultados. É um trabalho que tem os seus limites, já que está circunscrito num determinado espaço geográfico concreto (estudo de caso, na ZIP2). Mas apesar disso ele pode ser usado como referência por muitos agentes educativos lá onde os contextos e as circunstâncias forem semelhantes. Neste particular, refere Martins Costa 2010 p.301: «o estudo de caso de natureza qualitativa não permite a generalização das conclusões obtidas ao universo escolar e familiar, em termos regionais e muito menos à escala nacional».
- ✓ Tivemos dificuldades no acesso às fontes Bibliográficas e às amostras para os inquéritos nas três escolas da ZIP2, não por falta de colaboração das Direções das mesmas, mas dos próprios professores e alguns PEE que não mostraram colaboração à medida das nossas expectativas. Mas ainda assim, este facto não pôde colocar em risco o nosso trabalho.
- ✓ A distância e limitação geográfica com o tutor foi outra dificuldade que nos dignamos realçar. Entrementes, a força de vontade, o foco e a determinação poderão sobrepor-se a todas essas adversidades

## **RECOMENDAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Para sugestões gostaríamos de recomendar os seguintes pontos:

1. As leis e os decretos do estado angolano, bem como os despachos de nomeações do sector da educação em relação à cooperação escolas e CPEE, sejam doseadas e acompanhadas de verdadeiros programas práticos, sistematizados e direcionados à relação escola-família.
2. As escolas, por seu turno, devem adequar ou miniaturizar as orientações de participação parental e familiar às especificidades da sua própria escola, tendo em conta o aspeto social e as políticas de inclusão, uma inclusão que vai para ‘além dos portões da escola’ chegando até à comunidade.
3. A escola deve ser ‘amiga da criança’, isto é, deve proporcionar atrativos, alegria e bem-estar. Deve aliar o útil ao agradável. A criança vai à escola para aprender,

todavia, enquanto aprende deve divertir-se, sob pena de fobia escolar e/ou fadiga que pode concorrer para o absentismo.

4. Pagnar, à medida do possível, por um ensino com o uso de instrumentos e técnicas audiovisuais, já que ajudam na assimilação dos conteúdos, especialmente para crianças com dificuldades de aprendizagem.
5. Aliar a teoria dos conteúdos curriculares à prática das atividades extracurriculares das crianças para facilitar e maximizar a assimilação dos conteúdos. Une-se assim o útil ao agradável e a aprendizagem é significativa!
6. As escolas devem dar o primeiro passo na busca da otimização da relação escola-família, já que estão em melhores condições de o fazer do que os PEE. Não esquecer que o sucesso académico inclui uma ótima e efetiva relação escola, família, alunos.
7. Criar nas escolas um gabinete de PEE para servir de elo de ligação entre as famílias e a escola; desenvolver na escola *workshops* com teor formativo e “superacional” de modo a ajudar as famílias a vencer a letargia ou preconceitos com a escola e envolver-se mais eficazmente na tarefa educativa.
8. As direções das escolas elaborem os seus projetos educativos em colaboração e mútuo acordo com os representantes dos PEE. A participação dos PEE no processo educativo deve ser concreta e vinculadora.
9. As escolas e o núcleo de PEE devem rever o número de alunos por turma, que no nosso entender não deve passar de 30, para permitir que o professor conheça bem cada um dos seus alunos garantindo um ensino personalizado e de qualidade, o que implica o aumento de salas de aulas nas escolas.
10. Que os professores não sejam únicos ‘*senhores da educação*’, mas que os PEE e os próprios alunos participem das decisões a tomar no processo de ensino e aprendizagem.
11. Que os Professores conheçam as famílias dos seus alunos, se possível façam visitas domiciliárias para que, conhecendo as suas reais condições socioeconómicas e financeiras possam entendê-los melhor em contexto escolar e em sala de aulas!

### **Para a Família recomendamos o seguinte:**

- Sendo que a educação acompanha a nossa vida em todos os seus estágios, os pais devem ser os primeiros protagonistas da mesma.
  - Que a família continue a ser o berço da Vida e dos valores e célula da sociedade! Para isso é importante e imperioso o testemunho exemplar dos Pais, sua participação nas instituições de socialização (escola e Igreja) para catalisar positivamente a educação dos filhos.
  - Que haja mais diálogo e transparência no seio da família. Sem diálogo é impossível a educação.
  - Que haja mais liberdade no seio familiar; uma liberdade temperada ou regulada pela responsabilidade. Sem liberdade é impossível educar pessoas responsáveis. Só os livres podem ser responsáveis.
  - Exercitar a paciência! Qualquer educador ou formador precisa do exercício da paciência, sem a qual a tarefa educativa torna-se cada vez mais difícil!
  - Buscar aliados ou parcerias na tarefa educativa das futuras gerações: a Igreja, a escola, a comunidade e toda a sociedade. A instituição familiar, para poder educar de forma integral ou multifacetada os indivíduos, precisa de passar incontornavelmente por essas instituições sociais e socializantes!

## REFERÊNCIAS

1. Almeida, L.S. & Freire, T. (2008). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação* (5ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.
2. Angers, M. (2003). *A sociologia e o conhecimento de si*. ed. Saint-Martin.
3. Arenilla, L.; Gossot, B.; Rolland, M.; & Roussel, M. (2013). *Dicionário de Pedagogia* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
4. Bahia, S. & Oliveira, E.P. (2013). Diferenças individuais e necessidades de aprendizagem. In F. H. Veiga (Coord.), *Psicologia da Educação*. Lisboa: Climepsi.
5. Bandura, A. (1986). *Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
6. Boavida, J., & Dujo, A. G. D. (2007). *Teoria da Educação (contributos Ibéricos)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
7. Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução às teorias e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
8. Campos, C. M. (2014). *Gestão escolar e Docência*. S. Paulo: Ed. Paulinas.
9. Cebolais, R. I. D. (2010). *A valorização da relação família – escola*. Dissertação de Mestrado em Ciências de Educação não publicada. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas na Universidade Lisboa.
10. Colom, A. J. (2004). *A (Des)Construção do conhecimento pedagógico, Novas perspectivas para a Educação*. Porto Alegre: Artmed.
11. Costa, H. N. M. (2010). *Relação Família Escola: duas realidades. Uma visão da ecologia humana*. Dissertação de Doutoramento em Ciências de Educação. Faculdade de Ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa.
12. Cury, A. (2012). *Pais brilhantes, Professores fascinantes: como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Pergaminho.
13. De Beni, M.; Bommassar, R., & Grossele, L. (2004). *Psicologia e Sociologia* (2ª ed.). S. Paulo.
14. Edwards, C.; Gandini, L. & Forman, G. (1999). *As cem linguagens da criança*. Porto Alegre: Artmed.
15. Epstein, J. (2011). *School, Family, And Community Partnerships: Preparing Educators and Improving Schools* (2<sup>nd</sup> ed.). New York: Routledge

16. Feiteira, M. M. R. F. C. (2007). *A Participação dos encarregados de educação na organização da escola*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Departamento de Ciências de Educação, Universidade de Aveiro.
17. Fontana, D. (2002). *Psicologia para Professores* (2ª ed.). S. Paulo: Loyola.
18. Gallino, L. (2005). *Dicionário de Sociologia* (2ª ed.). S. Paulo: Ed. Paulinas.
19. Gaspar, P. & Diogo, F. (2010). *Sociologia da Educação e Administração escolar*. Porto: Plural editores.
20. Gaspar, P., & Diogo, F. (2013). *Sociologia da Educação e Administração escolar*. Porto: Plural editores.
21. Grifa, M.C. & Moreno, J.E. (2012). *Chaves para a Psicologia do desenvolvimento* (8ª ed.). S. Paulo: Paulinas.
22. Hadji, C. (2001). *Pensar e agir a Educação; da inteligência do desenvolvimento ao desenvolvimento da inteligência*. Porto Alegre: Artmed.
23. Herbert, M. L.; Goyette, G., & Boutin, G. (2010). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
24. Huelin, B.P. & Gross, E.L. (2006). *Conheça os seus filhos: Testes dos 7 aos 12 anos*. S. Paulo: ed. Paulinas.
25. Ketele, J., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
26. Kiura, J; Gitau, R.; & Kiura, A. (2014). *A vida e o amor: Orientações para Pais e Educadores*. S. Paulo: Paulinas.
27. Lopez, D.; Piera, V.; & Klainer, R. (2004). *Diálogos com crianças e jovens*. Porto Alegre: Artmed.
28. Machado, N. J. (2011). *Epistemologia Didáctica: As concepções de conhecimento e Inteligência e a prática docente* (7ª ed.). S. Paulo: Cortez.
29. Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2016). *Fundamentos de Metodologia Científica* (7ª ed.). S. Paulo: Atlas.
30. Maton, K. & Moore, R. (eds) (2010). *Social Realism, Knowledge and the Sociology of Education: Coalitions of the mind*. London: Continuum.
31. Medeiros, E. O. (2010). *A educação como Projecto: desafios de cidadania*. Lisboa: Instituto Piaget.
32. Mialaret, G. (1999). *Psicologia da educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
33. Moreira, L., & Carvalho, A. M.A. (2010). *Família e Educação* (2ª ed.). S. Paulo.

34. Morfaux, L.M., & Lefranc, J. (2005). *Dicionário da Filosofia e das Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
35. Mota, M.; Paiva, M. G.; & Trindade, V. (2004). *Tendências contemporâneas em Psicopedagogia*. Petrópolis: Vozes.
36. Paro, V.H. (2012). *Administração escolar. Introdução crítica* (16ª ed.). S. Paulo: Cortez.
37. Piletti, C. (2007). *Didáctica geral* (23ª ed.). S. Pedro: Ática.
38. Piteira, M. (2014). *Construção social da inovação*. Lisboa. Clássica editora.
39. Pinto, E. P. (2017). *O envolvimento das famílias no processo de ensino – aprendizagem: Estudo de caso na escola missionária de Santo Estêvão, Benguela*. Dissertação de Mestrado em Administração e Gestão da Educação na Universidade Portucalense.
40. Rela, J.M. Z. (2008). *Angola, o futuro já começou* (2ª ed.). Luanda: Nzila.
41. Relvas, A. P. & Aragão, M. (2007). *Novas formas de Família* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto.
42. Rodrigues, D. (2011). *Educação Inclusiva: Dos conceitos às práticas de formação*. Lisboa: Instituto Piaget.
43. Sabino, S. (2012). *O Afecto na Prática Pedagógica e na Formação docente: Uma presença silenciosa*. S. Paulo: ed Paulinas.
44. Sarmiento, T. (2005). Repensar a Educação. *Revista portuguesa de Educação*, vol. 8, nº1.
45. Silvestre, H. C. & Araújo, J. F. (2012). *Metodologia para Investigação social*. Lisboa: Escolar editora.
46. Snyder, L.J.S. (2009). *Psicologia Positiva*. Porto Alegre: Artmed.
47. Veiga, A. (2012). *A educação hoje: a realização integral e feliz da pessoa humana*. Lisboa: Ed. Perpétuo Socorro.
48. Zanten, A. V. (2011). *Dicionário de Educação*. Petrópolis: Vozes.
49. Zassala, C. (2012). *Orientação escolar e Profissional em Angola*. Luanda: Mayamba editora.
50. Zattoni, M. (2005). *Tempestade na Família: as relações familiares e a Adolescência*. S. Paulo: Paulinas.

## ANEXOS

### Anexo I – Pedido de autorização à Direção Provincial da Educação

*Autorizado  
Mica  
19/4/07*

DIREÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO NAMIBE	
ENTRADA Nº 227	PROCESSO Nº 527
LIVRO Nº 02	FOLHA Nº 144
EM 19/04/07	Emilia B. J.

**REQUERIMENTO**

EXCELENCIA SR.  
DIRECTOR PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, DO NAMIBE

EU, BARTOLOMEU AFONSO, PROFESSOR DO IIº CICLO DIPLOMADO DO 8º ESCALÃO, AGENTE Nº 11248602; B.I. Nº 005209444BA047; CARTÃO DE ESTUDANTE Nº36546-UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

NO ÂMBITO DA REALIZAÇÃO DE UMA TESE DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO, NA ÀREA DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO, TENDO NECESSIDADE DE EFECTUAR UM QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS DOCENTES, À COMISSÃO DE PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO E AOS ALUNOS DAS ESCOLA DO 1º NÍVEL DO MUNICÍPIO DO NAMIBE, VENHO POR ESTE MEIO SOLICITAR AUTORIZAÇÃO PARA APLICAR O MESMO NESTE AGUPAMENTO DE ESCOLAS OU ZIP CENTRAL.

O QUESTIONÁRIO DESTINA-SE A RECOLHER DADOS RESPEITANTES ÀS RELAÇÕES ESCOLA-FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO MUNICÍPIO DO NAMIBE PARA POSTERIORMENTE SERVIREM DE AMOSTRA PARA A ELABORAÇÃO DO MESTRADO A CIMA CITADO

SEM MAIS, AGRADEÇO ANTECIPADAMENTE TODA A COLABORAÇÃO POSSÍVEL!

COM OS MEUS MELHORES CUMPRIMENTOS

ATENTAMENTE

BARTOLOMEU AFONSO, f.d  
*Bartolomeu Afonso, f.d*

**PEÇO DEFERIMENTO**



REPÚBLICA DE ANGOLA  
**GOVERNO PROVINCIAL DO NAMIBE**  
DIRECÇÃO PROVINCIAL DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

C/C  
Secretária do Director Provincial

ÁO  
SENHOR BARTOLOMEU AFONSO  
= N A M I B E =

Sua referencia

Vossa Comunicação

Nossa referencia

20/04/2016

542/5<sup>a</sup>/ GAB/DPECTN/2016

Os nossos respeitosos cumprimentos

Devidamente autorizado por Sua Excelência Senhor Director Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia do Namibe, vimos por esta transcrever e remeter o despacho recaído no S/ Requerimento, cujo teor é o seguinte:

Despacho

"Autorizo

Rubrica: Dr. Pacheco Francisco  
(Director Provincial)

19-04-2016

= Está conforme =

Secretaria – geral da Direcção Provincial da Educação, Ciência e Tecnologia do Namibe, 20 de Abril de 2016

O Responsável pela Secretaria

GÉRCIO ROGÉRIO SAPALALO

---

NAMIBE, TERRA DA FELICIDADE

## Anexo II - Inquérito a Pais e Encarregados de Educação da ZIP2

### INQUÉRITO A PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DA ZIP2

**Obs.:** Este inquérito destina-se a fundamentar o trabalho de investigação que pretendemos realizar no âmbito da tese de Mestrado

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais, pelo que, não precisas de te identificar em nenhures deste questionário todavia agradecemos o favor de responder a todas as questões com a máxima sinceridade, pois, a legitimidade deste estudo de caso depende dessa condição essencial!

*Gratos pela sua colaboração!*

#### 1ª PARTE

#### CARACTERIZAÇÃO DEMOGRAFICA E SOCIOECONÓMICA

1. Sexo                                      Masculino                                       Feminino

1 Idade:

Menos de 25 anos  
De 25 a 30 anos  
De 31 a 35  
Mais de 35

2 Nacionalidade: \_\_\_\_\_

3 Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_

4 Composição do Agregado Familiar:

Mãe    Pai    Aluno    Nº- Irmãos    Avó    Avô    Tio    Tia  
Outros \_\_\_\_\_

5 Profissão: \_\_\_\_\_

6 Habilitações Académicas

Não sabe ler nem escrever                                      \_\_\_\_\_  
Sabe ler e escrever, mas não tem a 6ª Classe                                      \_\_\_\_\_  
Tem o Iº Ciclo (até a 9ª classe)                                      \_\_\_\_\_  
Tem frequência do IIº Ciclo                                      \_\_\_\_\_  
Concluiu o IIº ciclo  
Frequenta o Ensino superior  
Tem Curso Superior

7 Reside no mesmo bairro ou comuna da escola do seu educando?

Sim                                       Não

8 Considerando que a sociedade angolana está subdividida em classes socioeconómicas, em que classe te incluirias?

Classe baixa  
Classe média baixa  
Classe média  
Classe média alta  
Classe alta  
Nenhuma destas

9 Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento individual mensal?

Menos que o salário mínimo (15.000.00kz)

O ordenado mínimo 16.500 kz

O ordenado mínimo - até 50.000 kz

Entre os 50 – 100.000 kz

100 - 150.000 kz

Mais de 150.000 kz

10 Qual dos seguintes escalões corresponde ao seu rendimento familiar (mensal líquido)?

Menos que o ordenado mínimo (300.000 kz)

Salário individual mínimo

O salário individual mínimo até 50.000kz

Entre os 50 - 100.000 kz

100 – 150.000 kz

Mais de 150.000 kz

## II - PARTE

### RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA

1- Indique a(s) razão(ões) que o levaram a optar pela escola atual do seu educando?

É uma escola segura e apetrechada.

Garante uma melhor qualidade de ensino

Tem um horário escolar compatível com o horário do encarregado de educação

É mais acessível financeiramente

Conheço / confio nos professores e funcionários da escola

Outra razão

---

2- Apoia o seu educando nos trabalhos de casa

Sim

Não

2.1- Se sim:

Raramente

Algumas vezes

frequentemente

2.2- Se não, qual é a razão

Não me sinto preparado

Não tenho disponibilidade

O aluno tem apoio extra-escolar

Outra razão

3- Na tua opinião, qual é a importância dos pais na preparação dos filhos para a vida?

Nada importante       Pouco importante       Importante       Muito importante       Essencial

4- Com que frequência fala com o professor do seu Educando?

Nunca       Quando me chamam       Algumas vezes       Muitas vezes       Sempre

5- Considere que o seu horário laboral é funcional relativamente à participação em reuniões (de pais, de avaliação, etc.) ou em atividades letivas (participação em festas comemorativas, colaboração em atividades dentro e fora da sala de aula).

Sim       Não

6- Colabora com frequência nas atividades/ reuniões da escola?

Sim       Não

6.1- Se sim:

Raramente       Quando me convidam       Frequentemente

6.2- Se não, qual a razão?

Sinto-me pouco à vontade para ir à escola.

Incompatibilidade do horário laboral com o horário letivo do aluno

Falta de incentivo da escola

Considero pouco necessária a minha presença na escola

7- Como classifica a sua participação na escola do teu educando?

Ativa

Passiva

Expectante

Colaborante

Observadora

Questionadora

Outra

8- Quanto maior participação do encarregado de educação na Escola, melhores os resultados escolares dos alunos.

Verdadeiro

Falso

9- Não deve haver interferência entre professor e encarregado de educação, cada um tem o seu papel.

Verdadeiro

Falso

10- Como se deve melhorar a relação família-escola?

Reunião diversas

Ação de formação para encarregado de Educação

Participação em atividades letivas (festas, comemorações, aulas, etc.)

Participação em atividades extra-letivas dos alunos

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Outra(s) \_\_\_\_\_

11- A relação entre encarregados de educação e professores é muito importante para o sucesso escolar do aluno.

Sim

Não

11.1 Se respondeu **sim**, coloque por ordem de importância (1 à 3) as seguintes opções:

a) Cria um maior envolvimento das famílias

b) Desperta uma maior preocupação/ interesse dos pais pela vida escolar

c) Fomenta a colaboração em atividades

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

12- Na sociedade atual, a maior responsabilidade da educação das crianças cabe à escola.

Discordo  
Completamente

Discordo

Nem concordo  
Nem discordo

Concordo

Concordo  
Totalmente

### III – PARTE RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

1- O professor e a escola têm um papel importante na relação entre os pais e a comunidade?

Nunca

Raramente

Algumas vezes

Muitas vezes

Sempre

2- A escola deve incentivar as famílias a envolverem-se mais nas suas atividades?

Discordo  
Completamente

Discordo

Nem concordo  
Nem discordo

Concordo

Concordo  
Totalmente

3- O professor do meu educando costuma realizar atividades destinadas a integrar os Encarregados de Educação no processo educativo?

Sim  Não

4- Sente, por parte da escola, alguma preocupação com a família?

Sim  Não

4.1- Se respondeu **sim**, descreva como

---

---

4.2- Se respondeu **não**, descreva como

---

---

5- Tem conhecimento do regulamento da Escola?

Sim  Não

6- Considera que está representado nos órgãos da Escola?

Sim  Não

7- Se os encarregados de educação estiverem representados por uma Comissão de pais, considera que isso por si só permite sucesso escolar? Ou ainda faltará algo?

Sim  Não

Se respondeu **sim**, ou **não**, diga porquê?

---

---

8- Sente-se informado sobre as diversas questões ligada à escola do seu educando?

Sim  Não

8.1- Se respondeu **sim**, com?

Conheces algumas leis sobre o ensino básico.

A escola entrega periodicamente registos informativos sobre questões da escola

O professor informa das atividades que vai desenvolver

É convidado frequentemente a vir a escola.

---

---

---

#### IV – PARTE A ESCOLA E ALUNO

1- Como classifica, de uma forma global, a escola do seu educando?

Péssima Fraca Razoável Boa Muito boa

2- Como classifica as condições físicas da escola (por exemplo a existência ou não de biblioteca, sala de Informática, ginásio, refeitório, etc.)?

Péssima  Fraca  Razoável  Boa  Muito boa

3- Como classifica as condições humanas ( por exemplo: qualidade dos professores, qualidade dos funcionários e do pessoal técnico especializado)?

Péssima  Fraca  Razoável  Boa  Muito boa

4- Como a escola do seu educando poderia melhorar?

Colocação de novo mobiliário escola \_\_\_\_\_  
Melhoria dos espaços físicos \_\_\_\_\_  
Outros profissionais qualificados (enfermeiros, psicólogos, etc.) \_\_\_\_\_  
Outro \_\_\_\_\_

5- Em relação ao ato de educar o aluno, como deve ser realizado?

- a) Exclusivo das famílias \_\_\_\_\_
- b) Exclusivo das escolas \_\_\_\_\_
- c) De ambas as partes de igual modo \_\_\_\_\_
- d) As famílias têm o papel principal \_\_\_\_\_
- e) A escola tem o papel principal \_\_\_\_\_

6- Para haver sucesso escolar, aprendizagens significativas e melhoria da instituição escolar, tem de se ter sempre em conta a conjunção de esforços das famílias, de professor e dos alunos.

Discordo Completamente       Discordo       Nem concordo Nem discordo       Concordo       Concordo Totalmente

7- Qual a relação que tem com o seu educando?

Péssima  Fraca  Razoável  Boa  Muito boa

8- Será que a relação com o seu educando influencia o aluno na obtenção de sucesso escolar?

Sim  Não

9- Como classificas a tua relação com a escola do teu educando?

Péssima  Fraca  Razoável  Boa  Muito boa

10- Será que a tua relação com a escola tem influência no resultado escolar do educando?

Sim  Não

## Anexo III - Inquéritos aos professores

Este questionário destina-se a fundamentar o trabalho de investigação que pretendemos realizar no âmbito da tese de Mestrado

Os dados recolhidos são absolutamente confidenciais, pelo que agradecemos que não se identifique em qualquer lugar.

Pedimos o favor de responder a todas as perguntas com a máxima sinceridade pois a legitimidade deste estudo de caso depende dessa condição essencial.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

### I – PARTE CARACTERIZAÇÃO

1- Sexo                      Masculino                       Feminino

2- Idade: \_\_\_\_\_

3- Formação Académica

Téc. Médio  
Bacharel  
Licenciatura  
Mestrado  
Doutoramento

4- Situação profissional:

Professor quadro efetivo da escola  
Professor em quadro de zona pedagógica  
Professor eventual ou voluntário

5- Anos de serviço: \_\_\_\_\_

6- Anos que leciona: \_\_\_\_\_

### II – PARTE RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

1- A relação entre encarregado de educação e professores é muito importante para o sucesso escolar do aluno?

Sim                       Não

1.1- Se respondeu **sim**, coloque por ordem de importância (1 a 3) as seguintes opções:

Cria um maior envolvimento das famílias \_\_\_\_\_  
Desperta uma maior preocupação/ interesse pela vida escolar \_\_\_\_\_  
Fomenta a colaboração em atividades \_\_\_\_\_

2- Como classifica a participação dos Encarregados de Educação na escola?

Ativa  
Passiva  
Expectante  
Colaborante  
Observadora  
Intromissiva  
Outra \_\_\_\_\_

**3-** Na relação família escola, a escola consegue fazer esforço de modo a melhorar a mesma em prol dos estudantes.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discordo Completamente	Discordo	Nem concordo Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

**4-** A classe socioeconómica é determinante para o sucesso escolar do aluno.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discordo Completamente	Discordo	Nem concordo Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

**5-** Qual ou quais as classes sociais que mais participam na escola no processo educativo do aluno?

Classe baixa  
Classe média baixa  
Classe média  
Classe média alta  
Classe alta  
Nenhuma

**6-** Qual ou quais as classes sociais que estão mais informadas/ participativas sobre as questões relativas a escola?

Classe baixa  
Classe média baixa  
Classe média  
Classe média alta  
Classe alta  
Nenhuma

7- Os encarregados de educação estão muito ocupados para vir à escola, para participar em reuniões, atividades, etc?

Sim

Não

7.1- Se respondeu **sim**:

Horário laboral incompatível \_\_\_\_\_

Desinteresse \_\_\_\_\_

Sentem-se inibidos face à escola \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

7.2- Se respondeu **não**:

Horário laboral compatível \_\_\_\_\_

Interesse \_\_\_\_\_

Preocupação pela vida escolar do aluno \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

### III – PARTE RELAÇÃO ESCOLA – FAMÍLIA

1- Os professores devem preparar as reuniões com os encarregados de educação.

Discordo  
Completamente

Discordo

Nem concordo  
Nem discordo

Concordo

Concordo  
Totalmente

2- Coloque por ordem crescente as estratégias que utiliza nas reuniões de pais

Dar a conhecer aos pais previamente, a ordem de trabalho

Fazer uma receção aos pais

Preocupar-se com o aspeto da sala

Mostrar aos encarregados de educação os trabalhos dos educandos

Convidar uma pessoa para falar sobre um tema

Colocar questões para serem discutidas

Outra \_\_\_\_\_

3- O seu projeto curricular de turma envolve a participação dos pais e encarregados de educação.

Nunca

Raramente

Algumas vezes

Muitas vezes

Sempre

4- Indique uma percentagem aproximada de encarregados de educação que vão às reuniões/ atividades propostas por si.

Menos de 10%

10 a 40%

40 a 60%

60 a 90%

mais de 90%

5- Qual será o papel do professor para uma boa relação família/escola e, consequentemente, Para a melhoria do aproveitamento escolar do aluno?

Assertivo

Interventivo

Observador

Mediador

Outra (de que tipo?) \_\_\_\_\_

6- A sua escola tem alguma preocupação com as famílias dos alunos?

Sim  Não

6.1- Se respondeu **sim**, diga como?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7- A relação família/escola beneficia da representação dos encarregados de educação em Associação de pais?

Discordo  
Completamente

Discordo

Nem concordo  
Nem discordo

Concordo

Concordo  
Totalmente

#### IV – PARTE

#### A ESCOLA E O ALUNO

1- Como classifica de uma forma global a escola onde leciona?

Péssima

Fraca

Razoável

Boa

Muito boa

2- Como classifica as condições físicas da escola (por exemplo a existência ou não de biblioteca, sala de informática, ginásio, refeitório)?

Péssima

Fraca

Razoável

Boa

Muito boa

3- Como classifica as condições humanas (por exemplo: qualidade dos professores qualidade dos funcionários e do pessoal técnico especializado)?

Péssima

Fraca

Razoável

Boa

Muito boa

4- Como a escola poderia melhorar?

Colocação de novo mobiliário escola \_\_\_\_\_

Melhoria dos espaços físicos \_\_\_\_\_

Outros profissionais qualificados (pediatras, psicólogos, etc.) \_\_\_\_\_

Outro \_\_\_\_\_

5- Em relação ao ato de educar o aluno, como deve ser realizado?

- Exclusivo das famílias
- Exclusivo das escolas
- De ambas as partes de igual modo
- As famílias têm o papel principal
- A escola tem o papel principal

6- Para haver sucesso escolar, aprendizagens significativas e melhoria da instituição escolar, tem de se ter sempre em conta a conjugação de esforços das famílias, de professores e dos alunos.

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Discordo Completamente	Discordo	Nem concordo Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente

7- O ambiente familiar é importante para o sucesso escolar do aluno?

Sim  Não

7.1- Justifique:

---

---

8- Qual a relação que tem com os encarregados de educação?

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Péssima	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa

9- Será que a relação do professor com os encarregados de educação influencia o aluno na obtenção do sucesso escolar?

Sim  Não






## Anexo IV - Inquérito aos alunos da ZIP2

### I – PARTE CARACTERIZAÇÃO

- 1- Sexo                      Masculino                       Feminino
- 2- Idade \_\_\_\_\_
- 3- Nacionalidade \_\_\_\_\_
- 4- Com quem vives:  
\_\_\_\_\_






### II – PARTE TU, A FAMÍLIA E A ESCOLA

- 1- O teu encarregado de educação vem à escola para:

	Nunca 	Raramente 	Algumas Vezes 	Muitas Vezes 	Sempre 
Saber do teu aproveitamento escolar					
Saber do teu comportamento					
Conhecer sugestões para te acompanhar nos teus estudos					
Saber da tua assiduidade (faltas as aulas)					
Participar e/ou assistir as festas ou a outras atividades					
Assistir às reuniões de avaliação					
Tomar conhecimento se fazes os trabalhos de casa					






- 2- Achas importante que o teu encarregado de educação venha à escola?

Nunca                       Raramente                       Algumas vezes                       Muitas vezes                       Sempre

- 3- Os encarregados de educação devem participar nas actividades da escola?

Nunca                       Raramente                       Algumas vezes                       Muitas vezes                       Sempre

4- É importante para o teu sucesso escolar a relação entre o encarregado de educação e os professores?

Nunca



Raramente



Algumas vezes



Muitas vezes



Sempre



5- Gostas da escola?

Sim



Não



5.1- Se sim, diz as razões

---

---

5.2- Se não diz as razões

---

---

6- A escola é fundamental para vires a ser um melhor adulto?

Sim



Não



7- Por quem deve ser feita a tua educação?

Só pelas famílias

---

Só pela escola

---

Pela escola e pela família de igual modo

---

A minha família tem o papel principal

---

A escola tem o papel principal

---

8- Achas que a escola, a família e os alunos unidos melhoram a escola?

Sim



Não



9- A ajuda da tua família é importante para teres sucesso escolar?

Sim



Não



10- Para teres sucesso na escola, é importante gostar da escola?

Sim



Não

